

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
LUCIANO CÉSAR ALVES DE DEUS**

A UNIDADE INFORMACIONAL DE TÓPICO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2008

Luciano César Alves de Deus

A UNIDADE INFORMACIONAL DE TÓPICO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Àrea de Concentração: Língüística Aplicada

Linha de Pesquisa: Linha F – Estudos em Línguas Estrangeiras: Ensino/Aprendizagem, Usos e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Tommaso Raso

Co-orientadora: Profa. Dra. Heliana Mello

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2008

*Dedico este trabalho aos meus pais, aos meus
irmãos e à parcela da sociedade brasileira que ainda está
excluída dos processos educacionais que podem
transformar vidas.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de LUZ, pela superação de todas as dificuldades e por ter colocado em meu caminho pessoas que me ajudaram a chegar ao final de mais uma etapa em minha vida.

A Tommaso Raso pelo constante e incessante acompanhamento antes e após a formalização da orientação. Agradeço também pelo esforço pessoal e profissional empreendido para que concluíssemos com êxito esse trabalho e desejo muito sucesso na implementação e condução do Projeto C-ORAL BRASIL.

A Heliana Mello pelo imensurável crescimento pessoal e profissional proporcionado durante todo nosso convívio. Agradeço ainda pela oportunidade de formação, em todos os sentidos, vivenciada desde a graduação em que cursei a disciplina Fundamentos Pedagógicos. As experiências pessoais e profissionais vivenciadas no CENEX (Centro de Extensão da Faculdade de Letras), no grupo APPA (Ações e Percepções de Professores e Alunos na Sala de Aula Língua Inglesa), e no projeto EDUCONLE (Educação Continuada de Professores de Línguas Estrangeiras) foram imprescindíveis para que eu me tornasse quem sou hoje.

A Cresti e Moneglia por contribuírem para que este trabalho se tornasse realidade através da realização de cursos, aulas práticas e discussão detalhada de problemas encontrados na nossa amostra.

A Deise Dutra por também ter aberto as portas para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Os tempos de APPA, CENEX E EDUCONLE nunca serão esquecidos. Ainda me recordo da primeira entrevista em inglês. Obrigado por tudo.

A Nilma Gomes, coordenadora do Projeto “Ações Afirmativas na UFMG”, que através do projeto despertou em mim a consciência de meu pertencimento étnico-racial, da minha responsabilidade social e o forte desejo de contribuir para uma mudança na sociedade brasileira em busca da igualdade de oportunidades à todos. Agradeço também aos alunos do projeto que torcem muito por mim!

A Mírian Jorge que também contribuiu para minha formação no EDUCONLE e tem cuidado para que minha trajetória acadêmica tenha continuidade com êxito.

Aos meus informantes que se disponibilizaram a participar da pesquisa. Espero sinceramente que como eu, vocês consigam fazer a diferença em suas vidas, em suas famílias e na sociedade como um todo. Busquem sempre o melhor, pois vocês são capazes.

A Escola Municipal “Gabriela Leite de Araújo” por abrir o espaço escolar para que eu realizasse minha pesquisa. Agradeço a oportunidade de acessar um espaço tão rico de experiências de formação. É preciso continuar acreditando que é possível. Desejo ânimo e força para os professores e para a direção para que possam persistir no caminho.

A Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte - FACISABH pelo apoio institucional e valorização profissional advindos do contato com a instituição. Agradeço ao diretor da instituição Antônio Baião, à vice-diretora Helenice de Oliveira, à Paula Andréa Oliveira e Silva Rezende, Cristina Olandim e Felipe Dias Paiva. Em especial, agradeço à Shirlei Freitas pela oportunidade apresentada. Finalmente, agradeço aos meus alunos, que em diversos momentos, dividiram comigo as dificuldades de realizar um curso de mestrado e trabalhar.

A CAPES, pelo auxílio financeiro concedido no primeiro ano de mestrado.

A FUMP, pelo apoio concedido durante a graduação, sem o qual, não seria possível a realização de algumas mudanças.

Aos meus amados e estimados amigos, que representam força, que me concederam a oportunidade de conhecer e conviver com seus familiares. Obrigado pela presença, pelos risos, pelas lágrimas, pelos abraços, pelas dificuldades enfrentadas. O meu agradecimento especial à Edson (...), Luciano (...), Valdeni (...), Sandra(...), Laura (...), Roseli (...), Adriana Garcia (...) e finalmente à Andréa Ulisses de Jesus (Honey Baby), cujos momentos divididos e compartilhados durante o mestrado marcarão para sempre a minha vida. Obrigado a sua família pelo carinho a mim dispensado.

A minha família: Em especial à minha Mãe, pelas inúmeras orações que me fortaleceram, pelos conselhos simples que tem sido vitais para minha sobrevivência pessoal e profissional. Ao meu pai, agradeço pelas boas lembranças da infância. Aos meus irmãos, agradeço pela torcida, apoio nos momentos difíceis, e aproximação. Aos cunhados, sobrinhos e familiares que também contribuíram para que esse dia fosse possível. Esse agradecimento é feito por último, pois essa é a minha base para as minhas superações.

Enfim, agradeço a todos que cruzaram o meu caminho, contribuindo e torcendo para que essa etapa fosse vencida com alegria.

“A mudança é uma porta que só se abre por dentro”

Guimarães Rosa

RESUMO

Este estudo analisou a unidade informacional de tópico dentro da Teoria da Língua em Ato (CRESTI 2000). Em conjunto com a investigação realizada sobre a unidade de apêndice de comentário e apêndice de tópico (ULISSES 2008), esse estudo constituiu-se como projeto piloto que tem orientado a implementação e condução do projeto mais amplo que tem coletado dados para a constituição de um *corpus* do português do Brasil, o C-ORAL-Brasil.

As etapas que constituíram o presente estudo são apresentadas a seguir:

1. Segmentação entonacional de três textos falados em enunciados e unidades tonais e na etiquetagem informacional de cada unidade;
2. Contagem e a avaliação das principais medidas da fala (número de turnos, de enunciados e de unidades tonais por unidades de tempo; número de palavras por turno, enunciado e unidade tonal; número de enunciados simples e complexos, etc.);
3. Contagem e a avaliação de algumas conjunções com o objetivo de demonstrar a função pragmática desempenhada por elas;
4. Análise aprofundada da unidade informacional de tópico (correlatos entonacionais, funcionais e morfossintáticos, além dos valores quantitativos).

Os resultados demonstraram como a aplicação da Teoria da Língua em Ato ao português do Brasil pode possibilitar a compreensão de aspectos importantes da fala e permitir uma importante comparação com as quatro línguas do projeto C-ORAL-ROM. Nessa comparação, identificamos algumas especificidades da unidade de tópico em nossa amostra, especialmente quanto à sua ocorrência, que devem ser investigados em estudos futuros.

ABSTRACT

This study analyzed the informational unit of topic according to the theoretical framework called “Teoria della lingua in atto” (CRESTI 2000). This study and the one conducted by Ulisses (2008) that focus on the informational unit of appendix constitute a test project that has guiding the implementation and conduction of a broader project which has been collecting data to constitute a corpus of Brazilian Portuguese, the C-ORAL-Brasil.

These are the steps followed:

1. The prosodic tagging of three spoken texts into utterances and tone units and in the linguistic annotation of each unit.
2. The measurement and evaluation of the main spoken measures (number of turns, utterances, tone units by time; number of words by turns, simple utterances and compound utterances, among others)
3. The measurement and evaluation of some conjunctions focusing on its pragmatic functions.
4. The deep analysis of the informational units of topic (prosodic, functional and morph syntactical features)

The results pointed out how the application of “Teoria della lingua in atto” into Brazilian Portuguese can make possible the understanding of important aspects of spoken language and allow an important comparison with the four other languages presented in the C-ORAL-ROM. During this comparison, we identified some special characteristics of topic, especially related to its occurrence in Brazilian Portuguese which should be further investigated in future studies.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Perfil entonacional: comentário	29
Figura 2 – Perfil entonacional tópico-comentário	30
Figura 3 – Perfil entonacional: Tópico-apêndice de comentário	31
Figura 4 – Ilocução de chamada	32
Figura 5 – Ilocução de resposta	32
Figura 6 – Ilocução de surpresa	33
Figura 7 – Enunciados diferentes sem a ocorrência de pausa entre eles	35
Figura 8 – Enunciados diferentes com a ocorrência de pausa entre eles.....	36
Figura 9 – Perfil entonacional de enunciado simples.....	38
Figura 10 - Perfil entonacional de um enunciado simples	38
Figura 11 – Perfil entonacional de um enunciado simples	39
Figura 12 – Enunciado TOP/COM	40
Figura 13 – Enunciado COM/APC	40
Figura 14 – Enunciado (AUX/TOP/AUX/COM)	41
Figura 15 – Unidade de comentário	42
Figura 16 – Unidade de comentário	42
Figura 17 – Unidade de tópico	44
Figura 18 – Unidade de tópico	44
Figura 19 – Unidade de apêndice de tópico	45
Figura 20 – Unidade de apêndice de tópico	46
Figura 21 – Unidade de incipitário	47
Figura 22 – Unidade de fático	48
Figura 23 – Unidade de alocutivo	49
Figura 24 – Unidade de inciso	50
Figura 25 – Inciso longo	51
Figura 26 – Inciso longo	52
Figura 27 – Unidade de comentário.....	53
Figura 28 – Unidade de introdutor locutivo	54
Figura 29 – Unidade de comentário de citação	54
Figura 30 – Ilocução de citação	56
Figura 31 – Ilocução de elenco	57
Figura 32 – Ilocução de comparação	58

Figura 33 – Ilocução de hipótese ou relação necessária	58
Figura 34 – Comentário fracionado em duas unidades	60
Figura 35 – Comentário fracionado em duas unidades	60
Figura 36 – Layout do Winpitch.....	109
Figura 37 – Forma do tipo 1.....	158
Figura 38– Forma do tipo 2.....	158
Figura 39 – Forma do tipo 3	159
Figura 40 – Porcentagem de cada uma das formas	160

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Origem geográfica dos participantes do C-ORAL-ROM	65
Gráfico 2 - Composição dos Comentários Múltiplos (Texto 1)	124
Gráfico 3 – Composição dos Comentários Múltiplos (Texto 2/3)	124
Gráfico 4- Distribuição dos TOPs (Textos 1 e 2/3)	190
Gráfico 5 - Proporção entre TOPs e enunciados complexos (Textos 1 e 2/3)	191
Gráfico 6 - Proporção entre TOPs simples e complexos (Textos 1 e 2/3).....	192
Gráfico 7 - Distribuição do correlatos morfossintáticos dos TOPs simples do texto 1.....	199
Gráfico 8 - Distribuição dos correlatos morfossintáticos dos TOPs simples do texto 2/3..	199
Gráfico 9 - Distribuição dos correlatos morfossintáticos dos TOPs totais do texto 1.....	200
Gráfico 10 - Distribuição dos correlatos morfossintáticos dos TOPs totais do texto 2/3.....	201
Gráfico 11 - Constituição Morfossintática dos Tópicos (Texto 1) (%)	204
Gráfico 12 - Constituição Morfossintática dos Tópicos (Texto 2/3)	205

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1 - Símbolos utilizados na transcrição	70
Tabela 2 - Escala de acessibilidade do tópico	153

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Critérios de comparação entre as quatro línguas	63
Quadro 2 - Detalhamento dos critérios de comparação entre as quatro línguas	64
Quadro 3 - Porcentagem dos Diferentes Comentários sobre o Número total de Comentários Múltiplos (Texto 1 e Texto 2/3)	123
Quadro 4 - Porcentagem dos Diferentes Comentários sobre o Número total de Enunciados Complexos (Texto 1 e Texto 2/3)	124
Quadro 5 - Número total de enunciados com e sem verbo	131
Quadro 6 - Características detalhadas das formas de tópico.....	159
Quadro 7 - Ocorrência de Tópicos no corpus Lablita	162
Quadro 8 - Tópicos nominais e verbais	163
Quadro 9 - Detalhamento dos Tópicos Nominais	163
Quadro 10 - Tópicos – Nomes comuns	164
Quadro 11 - Tópicos – Nomes próprios	164
Quadro 12 - Tópicos – Pronomes	164
Quadro 13 - Tópicos – Pronomes pessoais	165
Quadro 14 - Tópicos – Sintagmas preposicionais	165
Quadro 15 - Tópicos – Advérbios	165
Quadro 16 - Tópicos – Sintagmas Adjetivais	165
Quadro 17 - Tópicos – Verbais	166
Quadro 18 - Tópicos – Verbais Finitos	166
Quadro 19 - Característica do verbo – Modo	166
Quadro 20 - Característica do verbo – Tempo.....	166
Quadro 21 - Característica do verbo – Pessoa	167
Quadro 22 - Tópicos – Verbais não-finitos (tempo e modo)	167
Quadro 23 - Números gerais de tópicos (Textos 1 e 2/3)	189
Quadro 24 - Proporção de TOP simples e complexos (Textos 1 e 2/3)	191
Quadro 25 - Configuração Informacional de TOPs Complexos no Texto 1.....	196
Quadro 26 - Configuração Informacional dos TOPs Complexos no Texto 2/3	197
Quadro 27 - Correlatos morfossintáticos dos TOP Simples nos dois textos	198
Quadro 28 - Correlatos morfossintáticos dos TOPs totais nos dois textos	200
Quadro 29 - Porcentagem da Constituição Morfossintática dos Tópicos (Texto 1)	203
Quadro 30 - Frequência e complexidade dos TOPs em italiano e em PB	210
Quadro 31 - Configuração Informacional dos TOPs Complexos no Texto 2/3	212

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALC: alocutivo.

AP: apêndice

APC: apêndice de comentário.

APT: apêndice de tópico.

AUX: auxílio dialógico.

COM: comentário

COMcomp: comentário de comparação

COMel: comentário de elenco

COMrelnec: comentário de relação necessária

CON: conativo

FAT: fático.

Fo: frequência fundamental

INP: incipitário

INX: inciso.

PB: português do Brasil

SN: sintagma nominal

SV: sintagma verbal

TOP: tópico.

INSTRUÇÕES PARA USO DO CD

Para facilitar a leitura e o uso da dissertação, o CD não contém apenas a cópia da própria dissertação, mas também os seguintes itens:

1. os arquivos de som segmentados em arquivos de duração aproximada de 30 segundos para facilitar o acesso à parte de textos específicos, e para facilitar o uso dos eventuais arquivos no software Winpitch;
2. as transcrições segmentadas e etiquetadas dos textos para permitir um fácil acesso a elas, sem ter que entrar na dissertação. Ao longo dos textos é indicado o arquivo de som relativo a cada segmento para permitir uma comparação imediata entre os arquivos de som e o segmento do texto relativo;
3. as instruções para baixar o software www.winpitch.com.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	20
1 INTRODUÇÃO	20
1.1 Justificativa.....	22
1.2 Objetivos	23
1.2.1 Objetivo Geral	23
1.2.2 Objetivos Específicos	24
CAPÍTULO 2	27
2 CONTEXTUALIZAÇÃO.....	27
2.1 Síntese e Originalidade da Teoria da Língua em Ato	27
2.2 Aprofundamentos	34
2.2.1 A definição de Enunciado e Sentença	34
2.2.2 A estrutura informacional do enunciado - Enunciados Simples e Enunciados Complexos	37
2.2.3 As unidades informacionais	41
2.2.3.1 Comentário (COM).....	41
2.2.3.2 Tópico (TOP).....	43
2.2.3.3 Apêndice (Apêndice de Tópico - APT/ Apêndice de Comentário - APC)	44
2.2.3.4 Auxílio Dialógico (AUX)	46
2.2.3.5 Inciso (INX)	49
2.2.3.6 Introdutor Locutivo (INTL)	52
2.2.4 O enfraquecimento do critério ilocucionário	55
2.2.4.1 A Realização de Comentários Múltiplos	55
2.2.4.2 Fracionamento de Unidade Informacional em mais Unidades Tonais	59
2.2.4.3 Realização de “Estrofe”	61
2.3 O projeto C-ORAL ROM.	62
2.3.1 Os dados e a estratégia de amostragem das línguas no C-ORAL-ROM	64
CAPÍTULO 3.....	67
3 METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	67
3. 1 Contexto e Participantes	67
3.1.1 Contexto da Gravação	68
3.1.2 Descrição dos participantes das interações	68
3.2 Duração e Número de Palavras dos Textos	70

3.3 Tabela com símbolos de transcrição.....	70
3.4 A amostra	72
3.5 Procedimentos de Análise dos Dados	108
3.5.1 O Software Winpitch	108
3.5.2 O processo de segmentação, conferência e etiquetagem.....	110
CAPÍTULO 4	111
4 AS MEDIDAS DA FALA	111
4.1 Medidas Gerais	112
4.1.1 Duração	112
4.1.2 Número total de palavras	113
4.1.3 Número total de turnos	113
4.1.4 Número total de Enunciados	113
4.1.5 Número total de enunciados simples.....	113
4.1.6 Número de enunciados complexos.....	114
4.1.7 Número de unidades tonais	114
4.1.8 Observações	115
4.2 Medidas por turno e por enunciado	116
4.2.1 Média de enunciados por turno	116
4.2.2 Média de unidades tonais por turno.....	116
4.2.3 Média de unidades tonais por enunciado	116
4.2.4 Observações	117
4.3 Medidas em Palavras	118
4.3.1 Média de palavras por turno	118
4.3.2 Média de palavras por enunciado	118
4.3.3 Média de palavras por unidade tonal	119
4.3.4 Observações	119
4.4 Medidas por tempo	120
4.4.1 Média de enunciados por minuto	120
4.4.2 Média de palavras por segundo	120
4.4.3 Observações	120
4.5 Conclusão	121
4.6 Números de Comentários Múltiplos presentes na amostra	121
4.6.1 Número total de comentários múltiplos	122
4.6.2 Número total de comentários ligados	122

4.6.3	Número total de comentários de elenco	122
4.6.4	Número total de comentários de citação	122
4.6.5	Número total de comentários de relação necessária	123
4.6.6	Número total de comentários de comparação	123
4.6.7	Observações	125
4.6.8	Conclusão	129
4.7	A presença de enunciados com e sem verbo	129
4.7.1	Total de enunciados simples com verbo	129
4.7.2	Total de enunciados simples sem verbo	132
4.7.2.1	Total de ‘É’ (contabilizados no total de enunciados simples sem verbo)	132
4.7.2.2	Total de ‘Tá’ (contabilizados no total de enunciados simples sem verbo)	132
4.7.2.3	Total de ‘Hum’ (contabilizados no total de enunciados simples sem verbo)	133
4.7.3	Total de enunciados complexos com verbo	133
4.7.4	Total de enunciados complexos sem verbo	133
4.7.5	Observações	133
4.7.6	Enunciados simples com verbo de forma finita	134
4.7.7	Enunciados simples com verbo de forma não-finita	134
4.7.8	Enunciados complexos com verbo de forma finita	135
4.7.9	Enunciados complexos com verbo de forma não-finita	135
4.7.10	Observações	135
4.8	As conjunções E, Mas, Porque e Que na amostra	136
4.8.1	Números relativos à conjunção E	138
4.8.2	Números relativos à conjunção Mas	141
4.8.3	Números relativos à conjunção Porque	143
4.8.4	Números relativos à conjunção Que	144
4.8.5	Observações	145
4.9	Observações gerais	145
4.10	Observações Finais	147
CAPÍTULO 5		148
5	A UNIDADE DE TÓPICO	148
5.1	O Tópico em outras perspectivas teóricas	148
5.2	O conceito de Tópico na Teoria da Língua em Ato	154
5.2.1	Os Tópicos Nominais constituídos lexicalmente por Nomes Comuns	164
5.2.1.1	Os Tópicos Nominais constituídos lexicalmente por Nomes Próprios	164

5.2.1.2 Os Tópicos Nominais constituídos lexicalmente por Pronomes	164
5.2.1.3 Pronomes pessoais	165
5.2. 2 Os Tópicos Nominais constituídos de Sintagmas Preposicionais	165
5.2.3 Os Tópicos Nominais constituídos por Advérbios	166
5.2.4 Os Tópicos Nominais constituídos por Sintagmas Adjetivais	166
5.3 Os Tópicos Verbais.....	166
5.3.1 Os Tópicos Verbais Finitos	166
5.3.1.1 As formas finitas	166
5.3.1.2 Características do Verbo (MODO)	166
5.3.1.3 Características do Verbo (TEMPO)	166
5.3.1.4 Características do Verbo (PESSOA)	167
5.3.2 Os Tópicos Verbais Não-Finitos (TEMPO E MODO)	167
5.4 Os tópicos: números e correlatos	168
5.4.1 Identificação da unidade de Tópico no Corpus	168
5.5 Análise detalhada dos tópicos identificados	189
5.5.1 Comparação entre os textos 1 e 2/3	189
5.5.1.1 Os números de tópicos	189
5.5.1.2 A configuração informacional	195
5.5.1.3 Os correlatos morfossintáticos: considerações gerais	197
5.5.1.3.1 Os correlatos morfossintáticos: detalhamento	203
5.5.2 Comparação entre a amostra do português e o corpus do italiano	210
5.5.2.1 Os números de enunciados com tópicos.....	210
5.5.2.2 A configuração informacional	212
5.5.3 Os casos duvidosos	214
5.5.4 Conclusões	216
CAPÍTULO 6	219
6 CONCLUSÕES	219
6.1 Síntese das etapas de aplicação da Teoria da Língua em Ato ao PB	219
6.2 Resultados mais importantes do Estudo	220
REFERÊNCIAS	222

CAPÍTULO 1

1 INTRODUÇÃO

Este estudo apresenta a análise da unidade informacional de Tópico em dois textos de fala espontânea, de um total de 5.359 palavras e 33 minutos e 32 segundos, conduzida com base no quadro teórico denominado Teoria da Língua em Ato¹ (CRESTI, 2000) e constitui-se, conjuntamente com o estudo conduzido por Ulisses (2008) sobre a unidade informacional de Apêndice, em projeto piloto para verificar a viabilidade de aplicação da referida teoria na análise de fala espontânea do Português do Brasil².

Nessa perspectiva, esse estudo insere-se em um projeto maior, financiado parcialmente pela FAPEMIG e pelo CNPQ, denominado C-ORAL BRASIL (<http://www.c-oral-brasil.org/projeto.html>), coordenado por Tommaso Raso e Heliana Mello. O projeto C-ORAL BRASIL constitui a quinta ramificação do C-ORAL-ROM³ (CRESTI; MONEGLIA, 2005)⁴ que é um conjunto de *corpora* da fala espontânea das quatro principais línguas românicas européias (italiano, francês, espanhol e português europeu⁵), segmentado em enunciados e unidades tonais, reunindo um total de mais de 1.200.000 palavras e 120 horas de gravação. O C-ORAL BRASIL é conduzido em parceria com a Universidade de Florença, em especial o laboratório LABLITA, que está sob a direção de Emanuela Cresti; e com a Universidade de Paris VII através de Philippe Martin, diretor do departamento de lingüística e autor do software *Winpitch* (MARTIN, 2006), utilizado no C-ORAL-ROM.

¹ O detalhamento dessa teoria é apresentado na seção 2.1

² Doravante PB.

³ O projeto C-ORAL-ROM é detalhado na seção 2.3

⁴ <http://lablita.dit.unifi.it/coralrom/>

⁵ Doravante PE

O C-ORAL-BRASIL pretende estudar a fala espontânea (diálogos, monólogos e conversações informais) de material coletado principalmente na área urbana de Belo Horizonte. Os focos dos estudos são a estrutura informacional dos enunciados e ilocuções presentes, a expressão da modalidade, as características dialetológicas da fala de Belo Horizonte, e, em geral, a comparação entre PB E Português Europeu (PE).

O corpus que será utilizado na análise de cada um dos focos de estudos presentes no C-ORAL-BRASIL será composto de aproximadamente 150.000 palavras e 15 horas de gravação da fala espontânea informal, em que os textos constituintes desse corpus terão uma duração média de 1500 palavras, totalizando 100 textos. A característica diafásica dos textos será o principal critério de variação da fala. A fim de permitir uma comparabilidade com o C-ORAL ROM, os textos serão transcritos nos padrões apresentados no sistema Childe-Clan (MACWHINNEY, 2000), implementado para a notação prosódica com os critérios de Moneglia e Cresti (1997), que permite a identificação dos enunciados, unidades tonais e unidades informacionais.

O C-ORAL-BRASIL é subdividido em 3 subprojetos: 1) a realização do corpus de fala espontânea do PB (com os mesmos critérios do C-ORAL-ROM); 2) o estudo das unidades informacionais e das principais medidas da fala; 3) o estudo da expressão da modalidade no PB. Como afirmado anteriormente, este trabalho é um projeto piloto para implementação dos subprojeto 1 e 2. O trabalho busca observar alguns dados quantitativos e qualitativos do corpus inteiro, em amostras que possibilitem uma comparação com os textos correspondentes do PE, bem como do italiano, francês e espanhol. Dentre outros aspectos, as seguintes medidas são foco de observação, a fim de estabelecer essa comparação:

- a duração média dos enunciados em tempo e em número de unidades tonais, no que diz respeito a cada domínio, segundo as variáveis de domínio público/particular e de tipo de interação dialógico/monológico/conversação;
- a duração média dos turnos, segundo as mesmas variáveis;
- a porcentagem, para cada variável, dos enunciados simples e daqueles complexos (com mais de uma unidade tonal);
- a porcentagem de enunciados com verbo e sem verbo, para cada variável.

A unidade de tópico é a unidade informacional escolhida para um primeiro aprofundamento da estrutura informacional.

1.1 Justificativa

A realização da presente investigação justifica-se pela necessidade de enfrentar os problemas que poderiam surgir na implementação do C-ORAL BRASIL. Assim sendo, esse estudo enfrentou grande parte desses problemas, o que teve como consequência o amadurecimento teórico e metodológico do projeto. Esse conhecimento adquirido durante a condução do projeto piloto (ALVES DE DEUS em preparação; ULISSES, 2008) tem norteado o C-ORAL- BRASIL.

Os problemas enfrentados pelo presente estudo relacionaram-se:

1 - à utilização da metodologia para constituição de corpus apresentada por Cresti (2000) e Cresti e Moneglia (2005);

2 - à utilização do formato de transcrição (MACWHINNEY, 1994; 2000) também utilizada na constituição do C-ORAL ROM;

3 – à metodologia de análise dos dados coletados, considerando os procedimentos de segmentação em unidades tonais e posterior identificação das unidades informacionais.

1.2 Objetivos

Nesta subseção, apresentamos o detalhamento de cada um dos problemas enfrentados na condução desse presente estudo através da exposição do objetivo geral e dos objetivos específicos.

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral dessa investigação como estudo piloto, conforme anunciado previamente, foi verificar a viabilidade de implementação do projeto C-ORAL-BRASIL, sem contudo, ter a pretensão de exaurir as discussões necessárias. Dessa maneira, partimos da escolha de três unidades informacionais: o Tópico, que foi o foco de observação e análise desse estudo; o Apêndice de Comentário; e o Apêndice de Tópico, unidades informacionais que foram o foco de observação e análise de Ulisses (2008).

1.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos do presente estudo concentraram-se na busca pela replicação de procedimentos metodológicos utilizados na construção da Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000) e no C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005) e são enumerados a seguir⁶:

- 1- Procedimentos de gravação – As gravações foram realizadas na cabine acústica do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da UFMG. Apesar disso, alguns poucos trechos não apresentaram uma qualidade acústica que nos permitisse analisar completamente os componentes entonacionais.
- 2- Procedimentos de transcrição – A transcrição baseou-se no formato CHAT (MACWHINNEY, 1994; 2000) e os símbolos de transcrição utilizados para identificar as interações entre os participantes foram baseados no projeto C-ORAL-ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005). Foi definido um critério de transcrição padrão que será mantido, com algumas adaptações, na implementação do C-ORAL BRASIL.
- 3- Procedimentos de segmentação – A segmentação dos enunciados em unidades tonais foi conduzida pelo orientador e por dois mestrandos, com o objetivo de alcançar um consenso com alto nível estatístico de confiabilidade e segurança. Essa fase foi demorada, pois a segmentação foi feita isoladamente, e depois houve a conferência da mesma em conjunto com o orientador e os mestrandos. Apesar de longa, essa fase foi de grande

⁶ Os procedimentos metodológicos são apresentados detalhadamente no capítulo 3.

importância para o treinamento do procedimento metodológico de percepção das quebras terminais e não-terminais em um enunciado.

- 4- Procedimentos de etiquetagem – Após a segmentação, procedeu-se à identificação das unidades informacionais, até alcançarmos um nível estatisticamente seguro. Muitas questões relacionadas à etiquetagem foram discutidas com os coordenadores do Projeto C-ORAL-ROM, Emanuela Cresti e Massimo Moneglia, por se tratarem de problemas cujos estudos específicos ainda estão em andamento no projeto C-ORAL-ROM. As dúvidas residuais, em quantidade pequena, foram sinalizadas em amarelo.
- 5- Procedimentos de alinhamento: O sinal acústico e o texto transcrito de 30 segundos foram alinhados através da utilização do software *WinPitch* (MARTIN, 2006)⁷.
- 6- Procedimentos estatísticos: As medidas da Fala foram contadas para realizar uma comparação com as quatro línguas presentes no C-ORAL-ROM e são apresentadas no capítulo de análise dos dados.
- 7- Procedimentos de análise: A última etapa, especificamente para o presente trabalho, buscou identificar as ocorrências, as tipologias informacionais, os correlatos morfossintáticos e outras características da unidade informacional de Tópico, com base na Teoria da Língua em Ato (CRESTI 2000).

Em última instância, a presente investigação objetivou testar todas as etapas metodológicas, em busca de indícios de particularidades da variedade do PB estudada, bem como aprofundar, sem a pretensão de exaurir, os estudos relacionados ao tema, visto que a amostra é pequena⁸ para considerar

⁷ O software *Winpitch* é detalhado na seção 3.5.1.

⁸ As características de cada um dos textos são apresentadas na seção 3.4.

significativos estatisticamente os resultados. Resumindo, o objetivo principal dessa foi testar, em um nível de aprofundamento, os problemas que poderiam acontecer na condução de uma pesquisa de maior expressividade.

CAPÍTULO 2

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Nesta seção, apresentamos a Teoria da Língua em Ato e o projeto C-ORAL-ROM. A seção divide-se em três principais subseções: em 2.1 apresentamos uma síntese da Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000) e sua originalidade, em 2.2 aprofundamos algumas questões e em 2.3 apresentamos o projeto C-ORAL-ROM.

2.1 Síntese e Originalidade da Teoria da Língua em Ato

A Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000) fundamenta-se na individualização da correspondência biunívoca entre uma entidade pragmática, também definida como unidade de ação, o ato de fala (AUSTIN, 1962), e uma entidade lingüística, o enunciado, através da percepção entonacional como interface. A individualização permite a segmentação do contínuo fônico do discurso em unidades mínimas, os enunciados, capazes de veicular ilocuições, ou seja, unidades do domínio da ação. Dessa maneira, o ato de fala (ato ilocutório) tem o enunciado (ato locutório) como sua contrapartida lingüística. O enunciado, por sua vez, é visto como a unidade mínima autônoma e interpretável pragmaticamente⁹.

A identificação de um enunciado, e, conseqüentemente, da ilocução ou ato de fala correspondente, é feita através do critério entonacional, pelo qual, através da identificação do perfil terminal, é possível identificar a unidade que tem que ser

⁹ A diferença entre sentença e enunciado é apresentada na seção 2. 2. 1.

interpretada pragmaticamente como unidade autônoma. Com base na teoria da fonética perceptual (T'HART; COLLIER; COHEN, 1990), a entonação, resultado da variação da frequência fundamental (Hertz), intensidade (decibéis) e duração temporal (segundos), desempenha um papel importante, pois permite ao interlocutor identificar o cumprimento de uma ilocução, ou seja, a intenção do falante, através da identificação de um perfil entonacional terminal, demarcando assim a fronteira de um enunciado. Portanto, ao perceber um perfil entonacional terminal, o interlocutor é capaz de individualizar a correspondência biunívoca entre enunciado e ilocução, atribuindo a cada unidade textual mínima autônoma uma intenção comunicativa do falante, ou seja, uma ilocução.

Segundo a Teoria, o enunciado se estrutura internamente segundo um padrão informacional em correspondência direta com seu padrão entonacional. Nessa perspectiva, o enunciado pode ter um padrão informacional simples ou um padrão informacional complexo. O enunciado possui um padrão informacional simples quando é composto de uma única unidade tonal, que é suficiente e necessária enquanto veicula a força ilocucionária³, denominada comentário. O enunciado possui um padrão complexo quando possui, além da unidade de comentário, outras unidades tonais que desempenham diferentes funções informacionais, a serem definidas posteriormente.

A Teoria também assume que o interlocutor é capaz de distinguir um perfil entonacional terminal, que identifica o enunciado, e um perfil não terminal, que possibilita a identificação das outras unidades informacionais que possuem funções diferentes da função de veicular a força ilocucionária, exercida pela unidade de comentário (CRESTI, 2000, p. 77-116)

³ Ver CRESTI (1995) para detalhamento da relação entre ilocução e estrutura informacional.

Através da entonação apropriada, um mesmo conteúdo locutório pode cumprir ilocuições variadas ou estruturá-las informacionalmente de maneiras diferentes. As situações comunicativas apresentadas a seguir (RASO; MELLO; ALVES DE DEUS; ULISSES, 2007) foram produzidas artificialmente, com a utilização do software WinPitch (MARTIN, 2006) para gravação e registro dos padrões entonacionais, e demonstram essa propriedade da entonação. Nas figuras 1, 2 e 3, o mesmo conteúdo locutório, *João me ligou ontem*, é realizado através de diferentes padrões entonacionais, veiculando assim, diferentes estruturas informacionais.

Na figura 1, o conteúdo locutório *João me ligou ontem* é realizado em uma única unidade tonal, ou seja, uma única unidade informacional, o comentário, considerada necessária e suficiente para a identificação de um enunciado. Essa realização seria considerada apropriada em um contexto comunicativo do tipo:

A: Recebeu alguma notícia dos amigos que estão na praia?

B: *João me ligou ontem* //⁴

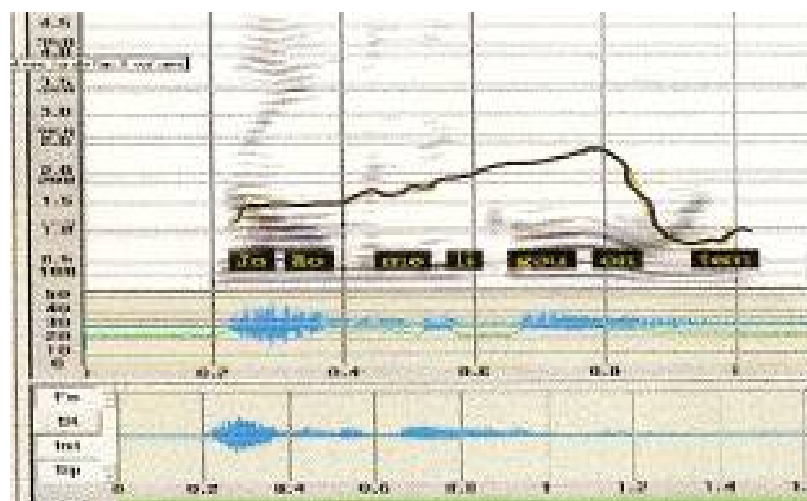


Figura 1 – Perfil entonacional: comentário
Fonte: Raso; Mello, Alves de Deus; Ulisses (2007)

⁴ A barra dupla (//) representa o perfil terminal, delimitando fronteira de enunciado, enquanto a barra simples representa a marcação de um perfil não terminal, ou seja, fronteira interna de enunciado, entre unidades tonais que correspondem a unidades informacionais.

Na figura 2, o mesmo conteúdo locutório é executado em duas unidades tonais, ou seja, duas unidades informacionais, sendo uma de tópico¹⁰ e a outra de comentário. Um contexto comunicativo em que essa execução seria considerada apropriada é:

A: *Você tem notícias do João?*

B: *João / me ligou ontem //*

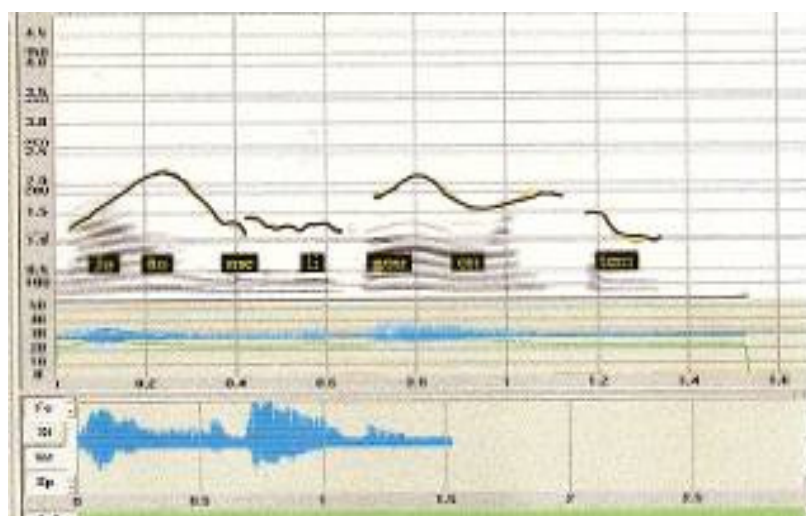


Figura 2 – Perfil entonacional tópico-comentário

Fonte: Raso; Mello, Alves de Deus; Ulisses (2007)

Na figura 3, o mesmo conteúdo locutório é apresentado em uma organização informacional diferente das duas apresentadas anteriormente. Nesse caso, o enunciado é executado em duas unidades tonais, como na figura 2, mas agora, a primeira é a unidade de comentário, e a segunda, uma unidade de apêndice de comentário. Essa execução seria considerada apropriada no seguinte contexto:

A: *Quem te ligou ontem?*

B: *JOÃO / me ligou ontem //*

¹⁰ A definição de Tópico dentro da Teoria da Língua em Ato é apresentada na seção 2. 2. 3. e aprofundada posteriormente no capítulo 5.

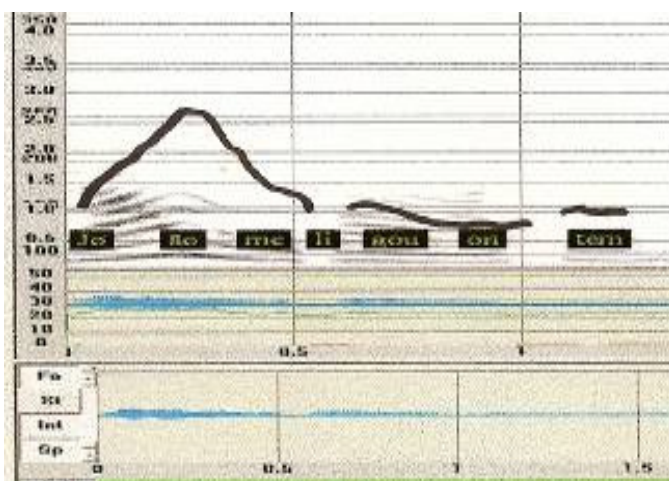


Figura 3 – Perfil entonacional: Tópico-apêndice de comentário
Fonte: Raso; Mello, Alves de Deus; Ulisses (2007)

Verificamos, através da exposição das figuras acima, a execução de um mesmo conteúdo locutório em três enunciados com organização informacional diversa: um enunciado simples composto de uma única unidade informacional denominada *comentário*, necessária e suficiente (FIG. 1), um enunciado complexo composto de duas unidades informacionais em uma estrutura informacional *tópico-comentário* (FIG. 2) e, por último, um enunciado complexo articulado em duas unidades informacionais em uma estrutura *comentário-apêndice* (FIG. 3). A diferença entre os três enunciados é claramente percebida também através da observação da curva entonacional. Essa percepção permite ao interlocutor identificar a função informacional de acordo com o perfil entonacional.

O interlocutor também é capaz de identificar a força ilocucionária veiculada pela unidade de comentário, ao mesmo tempo em que ele identifica um enunciado e as diferentes funções informacionais das várias unidades tonais, no caso de um enunciado complexo. A força ilocucionária, que é veiculada pelo comentário, independe do conteúdo locutório executado, visto que conteúdos locutórios diferentes podem veicular a mesma ilocução ou uma mesma intenção comunicativa. As figuras 4 a 6 exemplificam

a veiculação de ilocuções diferentes através da execução do mesmo conteúdo locutório, conforme produções artificiais apresentadas em Raso, Mello, Alves de Deus e Ulisses (2007). Na figura 4, o conteúdo locutório *João* é executado para chamar alguém que tenha esse nome. Na figura 5, o mesmo conteúdo locutório veicula a ilocução de resposta, por exemplo, à pergunta *Quem te ligou ontem?*, e na figura 6 outra ilocução é veiculada, com o mesmo conteúdo locutório, por exemplo, para expressar surpresa ao encontrar uma pessoa que tenha esse nome e que não se vê há anos.

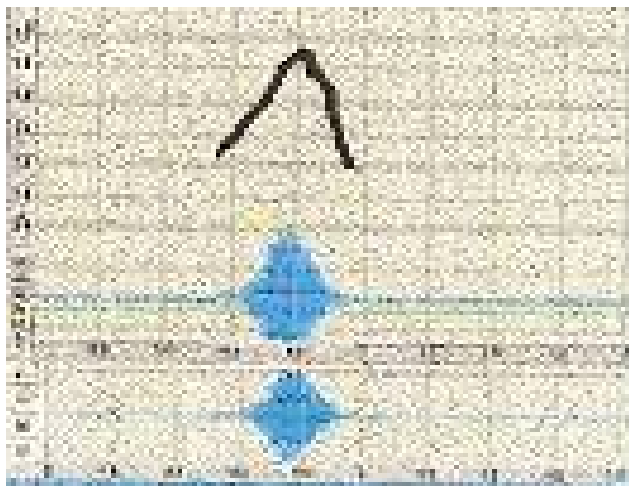


Figura 4 – Ilocução de chamada
Fonte: Raso; Mello, Alves de Deus; Ulisses (2007)

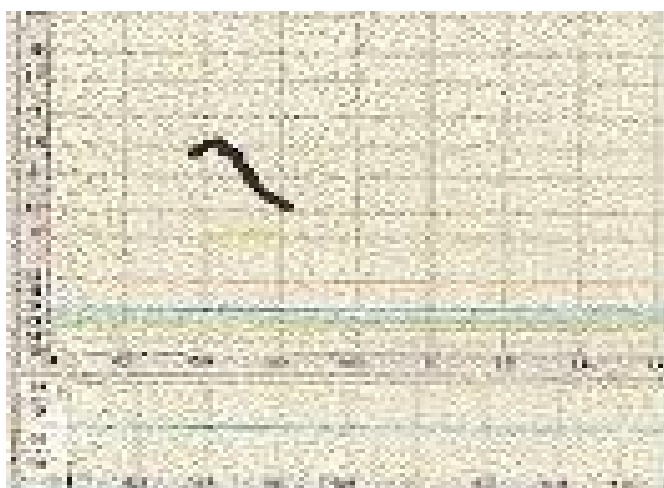


Figura 5 – Ilocução de resposta
Fonte: Raso; Mello, Alves de Deus; Ulisses (2007)

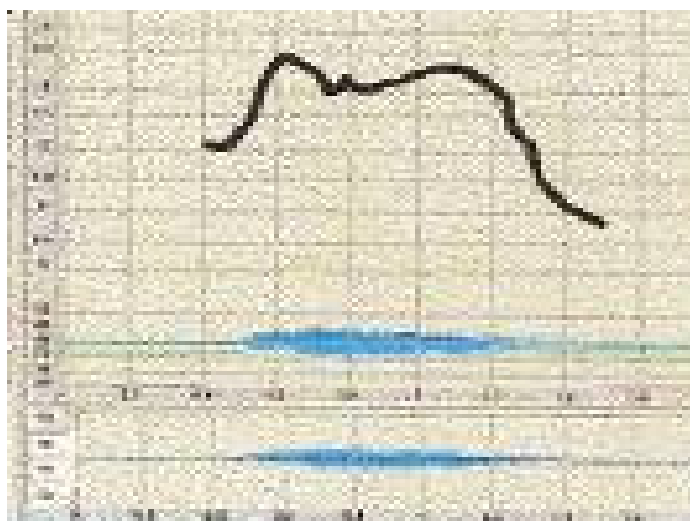


Figura 6 – Ilocução de surpresa

Fonte: Raso; Mello, Alves de Deus; Ulisses (2007)

As ilocuições apresentadas acima poderiam, naturalmente, ser veiculadas em conteúdos locutórios diferentes e mais extensos. Nesses casos, a parte final da curva entonacional permite ao interlocutor identificar a intenção com que um determinado conteúdo locutório é executado. As diferenças micro-prosódicas que caracterizam a curva de dois conteúdos locutórios diferentes de mesma força ilocucionária não recebem uma atribuição funcional pelo interlocutor. Somente as diferenças que caracterizam ilocuições diferentes recebem esse valor funcional, desconsiderando-se o fato de serem executadas através de diferentes conteúdos locutórios.⁶

⁶ Ver Cresti 2000a: 84-116 para detalhamento da identificação do repertório de ilocuições do Italiano em análise de corpora de fala espontânea através de parâmetros entonacionais, cognitivos, semiológicos e pragmáticos. Ver Cresti, Martin & Moneglia 1998; Cresti & Firenzuoli I 1999; Firenzuoli 2000a, 2000b, 2003a e 2003b, e Cresti 2000b para definição de critérios diferentes daqueles propostos em Searle 1969 para identificação de ilocução.

2.2 Aprofundamentos

Nesta subseção, apresentamos um aprofundamento da Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000; 2005) com a explanação detalhada dos pressupostos teóricos.

2.2.1 A definição de Enunciado e Sentença

Segundo Cresti (2005), as definições clássicas assemelham sentença a enunciado pontuando que ambos possuem valor comunicativo. A autora assume, com o objetivo de diferenciar as duas unidades, que a sentença deve ser vista como uma entidade de referência da escrita, enquanto o enunciado como uma entidade de referência da fala, sendo, portanto, entidades referentes a variedades diamésicas distintas. Além disso, a autora utiliza os conceitos de interpretabilidade pragmática e semântica para diferenciar as duas entidades.

As características específicas do enunciado, detalhadas internamente no quadro teórico proposto, incluem a autonomia ou interpretabilidade pragmática sinalizada pela entonação. Na teoria em questão, o enunciado é definido como a expressão linguística mínima interpretável pragmaticamente. Essa definição é ligada a uma condição semântica, visto que o enunciado expressa de maneira plena uma expressão; e a uma realização entonacional, devido aos diferentes padrões melódicos e ilocuições que podem ser veiculadas pelo enunciado. Assim, o enunciado, dentro dessa perspectiva, é visto como o corresponsivo linguístico de um ato, sendo prosodicamente identificável em um contínuo fônico.

A identificação do enunciado realiza-se prosodicamente através da identificação de quebras com perfil terminal. Segundo a teoria, o interlocutor é capaz de identificá-las

perceptualmente, considerando concluído um enunciado. O interlocutor também é capaz de identificar quebras com perfil não-terminal, internas ao enunciado e relacionadas à articulação de informação.

A definição de enunciado proposta na Teoria da Língua em Ato difere das proposições mais frequentes, que apontam as pausas fortes como critério principal para a identificação de fronteiras de enunciados. De fato, dois enunciados podem ser executados com uma pausa entre eles, mas existe a possibilidade de execução de dois enunciados sem que ocorra pausa entre eles, e também existe a possibilidade de execução em que ocorra uma pausa interna ao um enunciado, não configurando, apesar disso, o cumprimento de um enunciado quando da realização da pausa.

A figura 7 exemplifica a execução de dois enunciados complexos nos quais que não ocorre pausa entre eles: **GBL: aí / inglês não // inglês / cê tem que pegar mais sério //*. A fronteira entre os dois enunciados está no meio da área em destaque, onde o contínuo da curva mostra a total ausência de pausa.

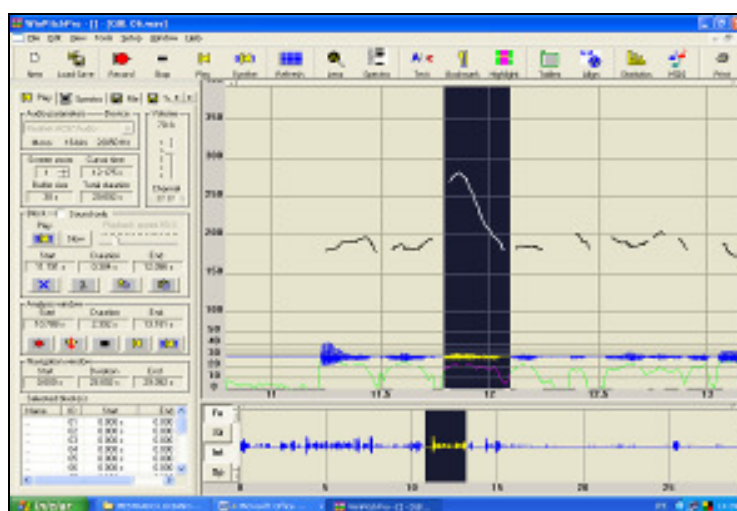


Figura 7 – Enunciados diferentes sem a ocorrência de pausa entre eles

A figura 8 exemplifica a possibilidade de ocorrência de pausa interna a um enunciado. Ela apresenta a execução de dois enunciados em um mesmo contínuo, em que o primeiro é complexo e o segundo simples: *o ensino ta [/] ta assim / difícil // mas tá mais fácil //*. Como pode ser percebido, a pausa não ocorre entre os enunciados (a fronteira é indicada pela seta), ou seja, após a primeira barra dupla (//), mas somente internamente ao primeiro enunciado, sem configurar a realização de um enunciado completo. A duração da pausa, salientada na figura pela área em negrito, é de 4,575 segundos.

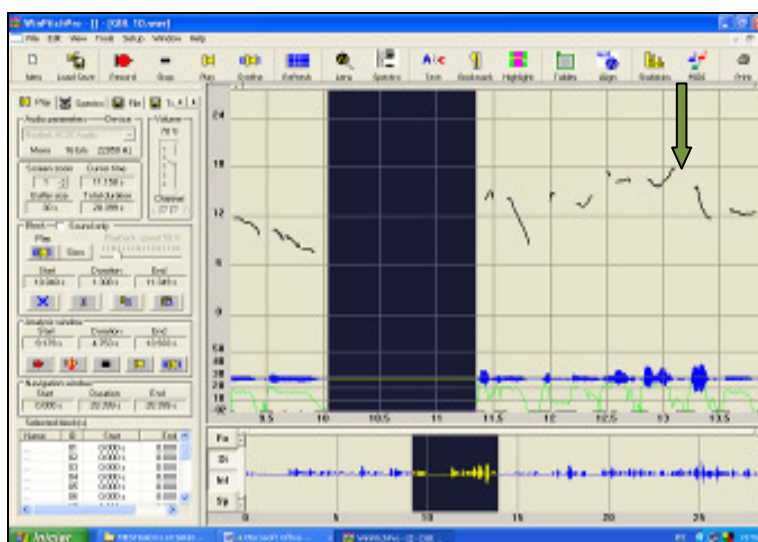


Figura 8 – Enunciados diferentes com a ocorrência de pausa entre eles

Ao discutir o conceito de sentença, a teoria assume que ela é uma entidade sintática que está estritamente associada à condição de completude semântica, e que sua interpretabilidade está fundamentada na existência de predicação verbal. A distinção entre autonomia ou interpretabilidade pragmática e interpretabilidade semântica gera uma dificuldade de considerar expressões como *hum hum* como sentença. A expressão *hum hum*, apesar de não possuir completude semântica, pode possuir autonomia ou interpretabilidade pragmática e, na situação comunicativa apresentada abaixo, sinaliza claramente a compreensão do interlocutor sobre a asserção que foi feita:

**VTR: nós vamos conversar sobre a aula de inglês //*

**GBL: hum hum //*

Dessa maneira, dentro do quadro teórico da Teoria da Língua em Ato, enunciado e sentença estão relacionados a características diferentes, sendo, assim, entidades diferentes. Enquanto o enunciado é associado à autonomia ou interpretabilidade pragmática na diamesia falada, a sentença é associada à condição de completude semântica na diamesia escrita. A utilização do conceito de enunciado, na teoria em foco, possibilitou a descrição e explicação completa e sistêmica dos níveis de articulação da informação que ocorrem na fala espontânea.

2.2.2 A estrutura informacional do enunciado - Enunciados Simples e Enunciados Complexos.

O enunciado possui um padrão entonacional e informacional que pode ser de dois tipos. É simples quando é composto de uma única unidade tonal, a unidade de comentário (COM), que é suficiente e necessária para composição de um enunciado. Essa configuração informacional é exemplificada nas três situações comunicativas a seguir¹¹:

Exemplo 01: **ADA: hhh como é que você fez^{COM} //* (FBA III - 3A)

¹¹ Exemplos retirados de ULISSES (2008).

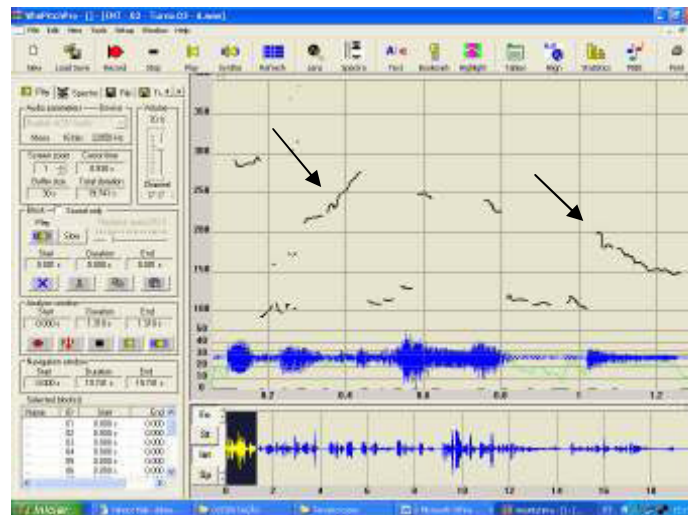


Figura 9 – Perfil entonacional de enunciado simples

Exemplo 02: **FBA: eles têm muitas matérias^{COM} // (FBA II – 8C)*

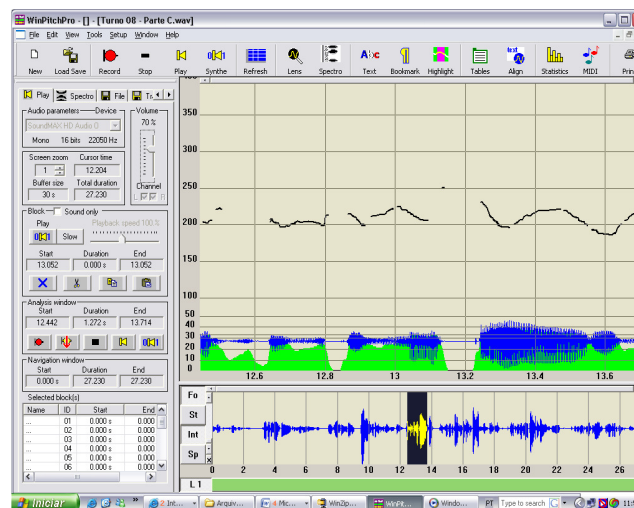


Figura 10 - Perfil entonacional de um enunciado simples

Exemplo 03: **FBA: não tô falando que eles não aprendam^{COM} // (FBA III – 3A)*

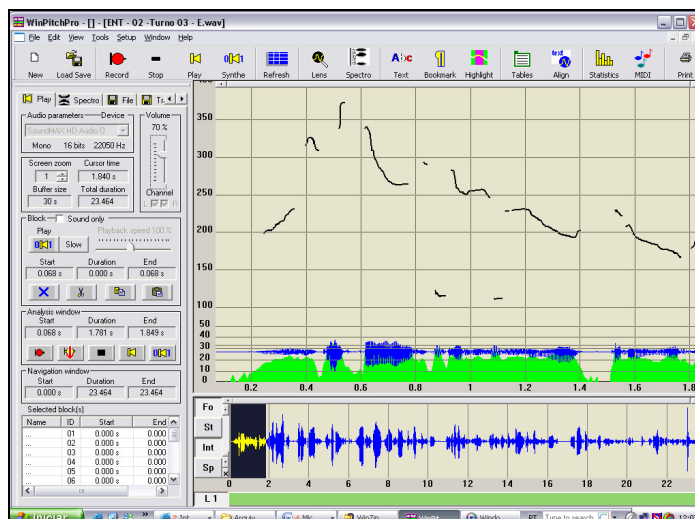


Figura 11 – Perfil entonacional de um enunciado simples

O enunciado pode ser complexo, quando o mesmo possui a unidade de Comentário e uma ou mais unidades tonais diferentes, cada uma dedicada a uma função informacional distinta daquela da unidade de Comentário. Essas unidades informacionais são diferentes, mas se organizam ao redor do comentário. Apresentamos, a seguir, três possibilidades de articulação informacional, com dois exemplos cada uma, para demonstrar a articulação informacional complexa. Esses exemplos são uma pequena amostra da enorme variedade de articulação informacional complexa do enunciado. Em todas as figuras (12, 13 e 14), a parte em destaque corresponde à unidade de comentário.

1) Tópico/Comentário (TOP/COM)

Exemplo 04: **GBL: se você for lá na Espanha lá^{TOP} / cê já sabe comunicar^{COM} //*
(GBL 05)

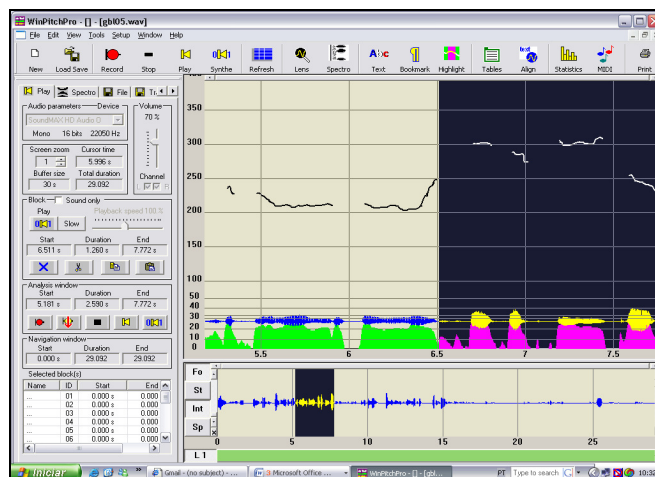


Figura 12 – Enunciado TOP/COM

2) Auxílio/Tópico/Comentário (AUX/TOP/COM)

Exemplo 05 - **FBA: como se^{AUX} / aquilo ali^{TOP} / não fizesse parte da vida dele em momento algum^{COM} //2 (FBA II - 1B)*

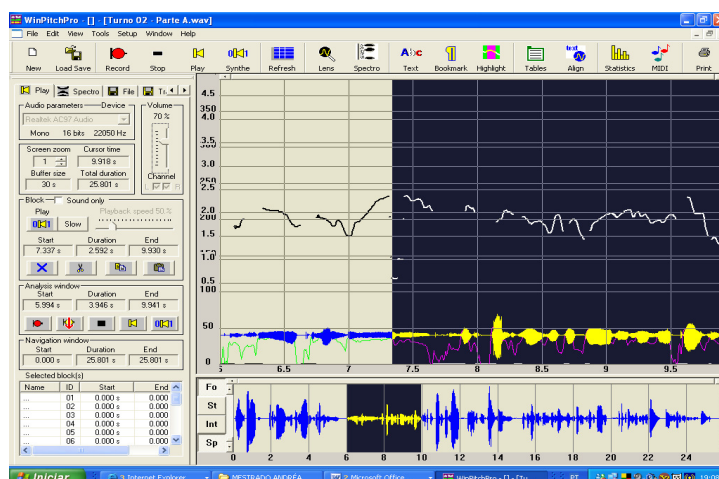


Figura13 – Enunciado COM/APC

3) Auxílo Dialógico/ Tópico/ Auxílo Dialógico / Comentário (AUX/TOP/AUX/COM)

Exemplo 06: *GBL: aí^{AUX} / ela deu uma folha^{TOP} / aí^{AUX} / me falaram que era trabalho^{COM} //(GBL 11)*

¹² Exemplo retirado de Ulisses (2008).

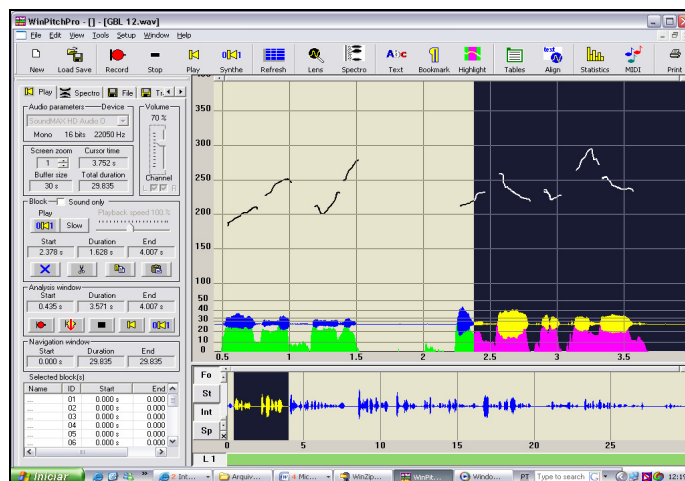


Figura 14 – Enunciado (AUX/TOP/AUX/COM)

2.2.3 As unidades informacionais

Nesta subseção, apresentamos as unidades informacionais e exemplificamos com exemplos retirados da nossa amostra.

2.2.3.1 Comentário (COM)

Segundo a Teoria, os critérios para a identificação das unidades informacionais que serão apresentadas a seguir são: o critério entonacional, através da identificação do perfil da curva de Fo; o critério funcional, relacionado à função das unidades na interação comunicativa; e o critério distribucional, relacionado à localização dessas unidades no enunciado. A primeira unidade informacional que detalhamos é a unidade de comentário. Ela possui a função de veicular a força ilocucionária. O comentário é a única unidade que é do tipo nuclear (T'HART; COLLIER; COHEN, 1990) e que pode ser pragmaticamente interpretada, independente de sua configuração sintática, conforme

mostrado na seção 2.2.1. A seguir, apresentamos dois outros exemplos de comentários encontrados nos textos pesquisados.

Exemplo 07 - *GBL: *tipo*^{AUX} / *pegando a manha*^{COM} / *né*^{FAT} / (GBL 16)

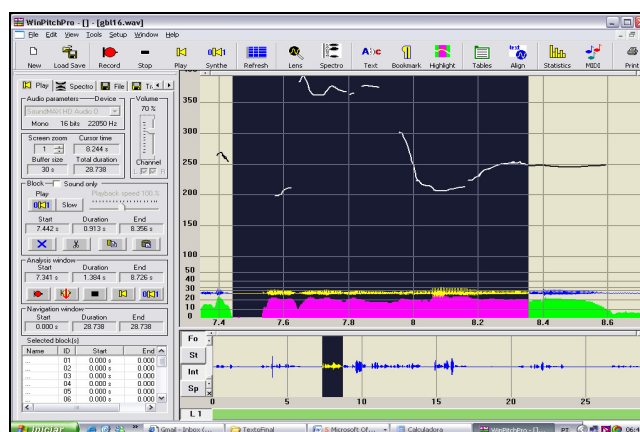


Figura 15 – Unidade de comentário

Exemplo 08: *GBL: *assim*^{AUX} / *a gente fica mais próximo*^{COM} / *né*^{FAT} / *do inglês*^{APC}
 // (GBL 16)

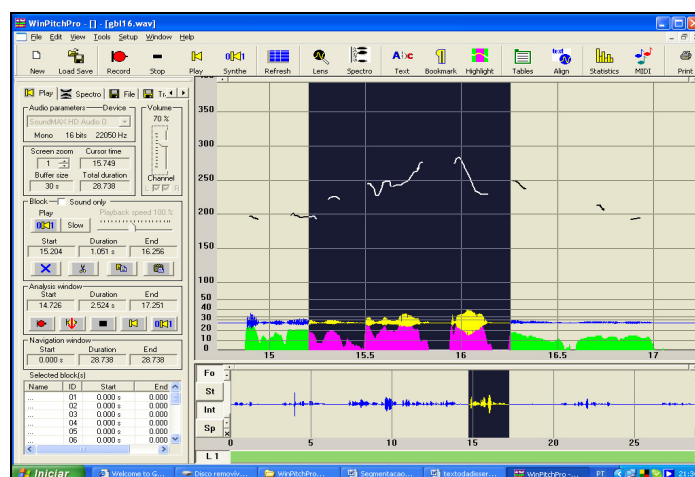


Figura 16 – Unidade de comentário

2.2.3.2 Tópico (TOP)

A unidade de Tópico é outra unidade de informação, mas, como todas as restantes, de carácter opcional e entonacionalmente subordinada, não interpretável autonomamente (CRESTI, 2000, p. 119-131). Essa unidade também se define com base em três critérios: o entonacional, o funcional e o distribucional.

Entonacionalmente, o Tópico é a única unidade opcional que possui foco (CRESTI, 2000a) e se caracteriza como unidade de prefixo (T'HART; COLLIER; COHEN, 1990). Funcionalmente, é definido como campo de aplicação da força ilocucionária, ou seja, o domínio semântico ao qual o Comentário se refere. Distribucionalmente, o Tópico deve estar linearmente ordenado antes do Comentário, mesmo se não necessariamente em posição contígua. Lexicalmente e sintaticamente, essa unidade pode ser constituída de sintagmas nominais, preposicionais, adverbiais e adjetivais, orações que contenham verbos nas formas finitas ou infinitas e até verdadeiras sentenças. Isso significa que a realização do Tópico é independente da configuração sintática, que pode ser a mais variada.

A unidade de Tópico, por ser o foco de análise e discussão do presente estudo, será retomada no capítulo 5. Apresentamos a seguir dois exemplos de Tópico encontrados no corpus coletado:

Exemplo 09: * GBL: **a aula**^{TOP} / *né*^{FAT} / *ficou diferente*^{COM} // (GBL 07)

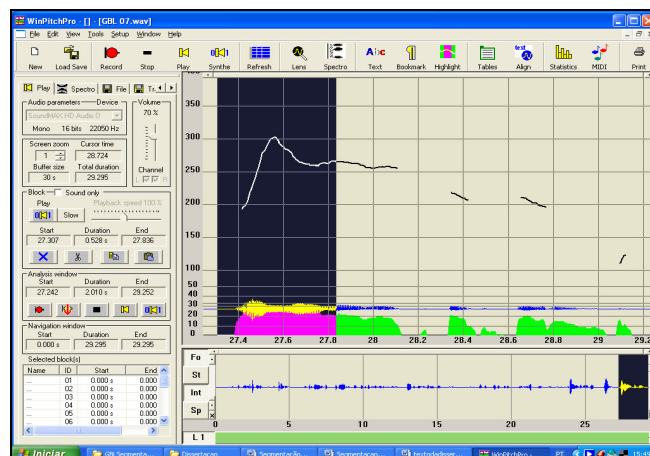


Figura 17 – Unidade de tópico

Exemplo 10: *GBL: *hhh sem ela perceber*^{TOP} / *ela fica me falando as coisas*^{COM} //

(GBL 32)

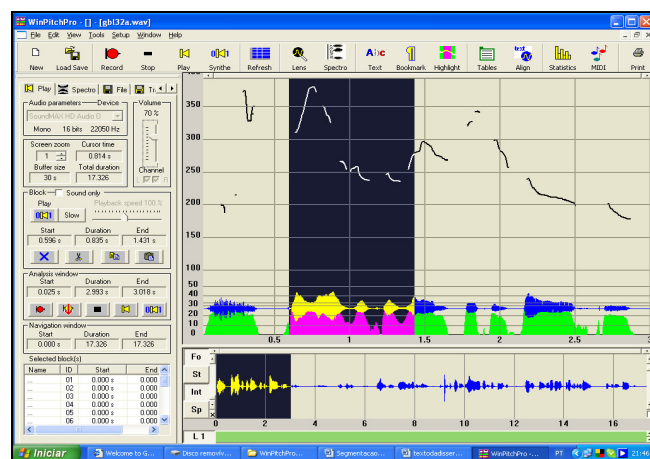


Figura 18 – Unidade de tópico

2.2.3.3 Apêndice (Apêndice de Tópico - APT/ Apêndice de Comentário - APC)

Entonacionalmente, o Apêndice (Cresti, 2000, p. 131-137) é uma unidade tonal sem foco e ainda mais subordinada entonacionalmente. Divide-se em Apêndice de Tópico (APT) e Apêndice de Comentário (APC), devido às características específicas de cada uma dessas unidades informacionais. O APT pode reproduzir as características de um Tópico, com uma média de frequência fundamental (Fo) muito baixa, sem foco,

ou ter andamento nivelado ou descendente. Funcionalmente, o APT integra textualmente a unidade de Tópico à qual se refere. Distribucionalmente, deve suceder a unidade informacional de Tópico. O APC, entonacionalmente, possui uma Fo sempre mais baixa do que a unidade que o antecede, com andamento nivelado ou descendente. Funcionalmente, o APC integra textualmente a unidade de Comentário. Distribucionalmente, deve suceder a unidade informacional de Comentário. Essas unidades informacionais são consideradas unidades de sufixo (T'HART; COLLIER; COHEN, 1990) e não possuem foco entonacional.

A seguir, apresentamos dois exemplos de apêndice, um de Tópico (APT) e um de Comentário (APC), com seus respectivos perfis entonacionais. Os dois exemplos foram retirados de Ulisses (2008).

Exemplo 11: **FBA: aí^{FAT} / um belo dia^{TOP} / você^{APT} / tá pensando em outra coisa^{TOP} / e [/] e vem aquela visão^{COM} //* (FBAIL-3C)

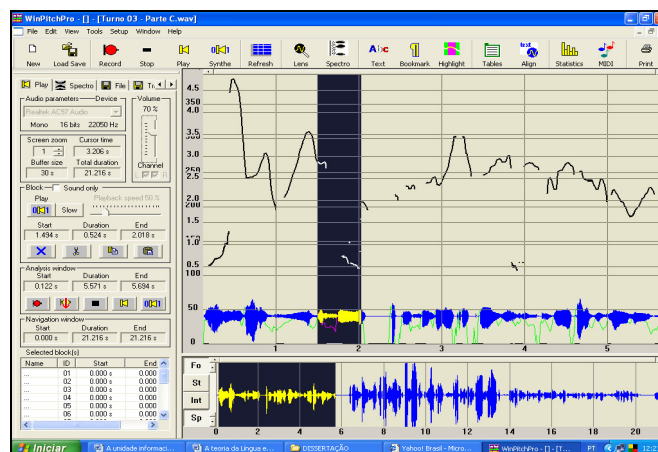


Figura 19 – Unidade de apêndice de tópico

Exemplo 12: **FBA: cê sentir que o aluno pelo menos num tá morto^{COM} / em relação a língua^{APC} //* né^{COM} // (FBA II – 1B)

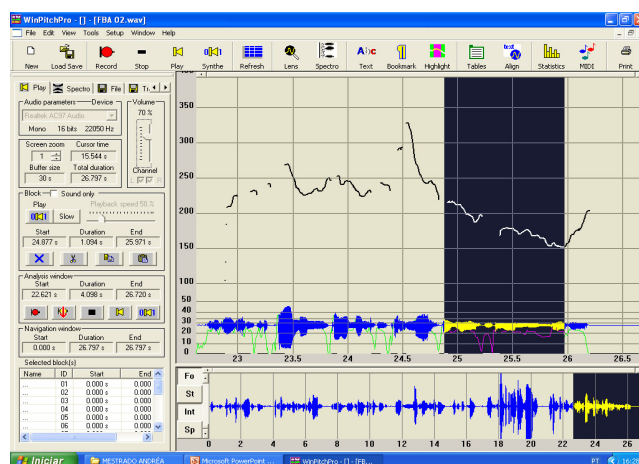


Figura 20 – Unidade de apêndice de tópico.

2.2.3.4 Auxílio Dialógico (AUX)

Com as mesmas características, ser uma unidade opcional e dependente melodicamente, das duas unidades informacionais apresentadas anteriormente, os auxílios dialógicos (CRESTI, 2000, p. 137-143) são múltiplos e variados. Os principais são aqueles com função de Incipitário, Fático, Alocutivo e Conativo.

Entonacionalmente, o Incipitário (INP) (CRESTI, 2000, p. 138-139) é sinalizado através de uma unidade tonal muito alta e intensa. Funcionalmente, essa unidade sinaliza a tomada de turno por parte de um dos interlocutores. Distribucionalmente, encontra-se, de preferência, no início de um enunciado. Lexicalmente, é constituído por advérbios, conjunções coordenantes ou subordinantes, pronomes pessoais e interjeições. O exemplo a seguir apresenta essas características encontradas na unidade informacional em questão:

Exemplo 13: *VTR: *por quê* ^{^COM} / *que cê acha que ficou diferente* ^{COM} //

*GBL: *ah*^{INP} / *porque ficou*^{COM} / *uê*^{AUX} // (GBL 07)

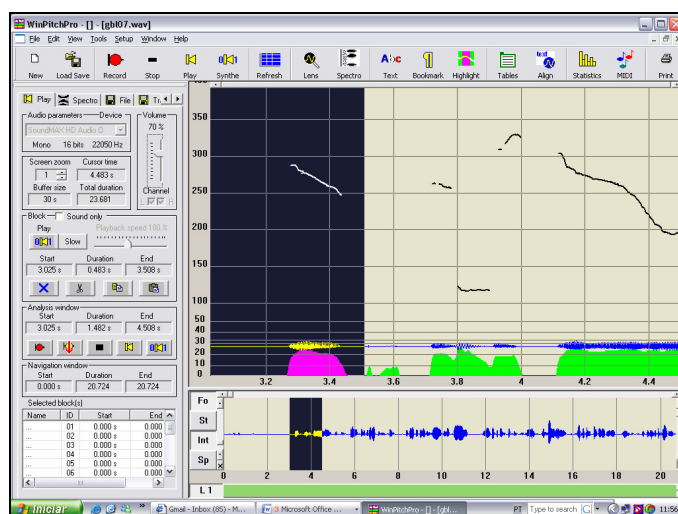


Figura 21 – Unidade de incipitário

Entonacionalmente, o Fático (FAT) (CRESTI, 2000, p. 139-141) possui uma realização fonética aproximativa e breve, e possui um perfil entonacional pouco saliente. Funcionalmente, é dedicado ao controle do bom funcionamento da comunicação e assegura a manutenção do canal. Distribucionalmente, ele pode ocorrer em qualquer posição no enunciado. Lexicalmente, é constituído de formas verbais, verbos de percepção, adjetivos, advérbios e interjeição. No exemplo apresentado a seguir, o fático é utilizado para que o interlocutor continue a prestar a atenção ao que está sendo dito.

Exemplo 14: *GBL: *eh*^{AUX} / *por causa que o ensino tá &di* [/] *é difícil*^{COM} / *né*^{FAT} //

(GBL 14)

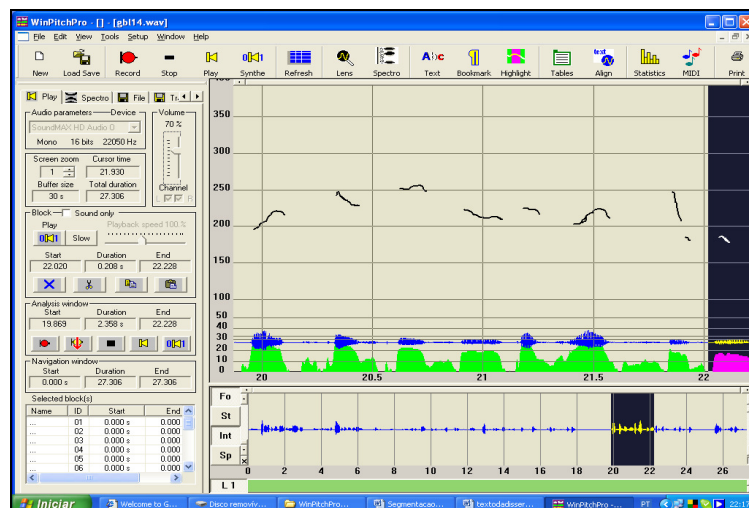


Figura 22 – Unidade de fático

O Alocutivo (ALC) (CRESTI, 2000, p. 141-142) realiza o controle da comunicação, através de um chamamento direto, nomeando o interlocutor ao dirigir-se a ele. Ele é constituído por nomes próprios, nomes de classes sociais, pronomes pessoais, adjetivos qualitativos afetuosos ou ofensivos e títulos, caracterizando assim sua composição lexical. Essa unidade informacional é livre, mas ocorre preferencialmente no início do enunciado, e corresponde ao que tradicionalmente é denominado vocativo. O Alocutivo difere completamente da ilocução de chamamento e apelo, com a qual não deve ser confundido. A função informacional primordial dos Alocutivos está relacionada à ativação afetiva no canal comunicativo entre interlocutores.

A figura a seguir, retirada de Ulisses (2008), apresenta um exemplo de Alocutivo encontrado na amostra:

Exemplo 15: *FBA: *eh*^{FAT} / *e foi &ass + ai*^{AUX} / *eu fiquei preocupada*^{COM} / *né*^{FAT} /

Andréa^{ALC} // (FBAIII-2A)

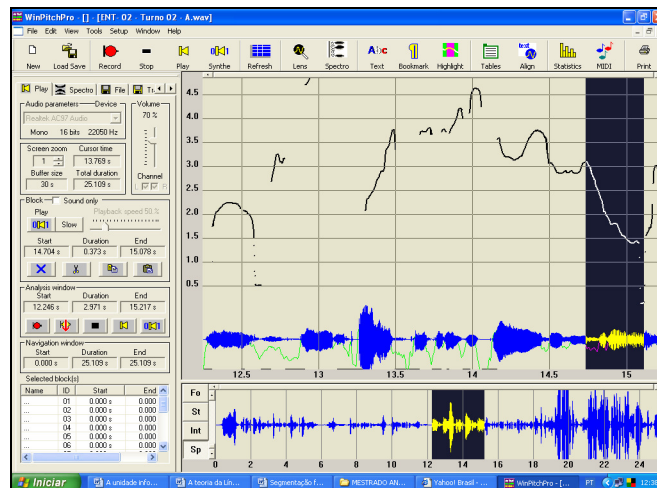


Figura 23 – Unidade de alocutivo

O Conativo (CON) (CRESTI, 2000, p. 142-143), por sua vez, tenta exercer uma pressão direta no interlocutor para que o mesmo faça qualquer coisa, desista de um comportamento ou mude. Ele tende a se localizar no final dos enunciados e é lexicalmente variado, podendo ser constituídos de nomes (*força, cuidado, calma*), verbos (*vai, vão embora*), expressões adverbiais (*nossa, pô*), dentre outras, mas não possuem uma força diretiva capaz de possibilitar sua interpretação pragmática em isolamento. Não apresentaremos exemplos dessa unidade informacional, pois não foi encontrada em nossa amostra.

2.2.3.5 Inciso (INX)

O Inciso (CRESTI, 2000, p. 143–145; FIRENZUOLI; TUCCI, 2003; TUCCI, no prelo) funciona como auxílio de tipo metalingüístico e serve para o falante comentar, de maneira direta, o conteúdo do seu próprio enunciado. O inciso não participa de maneira direta da composição do texto do enunciado, mas constitui uma interpretação ou uma instrução lingüística voltada para que o interlocutor interprete o texto. Essa unidade informacional possui pelo menos dois perfis entonacionais dedicados ao seu

cumprimento e localiza-se internamente ao enunciado, podendo ocorrer até dentro de uma unidade de Comentário, Tópico ou Apêndice, no fim de um enunciado, mas nunca em início de enunciado. Ele é também caracterizado por um abaixamento da F0 e, freqüentemente, por um aumento da velocidade de elocução.

O exemplo 16 apresenta essas características da unidade de Inciso. No exemplo, a unidade de Inciso está localizada internamente à unidade de Comentário:

Exemplo 16: *GBL: até que a última carta dela / **também**^{INX} / nem decifrei hhh^{COM} //

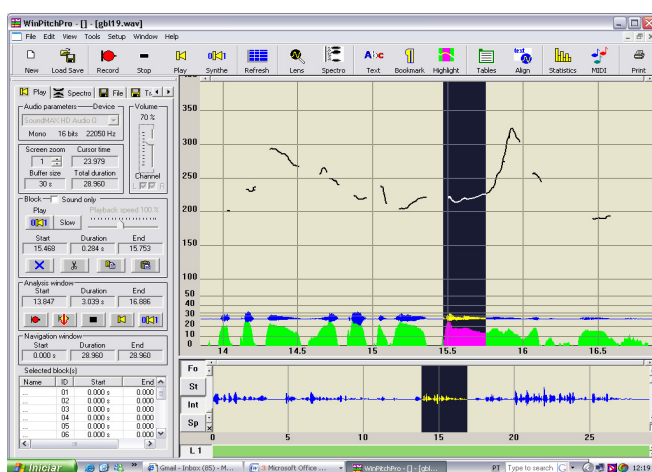


Figura 24 – Unidade de inciso

No próximo exemplo¹³, apresentamos um enunciado complexo informacionalmente, em que ocorre tanto o Inciso curto quanto o Inciso longo. O primeiro ocorre entre unidades de tópicos. A parte em destaque corresponde ao detalhamento do primeiro inciso, denominado longo, por possuir duração maior que a grande maioria dos incisos encontrados nos textos.

Exemplo 17: *FBA: eu^{TOP} / já até [/] **já tinha falado** / né^{FAT} / **mencionado isso com**
você anteriormente^{INX} / &he / eu senti^{TOP} / &he / em muitos alunos^{TOP} /
né^{FAT} + eu notei / em vários alunos^{TOP} / **assim**^{INX} / reações^{TOP} / que eu

¹³ Exemplo retirado de Raso, Mello, Alves de Deus e Ulisses (NO PRELO).

não tinha visto antes^{COM} // (FBA II – 1A)

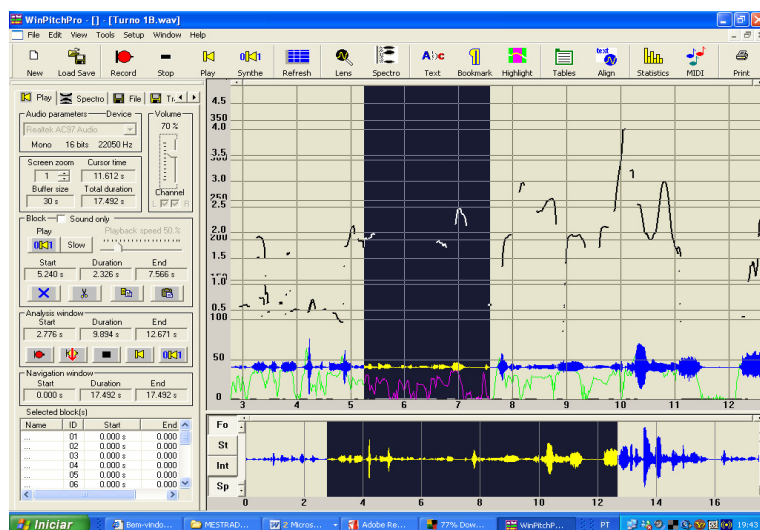


Figura 25 – Inciso longo

Outro tipo de inciso longo também foi encontrado na amostra utilizada para a realização deste estudo. Conforme pontuado anteriormente, ele possui duração mais longa como exemplificado na figura a seguir, retirada de Ulisses (2008):

Exemplo 18: **FBA: há turmas^{TOP} / inclusive eu tava conversando até com uma diretora de lá^{INX} + (FBA II – 3C)*

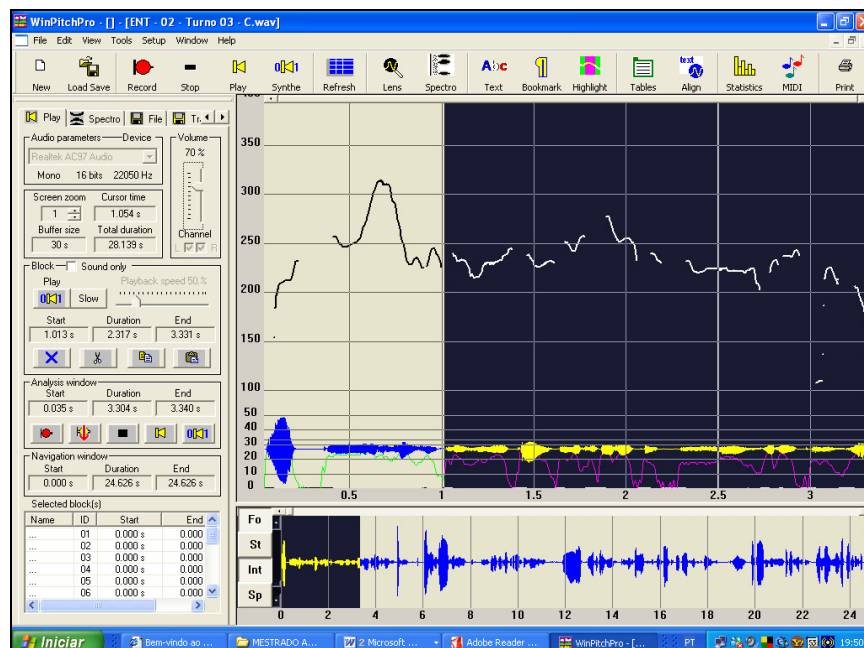


Figura 26 – Inciso longo.

2.2.3.6 Introdutor Locutivo (INTL)

O Introdutor Locutivo (CRESTI, 2000, p. 145-148) sinaliza o discurso direto narrado ou a suspensão pragmática antes de um elenco. Essa unidade não corresponde a uma classe lexical, introduzindo um ponto de vista diverso daquele do discurso narrado que está sendo apresentado. O perfil entonacional dessa unidade informacional pode variar, mas mantendo uma característica constante: uma Fo mais baixa que a normal do falante, de maneira que, no enunciado seguinte, a estilização do Comentário de citação, que é sempre mais alto, seja ressaltada. O Introdutor Locutivo localiza-se sempre antes de um enunciado de citação ou de um elenco, sinalizando que o que vem em sequência não deve ser interpretado autonomamente, mas sim dentro de uma ilocução mais abrangente, ou seja, aquilo que segue retoma especificações espaço-temporais do que foi primeiramente pronunciado. A velocidade de execução do Introdutor Locutivo é maior que as unidades que o seguem e o antecedem.

Raso, Mello, Alves de Deus e Ulisses (2007) exemplificaram essa unidade na interação apresentada a seguir. Nesse enunciado, a ilocução inicial é de pergunta (*que que cê leva em consideração*), dada na primeira unidade de Comentário. Esta unidade informacional é seguida de um Introdutor Locutivo com Fo mais baixa que as unidades que o precedem e sucedem (*quando ela fala assim*), a qual introduz a citação (*trabalhe em pares*), que é estilizada e possui uma Fo mais alta, com sinal da própria dependência. Os perfis individualizados de cada uma dessas unidades informacionais são apresentados a seguir:

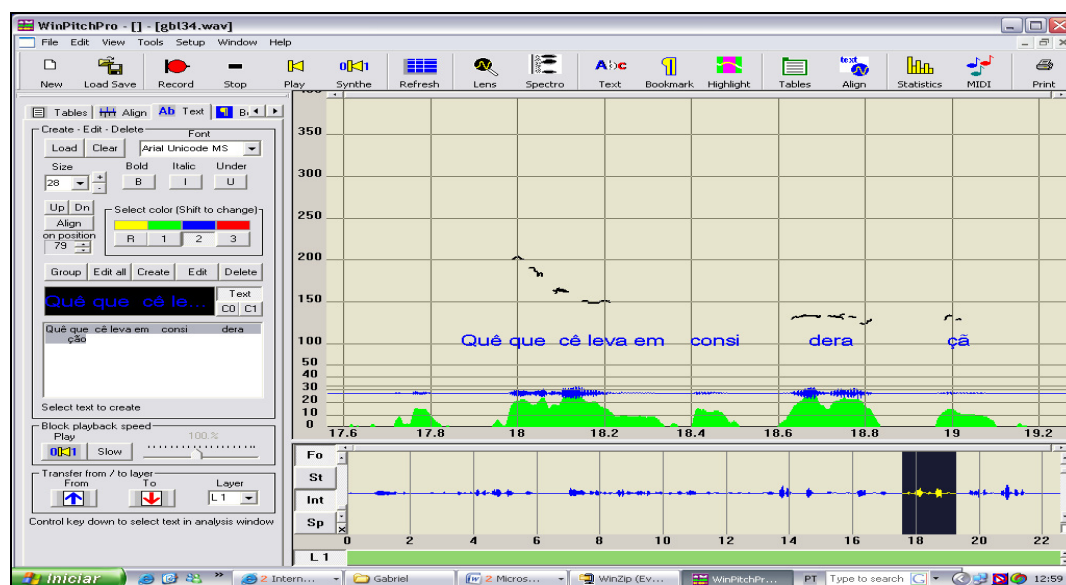


Figura 27 – Unidade de comentário

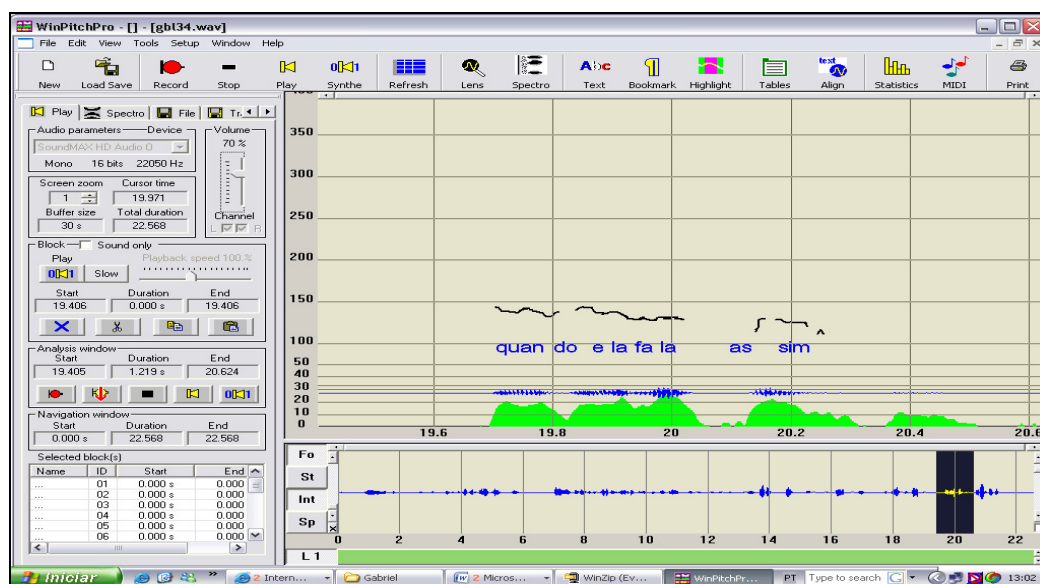


Figura 28 – Unidade de introdutor locutivo

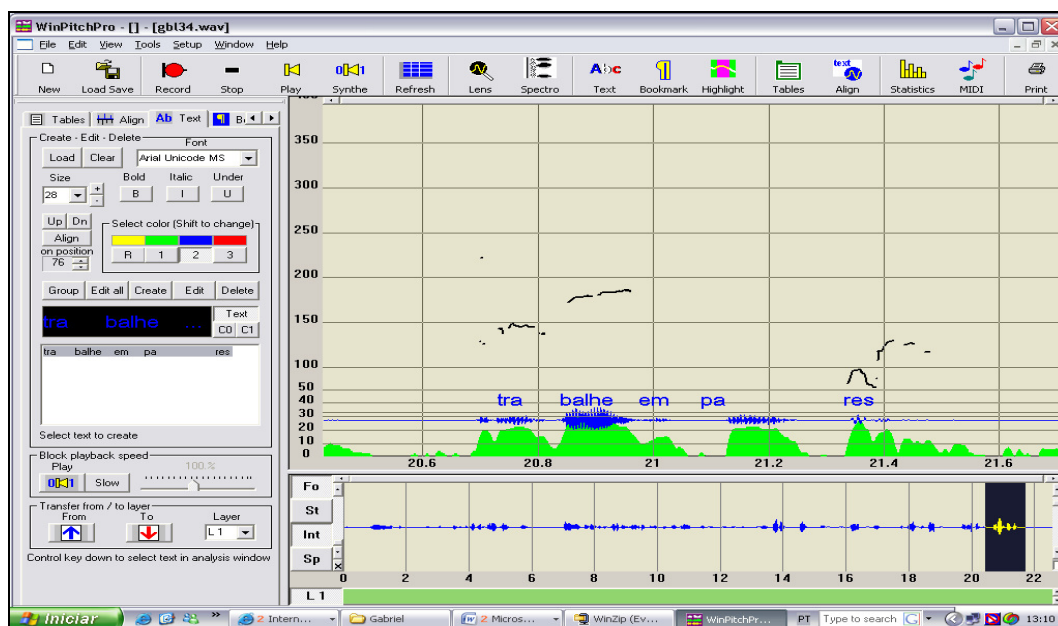


Figura 29 – Unidade de comentário de citação

2.2.4 O enfraquecimento do critério ilocucionário

A Teoria da Língua em Ato baseia-se na correspondência biunívoca entre o Comentário e o Enunciado e propõe que cada enunciado possui sempre uma e somente uma unidade de comentário. Além disso, discute o fato de que existe um isomorfismo entre unidade tonal e unidade informacional, ou seja, cada unidade tonal corresponde a uma unidade informacional. Nas subseções que se seguem, iremos problematizar essas proposições (CRESTI, 2000, p. 145–166). Apesar disso, reafirmamos que o isomorfismo é o fundamento de qualquer fala espontânea, mesmo em textos em que segmentos produzidos apresentam uma perda dessa característica. Existem três casos em que o isomorfismo se perde:

1. Na realização de Comentários Múltiplos.
2. Quando uma unidade informacional é fracionada em mais unidades tonais.
3. Na realização de “Estrofe”.

2.2.4.1 A Realização de Comentários Múltiplos

O primeiro caso em que o isomorfismo se perde ocorre na realização de comentários múltiplos. Nessas realizações, o falante não respeita o princípio da correspondência biunívoca entre um enunciado e uma unidade de comentário com um único valor ilocucionário. Ao contrário, ele realiza ilocuições caracterizadas por duas ou mais unidades de comentário. Existem cinco tipos de ilocuições que, necessariamente, se distribuem em mais unidades de comentário: 1) a ilocução de citação, cujo ponto de vista é inserido dentro do enunciado, apesar de não pertencer às coordenadas espaço-temporais do mesmo; 2) a ilocução de elenco, em que cada elemento do elenco localiza-

se em uma unidade de comentário diferente; 3) a ilocução de comparação, em que cada elemento da comparação também localiza-se em uma unidade de comentário diferente; 4) a ilocução de hipótese ou relação de necessidade, em que dois comentários possuem uma relação especialmente estreita e necessária, seja de natureza temporal ou de semelhança, e não necessariamente de natureza lógica de causa-efeito como no período hipotético; e 5) o pedido de confirmação, em que a ilocução veiculada não é a de uma pergunta e sim de um pedido de confirmação ou *tag question*. Os exemplos apresentados a seguir exemplificam as cinco possibilidades.

O exemplo 19 refere-se à ilocução de citação, que é precedida de um introdutor locutivo (*que na hora que ele fala*), e, conforme apontado na seção 2.2.3.6, possui F0 mais baixa que as três unidades de comentário que o precedem (*hum // não// foi no início //*). A ilocução de citação (*I feel good*) e demarcada em negrito na figura abaixo é estilizada, com uma F0 mais alta do que todas as unidades informacionais anteriores.

Exemplo 19: *GBL: *hum*^{COM} // *não*^{COM} // *foi no início*^{COM} // *que na hora que ele fala*^{INTL} / ***I feel good***^{COM} // (GBL 07)

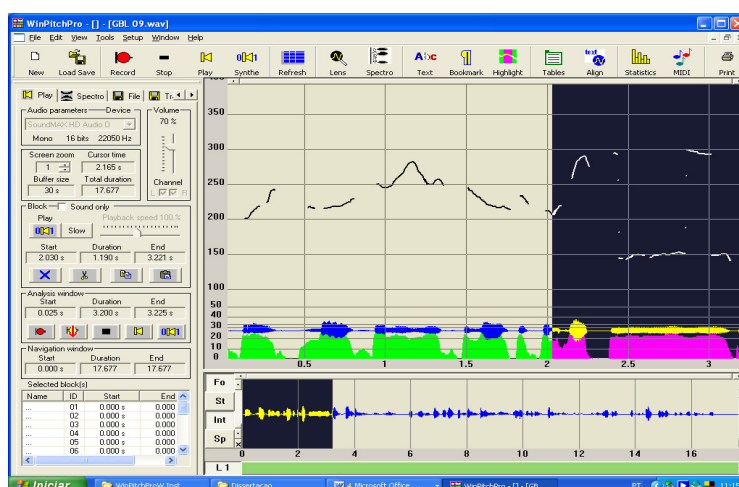


Figura 30 – Ilocução de citação

O exemplo 20 refere-se à ilocução de elenco, em que cada elemento do elenco corresponde a uma unidade de comentário diferente. Os comentários, destacados em negrito e *itálico* no exemplo, estão apresentados na figura a seguir e possuem perfil entonacional descendente na fronteira de cada um deles.

Exemplo 20: *GBL: *ela ensinou música* ^{COM} / *pra gente* ^{COM} // *ela ensinou* ^{COM} //

*VTR: *hum hum* //

*GBL: *a música* ^{COMel} / *escreveu* ^{COMel} / *ensinou a gente a cantar* ^{COMe}

^l // (GBL 13)

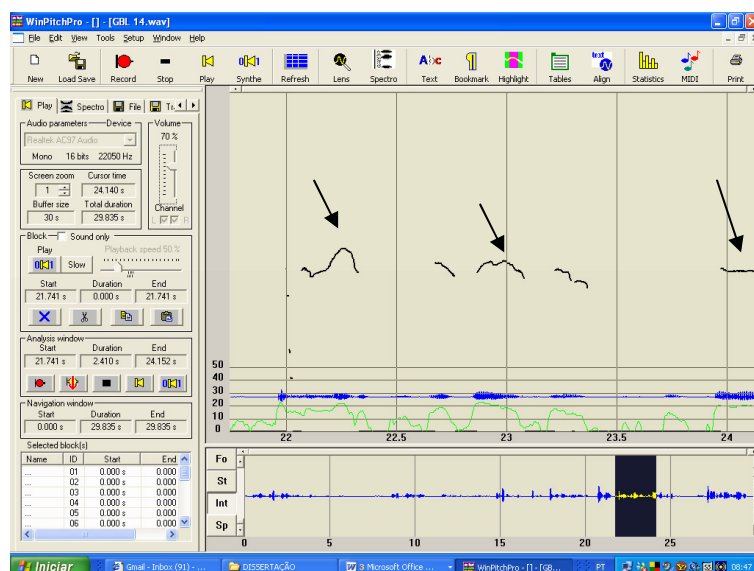


Figura 31 – Ilocução de elenco

O exemplo 21 refere-se à ilocução de comparação, em que as duas unidades informacionais correspondem a dois comentários. Essas unidades de comentário possuem proximidade temporal e valor de Fo semelhantes, delineando entonacionalmente o modelo perceptivo de comparação.

Exemplo 21: *FBA: *uns* ^{TOP} / *reagiram pouco* ^{COM} / *outros reagiram mais do que os*
outros ^{COMcomp} // (FBA II – 3D)

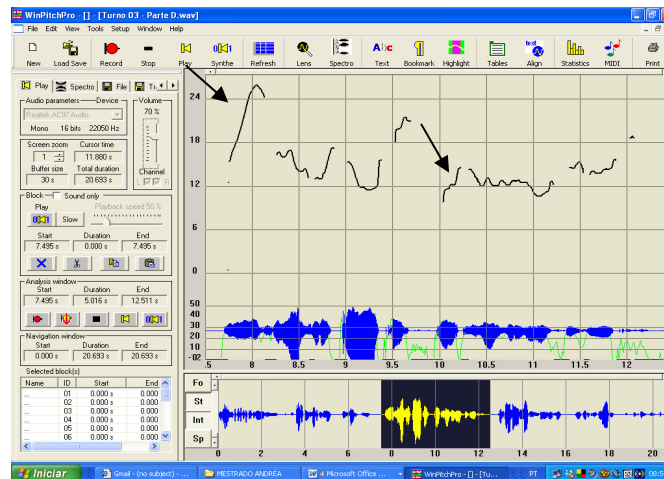


Figura 32 – Ilocução de comparação

O exemplo 22 refere-se à ilocução de hipótese ou relação necessária. As duas unidades de comentário possuem uma relação estreita e necessária, de natureza temporal. A parte em destaque corresponde à primeira unidade de comentário e a parte seguinte, que não está em destaque, corresponde à segunda unidade de comentário.

Exemplo 22: * **GBL**: *ai* ^{AUX} / *chegou na prova* ^{COM} / *caiu aquele negócio* ^{COM} //

(GBL 11)

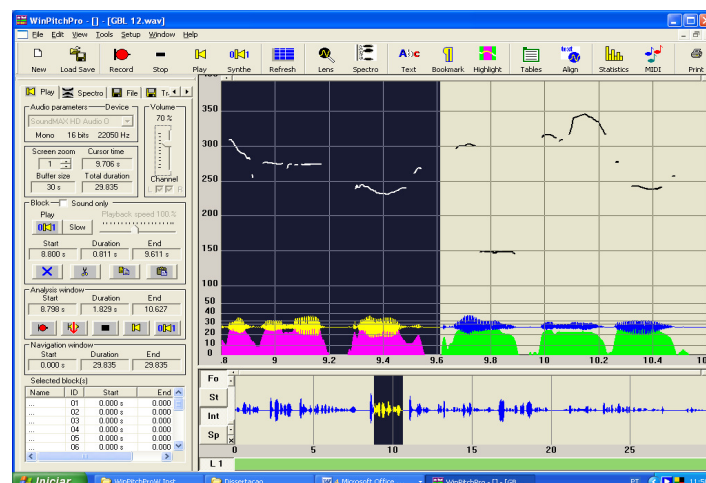


Figura 33 – Ilocução de hipótese ou relação necessária

A exemplificação dos pedidos de confirmação é mais complicada. Esse tipo de ilocução múltipla merece um estudo a parte, pois vários fatores

colaboram à sua definição e o segundo comentário pode facilmente ser confundido por uma unidade de AUX.

2.2.4.2 Fracionamento de Unidade Informacional em mais Unidades Tonais

O segundo caso em que o isomorfismo se perde é quando uma unidade informacional, principalmente a de comentário, é fracionada em mais unidades tonais. Isso ocorre quando o falante não consegue realizar o que havia programado por alguma dificuldade particular, por razões enfáticas, ou se o programa melódico da unidade tonal é muito longo em número de sílabas. Quando a locução é extensa ou, por alguma razão, problemática, o falante realiza unidades de uma palavra ou sintagma com uma entonação neutra e repete esse mecanismo até que a expressão seja completada. O perfil desejado do ponto de vista funcional só é realizado pelo falante na parte final dessa realização. Às vezes, a entonação não é neutra, e o fracionamento corresponde a um objetivo expressivo.

O exemplo 23 demonstra uma dificuldade particular do falante, que pode estar relacionada à necessidade respiratória do mesmo para cumprir o que havia programado anteriormente. A parte em destaque da figura identifica o momento em que o falante interrompe a programação para respirar, concluindo-a em seguida, com o perfil terminal característico da unidade de comentário programada pelo falante.

Exemplo 23: *GBL: *a gente não tinha / ainda a manha*^{COM} // (GBL 18)

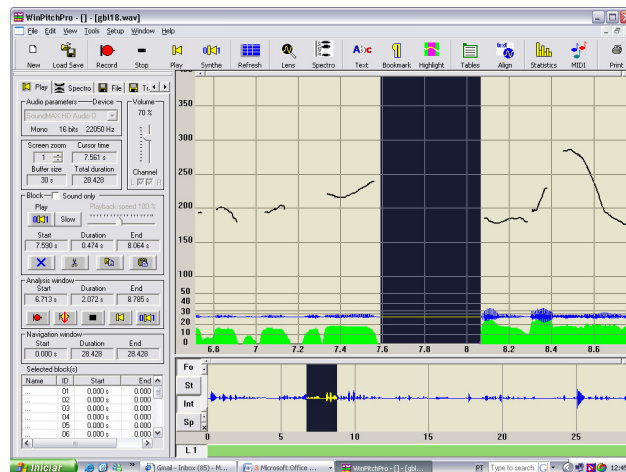


Figura 34 – Comentário fracionado em duas unidades.

O outro exemplo apresentado está relacionado à dificuldade de articular informacionalmente um programa melódico único para uma unidade tonal composta de um número alto de sílabas. A parte destacada na figura corresponde à parte final de execução do programa melódico, que apresenta o perfil terminal desejado funcionalmente pela unidade de comentário. Esses casos são típicos de falantes que não dominam completamente a própria articulação informacional, e não é por acaso que os encontramos em um pré-adolescente.

Exemplo 24: **GBL: aí^{AUX} / eu olho / as palavras que eu não sei / no dicionário^{COM} //*
(GBL 23)

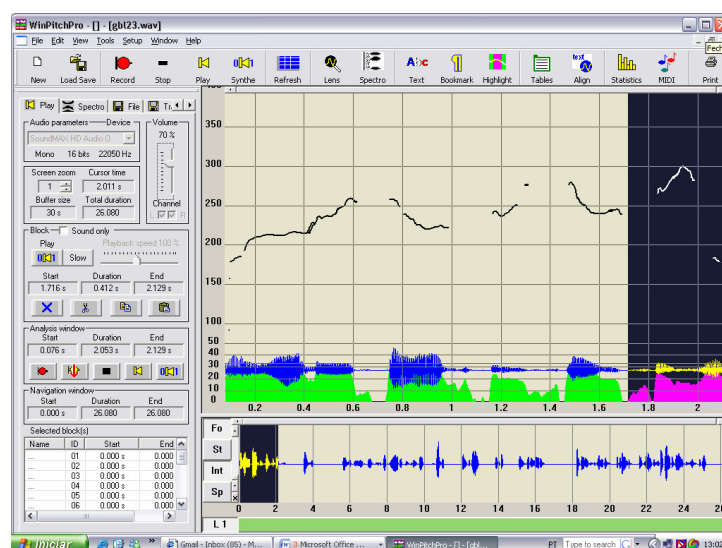


Figura 35 – Comentário fracionado em duas unidades

2.2.4.3 Realização de “Estrofe”

O terceiro caso em que o isomorfismo se perde ocorre na realização de “estrofe”, em que, com maior ou menor constância, a correspondência entre unidade tonal e unidade informacional, bem como aquela entre enunciado e um único comentário, desaparece, devido à desestruturação ilocucionária do texto. Esse fenômeno ocorre quando o texto perde a espontaneidade típica da interação livre entre os interlocutores. Nesses casos, o que se perde é exatamente o aspecto interativo e afetivo da fala. O texto resultante é caracterizado por uma seqüência de mais comentários com o mesmo valor ilocucionário, reconhecíveis com menos clareza, denominados comentários ligados. Nesse tipo de interação, ocorre também a construção retórica de um texto locutório em que o falante se utiliza de várias estratégias. A segmentação do texto produzido nesse caso não é realizada tão somente com base na veiculação de locução ou estrutura informacional, mas também com base em princípios retóricos e argumentativos que assemelham o texto falado à escrita. Os textos monológicos e regrados, ainda mais em diamesia culta, são um exemplo desse tipo.

Nessa situação, a entonação se torna um instrumento dos princípios retóricos e argumentativos, reduzindo ou abandonando a sua função ilocucionária. Esse nível de oralidade apresenta muitos pontos de contato com a escrita, visto que o princípio-guia do enunciado e do ato ilocucionário cede, em parte ou totalmente, o campo a longas seqüências locutivas com base semântica. Essa passagem pode acontecer dentro do mesmo texto, permitindo a identificação do momento em que o locutor abandona uma coloquialidade espontânea, baseada na ação sobre o interlocutor, para utilizar estratégias que concentram a atenção na construção da locução, quer seja narrativa, expositiva ou argumentativa. Cresti (1997) realizou ainda estudos relacionados ao uso da oralidade em

diamesias específicas como rádio e televisão, nas quais a entonação possui função diferente das acima especificadas. Nesses contextos, a entonação está relacionada ao reconhecimento da fonte do som.

2.3 O projeto C-ORAL ROM

Nesta subseção, apresentamos as características principais do C-ORAL-ROM após termos apresentado a Teoria da Língua em Ato. Essas informações são importantes, pois utilizamos os parâmetros de análise presentes no C-ORAL-ROM para estabelecermos uma comparação entre os textos que compõem a nossa amostra.¹⁴

O principal objetivo do projeto C-ORAL-ROM é fornecer uma amostra comparável de corpora de fala espontânea das quatro principais línguas românicas européias: francês, italiano, português e espanhol. O projeto foi conduzido por um consórcio Europeu e lançado em 1999 por Emanuela Cresti, Massimo Moneglia, Claire Blanche Benveniste, Fernanda Bacelar, Philippe Martin, Francisco Marcos Martin e Carlota Nicolas. Além do apoio da Universidade de Florença, o projeto foi aprovado e inserido no programa IST da União Européia.

O C-ORAL-ROM é constituído de um total de 772 textos e 121:43:07 horas de fala espontânea realizados por 1427 falantes diferentes. As sessões de fala espontânea que compõem os textos possuem, aproximadamente, 300.000 palavras por língua e foram coletadas, respectivamente, pela Universidade de Florença (LABLITA – Laboratório Lingüístico do Departamento de Italianística), pela Universidade de Provença (DELIC – Descrição Lingüística Informacional de Corpus), pela Universidade

¹⁴ Ver página 111 em diante.

de Lisboa (CLUL – Centro de Lingüística) e pela Universidade Autônoma de Madri (Departamento de lingüística, Laboratório de Lingüística Informacional).

Cada texto gravado no C-ORAL-ROM possui as principais anotações, com as informações essenciais sobre os falantes, situações de gravação, qualidade acústica, fonte e conteúdo. A transcrição padrão ortográfica foi enriquecida com a marcação de quebras prosódicas terminais e não-terminais; foi feito o alinhamento entre a fonte acústica e cada enunciado transcrito; e foram extraídas todas as formas e os lemas com a relativa frequência. Graças ao software CONTEXTES, o usuário pode, portanto, recuperá-las com relação à extensão do corpus desejada. Os quatro corpora foram transcritos ortograficamente no formato textual padrão, no formato CHAT (MACWHINNEY, 1994; 2000), com a representação das principais características dialógicas, tais como os turnos dos falantes, as principais ocorrências não-lingüísticas e paralingüísticas, as quebras prosódicas e a segmentação do contínuo fônico em unidades menores de fala.

O C-ORAL-ROM utilizou critérios diferentes para a identificação da amostragem das partes formal e informal dos corpora. Os critérios utilizados são o tipo de linguagem, o contexto sociológico, a estrutura do evento de comunicação, o canal e o domínio típico de uso. Esses critérios são utilizados na exposição dos dados comparativos entre as quatro línguas. O detalhamento desses critérios é apresentado nos quadros a seguir:

Quadro 1
Crítérios de comparação entre as quatro línguas

Nível de Linguagem	Contexto Sociológico	Estrutura do evento de comunicação
Informal	Familiar/Privado Público	Diálogo Multi-diálogo Monólogo

Fonte: Cresti e Moneglia (2005)

Quadro 2
Detalhamento dos critérios de comparação entre as quatro línguas

Nível de Linguagem	Canal	Domínio típico de uso
Formal	Contexto Natural	Discurso político, debate político, sermão, ensino, exposição profissional, conferência, negócios, lei.
Formal	Mídia	Programas com platéia, imprensa científica, reportagem, entrevistas, esporte, notícias, previsões de tempo
Informal	Telefone	Conversas privadas, interações homem-máquina.

Fonte: Cresti e Moneglia (2005)

2.3.1 Os dados e a estratégia de amostragem das línguas no C-ORAL-ROM

As medidas relacionadas às estratégias de construção dos enunciados e de suas variações no desenho do C-ORAL-ROM são apresentadas em um menu do DVD que acompanha o livro sobre o projeto, denominado *Diagramas*, o qual mostra os valores encontrados nas quatro línguas em gráficos. Os diagramas apresentam vários dados lingüísticos, que nesta seção são apenas ilustrativos da complexidade das informações apresentadas no projeto C-ORAL-ROM. Dentre as medidas apresentadas referentes aos enunciados produzidos em cada uma das quatro línguas, destacamos: a estratégia lexical, o tipo estrutural e as propriedades quantitativas dos enunciados. Essas medidas serão retomados na seção 4 em que estabelecemos uma comparação entre os dois textos que compõem a nossa amostra, dadas suas tipologias interacionais. Apresentamos a seguir o detalhamento de cada uma das medidas apresentadas no C-ORAL-ROM:

1. Estratégia lexical: a proporção entre nomes e verbos;
2. Tipo estrutural: os principais tipos estruturais dos enunciados são simples com verbo, simples sem verbo, complexo com verbo e complexo sem verbo;

3. As propriedades quantitativas: duração média dos enunciados, duração média dos turnos, tamanho das unidades tonais e a velocidade de execução de palavras por segundo.

A amostragem do C-ORAL-ROM é baseada em parâmetros que constituem a estrutura semiológica e sociológica do corpus de fala espontânea. Entre os parâmetros considerados estão o tipo de interação (estrutura monológica, dialógica ou conversação), o contexto social, o canal, o domínio do uso, a variação de registro (formal ou informal), e os parâmetros dos falantes (idade, sexo, educação, ocupação e origem geográfica). Em relação à origem dos falantes, o C-ORAL-ROM não representa a variação diatópica sistemática, mas a língua falada em um centro urbano por país, incluindo as áreas em volta do centro: Madri, Lisboa, Marselha e Florença (CRESTI et al. 2002). Essa origem geográfica é apresentada no gráfico a seguir:

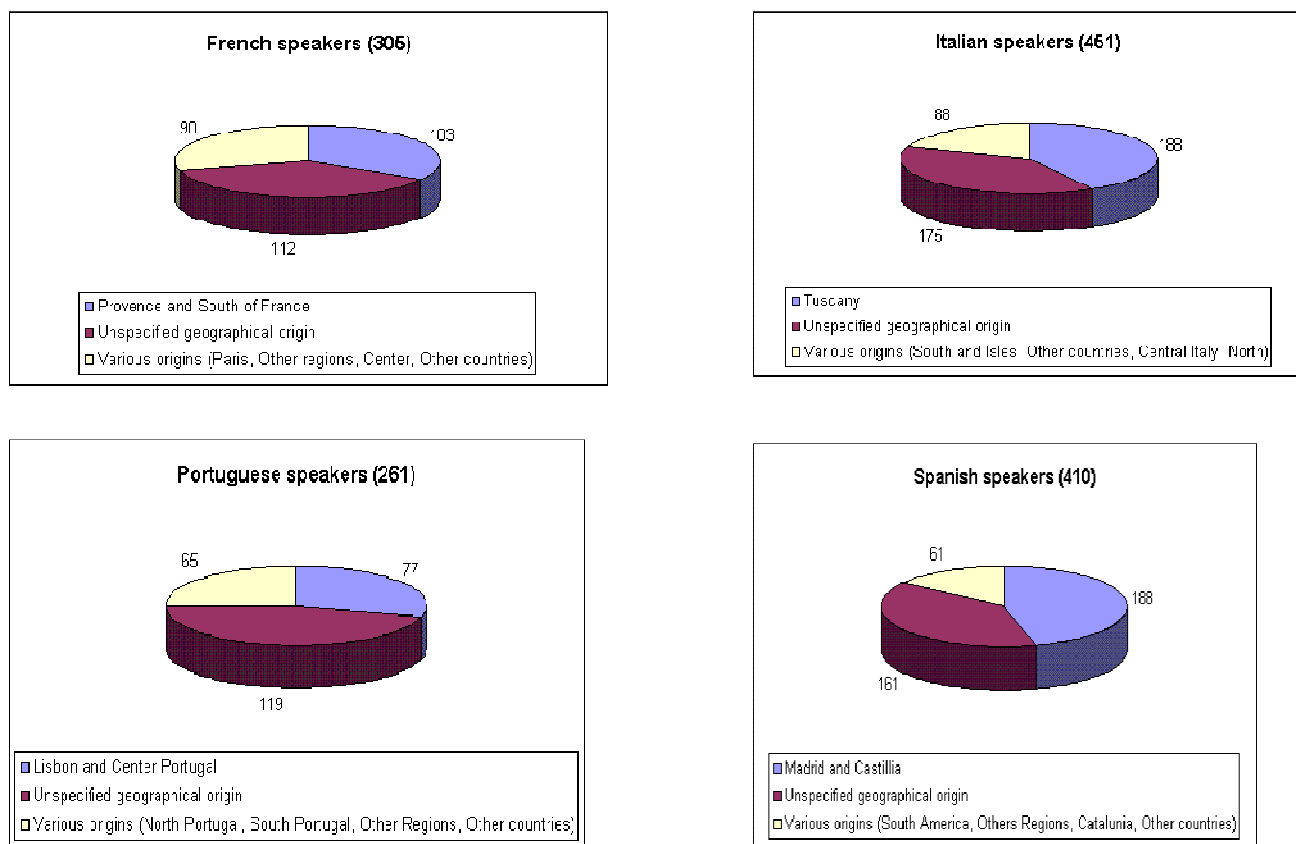


Gráfico 1 – Origem geográfica dos participantes do C-ORAL-ROM
 Fonte: Cresti e Moneglia (2005)

Em resumo, as principais escolhas adotadas no C-ORAL-ROM para a representação do universo de fala nas 300.000 palavras das quatro línguas românicas que constituem o *corpora* foram a divisão entre fala formal e fala informal, cada uma com uma porcentagem de 50%, a seleção de critérios diferentes para a amostragem das partes formal e informal do corpus, a definição da dimensão das amostras em termos de números de palavras, a representação suficiente da fala dialógica espontânea e a representação da língua formal tanto em media quanto nos contextos de interação face-a-face.

CAPÍTULO 3

3 METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a metodologia utilizada para coleta e análise dos dados que constituem os 3 (três) textos do PB. Primeiramente, apresentamos as informações relacionadas ao contexto de gravação das interações. Posteriormente, apresentamos a descrição dos participantes dessas interações, a duração e número de palavras dos respectivos textos e os símbolos utilizados para a transcrição dos mesmos. Ainda nesta seção, apresentamos os procedimentos relacionados à análise dos dados, tais como a utilização do software WinPitch (MARTIN, 2006), os procedimentos de segmentação, a conferência e a etiquetagem do contínuo fônico.

3.1 Contexto e Participantes

Os participantes convidados a serem informantes do presente estudo foram informados sobre os objetivos e características deste estudo através de termo de consentimento específico (Anexo 01). Além disso, enfatizou-se o fato de que a presente investigação não objetivava prejudicar ou impedir o fluxo normal das atividades que deveriam ser desempenhadas pelos participantes, bem como o fato de que suas identidades seriam preservadas e que não haveria veiculação de pontos negativos, tanto dos participantes quanto da escola. Por esse motivo, todos os nomes utilizados para identificação dos participantes da interação são fictícios. O último esclarecimento prestado aos participantes refere-se ao fato de que o objetivo principal do estudo era

analisar informacionalmente o PB através de uma primeira aplicação da Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000).

3.1.1 Contexto da Gravação

As três interações foram gravadas na cabine acústica do Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, com o objetivo de garantir a qualidade acústica do material coletado. Apesar disso, a qualidade de gravação não é sempre ideal, visto que alguns trechos dos informantes Vítor (VTR) e Adriana (ADA) possuem um sinal acústico de má qualidade. Em alguns casos, o sinal não permite a individualização do perfil entonacional.

3.1.2 Descrição dos participantes das interações

Os dados lingüísticos que constituem o objeto de investigação e análise do presente estudo foram coletados através de interações dialógicas motivadas pelos pesquisadores com seus informantes de pesquisa ao discursarem sobre o processo de ensino/aprendizagem de inglês em escolas públicas. O texto número (1) é o registro de uma interação dialógica em que o aluno, denominado Gabriel (GBL), e o pesquisador, Vítor (VTR), discorreram a respeito das representações do aluno sobre o ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira.

A interação que resultou no texto 1 caracterizou-se em grande parte por interações dialógicas em turnos breves entre o pesquisador e o aluno. O aluno possuía treze anos de idade no período da coleta de dados, havia cursado todo o ensino fundamental na rede pública municipal, totalizando três anos completos de participação

no processo de ensino/aprendizagem de inglês como LE e nunca havia freqüentado nenhum curso de inglês como LE fora da escola. O pesquisador era graduado em Letras/Licenciatura em Língua Inglesa na Universidade Federal de Minas Gerais e lecionava há cinco anos em contextos variados, como projetos de Educação Continuada¹⁵ e na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte (FACISA-BH). Ele possuía 26 anos durante o período de coleta dos dados e estava no segundo ano de mestrado na mesma universidade na qual recebeu a licenciatura em Língua Inglesa em agosto de 2004.

Os textos 2 e 3, por sua vez, são o registro de duas interações tendencialmente monológicas e discorrem sobre a adoção de uma metodologia de pesquisa denominada pesquisa-ação colaborativa (BURNS, 1999), que visa o desenvolvimento profissional dos envolvidos na implementação da mesma. Nesse tipo de metodologia de pesquisa, sessões de visionamento eram conduzidas pela pesquisadora Adriana (ADA) e pela participante da pesquisa Fabiola (FBA), para que elas pudessem avaliar os resultados obtidos na tentativa de implementação dessa metodologia.

Essas últimas interações tendiam ao discurso monológico através de turnos longos com seqüências narrativas e argumentativas, principalmente pela complexidade de articulação da informação apresentada pela informante Fabiola. Essa informante era graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais, atuava como professora de inglês do ensino fundamental, tinha 30 anos de idade e contava com pouco menos de dois anos de experiência de ensino em escola da rede pública. A pesquisadora também era graduada em Letras pela mesma universidade em que Fabíola se graduou, tinha 33 anos e atuava como professora de inglês do ensino fundamental há seis anos.

¹⁵ O Projeto EDUCONLE - “Educação Continuada de Professores de Línguas Estrangeiras” é coordenado por Deise Prina Dutra e Heliana Mello. O sítio do projeto pode ser acessado no endereço <http://www.lettras.ufmg.br/site/index.html>.

3.2 Duração e Número de Palavras dos Textos

O texto 1, interação entre Vítor (VTR) e Gabriel (GBL), possui uma duração de 922,5 segundos, o que equivale a 15 minutos e 22,5 segundos, com a realização de 2619 palavras, das quais 27 encontram-se fragmentadas. Os textos dois e três, interação entre Adriana (ADA) e Fabíola (FBA), possuem uma duração total de 1086 segundos, o que equivale a 18,1 minutos, com a realização de 2776 palavras, das quais 32 encontram-se fragmentadas.

3.3 Tabela com símbolos de transcrição

Os símbolos utilizados para a transcrição das interações acima descritas foram baseados no projeto C-ORAL ROM (CRESTI; MONEGLIA, 2005) e no formato de transcrição CHAT (MACWHINNEY, 1994; 2000). Para este estudo, utilizamos somente os símbolos obrigatórios. Os símbolos utilizados são apresentados a seguir:

Tabela 1
Símbolos utilizados na transcrição

*VTR	Vítor – Pesquisador do Texto 1.
*GBL	Gabriel – Informante do Texto 1.
*ADA	Adriana – Pesquisadora dos Textos 2 e 3.
*FBA	Fabíola – Informante dos Textos 2 e 3.
//	Quebra prosódica terminal (indica limite do enunciado).
+	Quebra prosódica terminal: enunciado abandonado, seja por qualquer razão.
/	Quebra prosódica não-terminal (indica fronteira de unidades tonais)

Tabela 1
Símbolos utilizados na transcrição

(continua)

[/]	Quebra não-terminal causada por retracting, com ou sem repetição de material lexical.
< >	Sobreposição de falas dos participantes.
hhh	elementos paralingüísticos (riso, choro, etc).
&	Palavras fragmentadas. O símbolo é colocado antes da palavra.
&he	Indica silêncio preenchido por sons como tomada de tempo por parte dos interlocutores.
Interjeições: Transcritas de acordo com a tradição lexicográfica do Português (eh, ah, oh, e né).	
Português não padrão: transcrito conforme pronunciado pelo falante: cê (você), todas as formas aferéticas de estar: tá (está), tô (estou), tava (estava), tando (estando), etc. e as preposições para + artigo: pra (para a), pras (para as), pro (para o), pros (para os), prum (para um), pruns (para uns), etc.	
/	indica que o interlocutor retomou o turno que havia sido interrompido por outro interlocutor
`	unidades tonais de citações ilocutivas (o símbolo é colocado antes da barra que indica fronteira de unidades tonais)
COM	Comentário
TOP	Tópico
APC	Apêndice de Comentário
APT	Apêndice de Tópico
AUX	Auxílios Dialógicos

Tabela 1
Símbolos utilizados na transcrição

(Conclusão)

INP	Incipitário
FAT	Fático
ALC	Alocutivo
INX	Inciso
INTL	Introdutor Locutivo
^COM	Comentário Ligado

3.4 A amostra

Apresentamos a seguir os textos que constituíram o corpus do presente estudo.

As dúvidas de etiquetagem das unidades informacionais foram sinalizadas em amarelo.

Texto 1

@ Participantes: Gabriel (GBL), homem, 13 anos, estudante do ensino fundamental. Vítor (VTR), homem, 26 anos, professor de inglês em curso livre, professor universitário e estudante de mestrado.

@ Data: 07/12/2005.

@ Situação: Entrevista no Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da UFMG.

@ Tópico: As representações dos alunos de uma escola pública sobre o Ensino/Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira

@ Classificação: informal, particular, dialógico

@ Duração: 15,22 minutos

@ Palavras: 2619

@ Qualidade acústica: B¹⁶

@ Transcritor: Luciano César Aves de Deus

@ Revisor(es): Andréa Cristina Ulisses de Jesus, Tommaso Raso.

¹⁶ Consideramos B, nesse caso, uma qualidade acústica de gravação digital em .wav (e, portanto, em princípio, ótima), sem barulho de fundo, mas com alguns trechos em que não aparece a F0. Isso é devido ao fato que o pesquisador às vezes fala a uma distância excessiva do microfone.

Segmentação Final GBL

- *VTR: nós vamos conversar sobre a aula de inglês^{COM} / **(gbl01)**
- *GBL: hum hum^{COM} //
- *VTR: / tá^{COM} / de + cê é um menino que tem estudado com a Andréa desde quinta série^{COM} //
- *GBL: é^{COM} //
- *VTR: não é isso^{COM} // Foi na quinta série que cê começou a estudar inglês^{COM} //
- *GBL: foi^{COM} //
- *VTR: cê tá^{TOP} / no Gabriela^{APT} / desde quando^{COM} //
- *GBL: desde do meio do ano da [/] da quarta série^{COM} // <quando eu fiz a quarta série>
COM //
- *VTR: <hum>^{COM} // tá^{COM} // e depois cê foi pro Gabriela^{COM} // **(gbl02 a partir de “não”)**
- *GBL: não^{COM} // eu^{TOP} / no início do ano até o [/] acho que &ju [/] até mais ou menos outubro^{TOP} / eu tava lá no [/] no Angélica^{^COM} / lá em Nações Unidas^{COM} //
- *VTR: hum hum^{COM} //
- *GBL: / fazendo a quarta série^{COM} //
- *VTR: Nações Unidas aqui em Belo Horizonte^{COM} // ou lá em^{COM} +
- *GBL: lá em Sabará^{COM} //
- *VTR: é um bairro^{COM} //
- *GBL: é^{COM} // aí^{TOP} / em &outu [/] em setembro^{TOP} / eu^{TOP} / &f [/] fui lá pra [/] pra
[/]

*VTR: pro Fátima^{COM} //

*GBL: / pro [/] pro Fátima^{COMel} / fiz a [/] o [/] o restante da quarta^{COMel} / aí^{AUX} / eu fui pra quinta^{COM} //

*VTR: ah / beleza^{COM} //

*GBL: aí^{AUX} / eu tô até agora <hhh> // **(gbl03 a partir de “hum // então / ta //”)**

*VTR: <hum> // então^{AUX} / tá^{COM} // eu esqueci de te perguntar^{COM} // mas^{AUX} / pergunta básica^{INTL}/ qual que é o seu nome ’//

*GBL: Marlon + todo^{COM} //

*VTR: cê que sabe^{COM} //

*GBL: Fabian^{COM} //

*VTR: ok^{COM} // quantos anos cê tem^{COM} / Marlon^{ALC} //

*GBL: Catorze^{COM} //

*VTR: cê estuda inglês^{TOP} / há quanto tempo^{COM} //¹⁷

*VTR: três anos^{COM} //

*GBL: três^{COM} //

(gbl04 a partir de “hum”)

*VTR: hum^{COM} // então^{COM} // eh^{AUX} / você gosta^{^COM} / de estudar inglês^{COM} / Marlon^{ALC} //

*GBL: gosto^{COM} //

*VTR: Por que^{COM} / que cê gosta de estudar inglês^{APC} //

*GBL: ah hhh^{COM} // porque eu achei legal^{COM} / uê^{AUX}//

*VTR: você acha interessante^{COM} //

*GBL: é^{COM} //

¹⁷ O entrevistado provavelmente usa as mãos para responder à pergunta.

*VTR: aquele dia que a gente comentou^{COM} / lá no + eu tava em sala^{TOP} / cê comentou comigo a diferença de inglês pra espanhol^{COM} // como é que é^{COM} / essa diferença^{APC} //
você acha que +

(gbl05 a partir de “ah”)

*GBL: ah^{COM} // aquele negócio lá^{COM} // &he / por causa que^{INP} / ah^{FAT} / espanhol^{TOP} / se você já [/] se você for lá na Espanha lá^{TOP} / cê já sabe comunicar^{COM} // cê entende um pouco as coisas que o pessoal fala lá^{COM} / né^{FAT} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: ah^{INP} / inglês não^{COM} // inglês cê tem que pegar mais sério^{COM} // porque^{AUX} / é poucas palavras que tem semelhança com o português^{COM} / né^{FAT} //

*VTR: então cê acha que cê tem que + &he / quê que cê [/] quê que cê chama de pegar mais sério^{COM} //

*GBL: estudar^{COM} / mais^{APC} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: ser mais atencioso^{COM} / né^{FAT} //

(gbl06 a partir de “isso”)

*VTR: isso^{COM} // participar mais <da aula^{^COM} / é isso>^{COM} //

*GBL: <é>^{COM} // participar^{COM} //

*VTR: hum^{AUX} / tá^{COM} //

*GBL: aprender^{COM} / né^{AUX} //

*VTR: tá^{COM} // &he / você acha + então^{TOP} / tá^{COM} // cê tá com a Andréa desde a quinta série^{COM} / né^{AUX} // cê acha que [/] que a Andréa mudou^{^COM} / nesse período^{COM} // de quinta / até a sétima [/] até a sétima agora // cê acha que / teve alguma mudança^{COM} //

*GBL: teve^{COM} //

*VTR: teve^{COM} // que tipo de mudança^{COM} //

*GBL: além no ensino^{COM} / né^{AUX} //

*VTR: é^{COM} // **(gbl07 a partir de “ah”)**

*GBL: ah^{INP} / eh^{AUX} / a aula^{COM} / né^{FAT} // ficou diferente^{COM} //

*VTR: por quê^{^COM} / que cê acha que ficou diferente^{COM} //

*GBL: ah^{AUX} / porque ficou^{COM} / uê^{AUX} // ah^{COM} // vamos supor^{COM} // ela antes também trabalhava com música^{COM} / sabe^{AUX} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: mas ela agora tá mais animada^{^COM} / na sala^{COM} // igual^{AUX} / ela passou aquela música / I feel good^{COM} // ah hhh^{COM} //

*VTR: <ah tá>^{COM} //

*GBL: <até hoje> eu lembro^{COM} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: aquele gritão^{^COM} / que ela deu lá^{COM} //

*VTR: ah^{INP} / ela deu um grito na sala^{COM} //

*GBL: hhh / dai^{AUX} / ela pegou^{INTL} / uau^{COM} ,//

*VTR: ah^{COM} // é no final da &mus [/] <da &exi> + **(gbl08 a partir de “<hum>”)**

*GBL: <hum>^{COM} // não^{COM} // foi no início^{COM} // que na hora que ele fala^{INTL} / I feel good^{COM} ,// aí^{INP} / dá <um grito hhh>^{COM} //

*VTR: <hhh> é essa música^{COM} //

*GBL: aí^{INP} / ele pegou ela^{INTL} / uau hhh^{COM} ,//

*VTR: hum^{COM} //

*GBL: deu maior gritão lá <na sala>^{COM} //

*VTR: <então^{AUX} / cê acha> que ela tá mais^{COM} //

*GBL: animada^{COM} //

*VTR: hum hum^{COM} // e em relação às [/] às atividades^{^COM} / que ela leva pra sala de aula^{COM} // você acha que mudou^{COM} // **(gbl09 a partir de “mudou”)**

*GBL: mudou^{COM} //

*VTR: quê que cê &ach [/] o quê^{COM} / que cê acha que mudou^{APC} / por exemplo^{INX} //

*GBL: ela tá trabalhando agora com mais em dupla^{COM} / grupo^{COMel} / né^{AUX} //

*VTR: hum hum //

*GBL: trabalhando mais grupo^{COM} // ela tá [/] o ensino tá [/] tá / assim^{INX} / difícil^{COM}
// mas tá mais fácil^{COM} / né hhh^{FAT} //

*VTR: não entendi^{COM} // por que que tá mais difícil^{COM} // o quê que tá mais <difícil>
COM //

*GBL: <não>^{COM} //

*VTR: o quê que tá mais fácil^{COM} //

*GBL: o ensino é difícil^{COM} // na sétima série o inglês é difícil^{COM} // igual^{AUX} / eu erro
tudo na prova <hhh>^{COM} //

*VTR: <hhh> cê falou mesmo^{^COM} / dessa dificuldade^{COM} / né^{FAT} / de +

*GBL: não / eu falo faço tudo certinho lá <na sala>

*VTR: <hum hum>^{COM} //

*GBL: / de aula **TOP** / chega na prova^{COM} / é pau^{COMrelnec} // <pronto>^{COM} //

*VTR: <cê> não consegue //

*GBL: <não^{AUX} / é> / **(gbl10 a partir de “não”)**

*VTR: <quê que cê não> +

*GBL: / que eu faço + não sei^{COM} // se eu fico nervoso ou o quê^{COM} // <ai>^{AUX} /

*VTR: <hum hum> //

*GBL: / eu pego e erro a prova toda^{COM} // e eu pensando que +

*VTR: que foi bem^{COM} //

*GBL: foi bem^{COM} // igual^{AUX} / eu^{TOP} / na última prova me deu um pouco de raiva hhh
COM // porque a professora tinha acabado de + foi + por causa que^{AUX} / deu uns
problemas lá^{TOP} / aí^{AUX} / não deu pra ela ir na nossa sala lá ensinar^{^COM} /

*VTR: hum hum //

(gbl11 a partir de do primeiro “aí”)

* GBL: / o &nego [/] o negócio^{COM} // aí^{AUX} / ela deu uma folha^{TOP} / aí^{AUX} / me
falaram que era trabalho^{COM} // aí^{AUX} / eu não tinha entendido a folha^{COM} // traduzi a
folha toda^{COM} / e não entendia o quê que era^{COMRelnec} // aí^{AUX} / chegou na prova^{COM} /
caiu aquele negócio^{COMRelnec} // aí^{AUX} / foi [/] na minha cabeça^{TOP} / fui colocando
because^{COM} // mas ela não tinha me [/]

*VTR: hhh

*GBL: / me &ens [/] falado que tinha que inverter a frase^{COM} / entendeu^{FAT} // que eu
não tinha &sa [/] não tava entendendo^{COM} / né^{FAT} // aí^{AUX} / ela chegou^{COM} // aí^{AUX} /
eu cheguei e falei com ela^{COM} // ela falou que ia dar uns pontos extras^{COM} / né // não
deu nada^{COM} //

*VTR: hhh você acha que ela não deu não^{COM} // **(gbl12 a partir de “deu nada”)**

*GBL: deu nada^{COM} //

*VTR: &he / então^{AUX} / cê falou que o [/] o [/] a Aidéia [/] a Andréa também ela
mudou em relação [/] o relacionamento com vocês^{COM} / né //

*GBL: hum hum^{COM} //

*VTR: &he / cê acha que foi pra melhor^{COM} // como é que cê acha^{COM} // cê acha &q +

*GBL: foi pra melhor^{COM} //

*VTR: foi pra melhor^{COM} // então^{AUX} / cê acha que ela + como é que cê falou^{COM} //
que ela tava mais animada^{COM} // é isso^{COM} //

*GBL: é^{COM} // agora^{COM} //

*VTR: sim^{COM} // tá mais animada^{COM} // e [/] e as habilidades^{COM} // o tipo de atividades que ela trabalha^{COM} / por exemplo^{INX} // &he / que tipo de atividade que ela trabalhava antes^{^COM} / que tipo de atividade que ela trabalha agora^{COM} // **(gbl13 a partir de “hum”)**

*GBL: hum^{AUX} / não tô lembrado muito bem da quinta série não^{COM} // deixa eu ver da sexta^{COM} //

*VTR: da sexta^{COM} // vê se cê lembra da sexta^{COM} //

*GBL: também não tô &lembra + ah^{AUX} / da sexta // ah^{AUX} / lembrei uma da [/] da [/] da quinta^{COM} //

*VTR: hum hum //

*GBL: acho que foi da quinta^{COM} // quando a gente tava &aprenden [/] acho que foi^{COM} / da quinta^{APC} // ela ensinou música^{^COM} / pra gente^{COM} // ela ensinou^{COM} //

*VTR: hum hum //

*GBL: a música^{COMel} / escreveu^{COMel} / ensinou a gente a cantar^{COMel} // algumas músicas^{^COM/TOP} / é fácil^{COM} / <né>^{FAT} //

*VTR: <hum hum> // **(gbl14 a partir de “e / agora na sétima série /”)**

*GBL: e^{AUX} / agora na sétima série^{TOP} / a gente ouve^{COMel} / e^{AUX} / a gente completa^{COMel} / e tenta entender a música^{COMel} / que ela fala^{APC} //

*VTR: então^{AUX} / um pouco mais complexo^{COM} / <é isso>^{COM} //

*GBL: <é>^{COM} //

*VTR: tá^{COM} // <e> +

*GBL: <mudou> bastante hhh^{COM} //

*VTR: cê acha que + o quê que cê acha complexo^{COM} // cê ainda não me falou^{COM} //

*GBL: <o quê>^{COM} //

*VTR: <cê falou> que é difícil e é fácil^{COM} //

*GBL: eh ^{AUX} / por causa que o ensino tá &di [/] é difícil ^{COM} / né ^{FAT} // o dá sétima série é difícil ^{COM} / <né> ^{FAT} //

*VTR: <quê> que cê chama de ensino ^{COM} //

*GBL: <a> matéria ^{COM} //

*VTR: <o> [/] a matéria ^{COM} / que tem que ser +

*GBL: a matéria é difícil ^{TOP} / **(gbl15 a partir de “a matéria é difícil”)**

*VTR: hum hum ^{COM} //

*GBL: / mas só que ^{AUX} / do jeito que ela explica ^{TOP} / fica acabando que a gente fica mais [/] prestando mais atenção ^{COM} / acaba ficando fácil ^{COMRelnec} / <pra gente> ^{APC} //

*VTR: <hum> ^{COM} // <tá> ^{COM} //

*GBL: <mas> na hora da prova fica difícil hhh ^{COM} //

*VTR: volta a ficar difícil ^{COM} //

*GBL: volta a ficar difícil ^{COM} // porque a gente esquece ^{COM} // a gente fica nervoso ^{COM} / <com a prova> ^{APC} //

*VTR: <é> ^{COM} // tem que olhar isso ^{COM} // &he / a Andréa ^{TOP} / &nn [/] ela [/] não sei se na quinta série ela já fazia isso ^{COM} // mas ^{AUX} / na sétima ^{TOP} / por exemplo ^{INX} / que é a turma de vocês que eu tô acompanhando ^{INX} / ela usa muito inglês ^{^COM18} /

*GBL: hum ^{COM} // **(gbl16 a partir de “em sala de aula”)**

*VTR: / não é ^{COM} / em sala de aula ^{COM} // quê que cê acha ^{^COM} / desse uso do inglês dela ^{^COM} / em sala de aula ^{COM} //

*GBL: acho legal // que a gente já vai tendo [/] tipo ^{AUX} / pegando a manha ^{COM} / né ^{FAT} /

*VTR: hum hum ^{COM} //

*GBL: / do ^{APC} / como falar ^{APC} / né ^{FAT} // a gente já vai entendendo interpretando o

¹⁸ Precisamos do sinal junto com o que vem depois

que a pessoa tá falando^{COM} //

*VTR: hum hum //

*GBL: assim^{AUX} / a gente fica mais próximo^{COM} / né^{FAT} / do inglês^{APC} //

*VTR: isso^{COM} // e / quê [/] quê que cê mais gosta^{COM} / na aula de inglês^{APC} /
atualmente^{APC} //

*GBL: tudo hhh^{COM} //

*VTR: tudo^{COM} // cê gosta de tudo^{COM} //

*GBL: tudo^{COM} // da professora^{COMel} / da música^{COMel} // **(gbl17 a partir de “tudo // da
...”)**

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: todo mundo^{COM} // <tudo>^{COM} //

*VTR: <das> atividades <que ela leva>^{COM} //

*GBL: <das atividades>^{COM} //

*VTR: hum hum^{COM} // &he / e por quê que cê gosta^{COM} / dessas atividades^{APC} // tem
alguma coisa que te chama atenção^{COM} //

*GBL: ah^{AUX} / eu acho que é [/] ah^{AUX} / é por causa que eu gosto / mesmo^{INX} / de
inglês^{COM} / <né>^{FAT} //

*VTR: <cê> ??? / sempre gostou^{^COM} / de inglês^{COM} // **(gbl18 a partir de “eh”)**

*GBL: eh^{COM} / assim^{INX} // não foi sempre^{COM} / né^{FAT} // na quinta série teve uma /
negócio^{COM} / né^{FAT} // porque a gente tava aprendendo^{COM} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: a gente não tinha / ainda a manha^{COM} // mas^{AUX} / depois a gente vai pegando a
gente vai querendo^{COM} / ficar mais e mais^{APC} //

*VTR: quer aprender^{COM} //

*GBL: aperfeiçoando^{COM} //

*VTR: sim^{COM} //

*GBL: e aprendendo^{COM} //

*VTR: &he / então^{COM} // em relação ao projeto de cartas^{COM} // cê participou^{COM} / do projeto de cartas^{APC} / não foi^{COM} // escrita / de cartas / pro projeto^{COM} //

*GBL: ah^{COM} // fiz^{COM} //

*VTR: como é que foi esse projeto^{COM} / pra você^{APC} // cê gostou^{COM} / de <&partici> +

(gbl19 a partir de <nossa>)

*GBL: <nossa>^{COM} // foi [/] foi legal^{COM} // conheci a [/] foi a Daniele^{COM} //

*VTR: hum hum //

*GBL: ela mora lá em BH^{COM} // aí^{AUX} / ela me deu até o endereço^{COM} // eu ia lá na casa dela lá visitar ela^{COM} / <né>^{FAT} //

*VTR: <hum hum>^{COM} //

*GBL: mas não deu^{COM} //

*VTR: hhh

*GBL: é^{COM} // até que a última carta dela / também^{INX} / nem decifrei hhh^{COM} //

*VTR: cê não + ah^{AUX} / tá^{COM} // porque era em inglês^{COM} //

*GBL: não^{COM} // era em inglês^{COM} //

*VTR: <hum hum>^{COM} //

*GBL: <eu consegui> decifrar depois^{COM} // porque eu não tinha pegado ela totalmente^{COM} / né^{FAT} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: ela queria uma fotografia minha^{COM} // mas^{AUX} / eu não tinha^{COM} //

*VTR: tá^{COM} // &he / cê + quais foram os [/] os pontos positivos^{^COM} / de participar dessa atividade^{COM} //

(gbl20 a partir de “eh”)

*GBL: a gente tava trabalhando a escrita^{COM} / né^{FAT} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: a forma correta de escrever^{COM} //

*VTR: foi tranquilo isso^{COM} // cê teve alguma dificuldade^{COM} //

*GBL: sss [/] só um [/] numa palavra lá^{COM} //

*VTR: hum hum //

*GBL: &he / a palavra^{COM} / com //

*VTR: com^{COM} //

*GBL: com^{COM} //

*VTR: e como <é que cê> +

*GBL: <eu ia escrever>^{INTL} / com muito amor ’/

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: / e muito carinho^{COM} ’//

*VTR: sim^{COM} //

*GBL: com amor / e muito carinho^{COM} // (**gbl21 a partir de “com amor”**)

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: aí^{AUX} / eu tava escrevendo / com / errado^{COM} // só isso^{COM} //

*VTR: tá^{COM} //

*GBL: isso mesmo //

*VTR: e quando você tinha dificuldade^{COM} / por exemplo^{INX} // como é que você resolvia^{^COM} / essas dificuldades^{COM} // quando você tinha uma dúvida^{COM} / por exemplo^{INX} //

*GBL: perguntava a professora^{COMel} / se eu não entendesse da professora^{TOP} / eu ia no meu irmão^{COMel} / perguntava^{COMRelnec} // se eu não entendesse do meu irmão^{TOP} / voltava na professora^{COM} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: ou então ^{AUX} / eu tentava &t [/] sozinho ^{COM} / lá decifrar ^{APC} //

*VTR: tá ^{COM} // e ^{AUX} / eu tenho percebido / também ^{INX} / que / a Andréa permite que
cês usem muito / o dicionário ^{COM} //

*GBL: é ^{COM} //

(gbl22 a partir de “é”)

*VTR: né ^{AUX} / como é que é ^{^COM} / pra você usar o dicionário ^{COM} // é importante ^{COM} //
em quê que ele te ajuda ^{COM} //

*GBL: oh ^{AUX} / ajudar ele ajuda ^{COM} // mas ele é um pouco chato ^{COM} / né hhh ^{FAT} //

*VTR: o uso / do dicionário ^{COM} //

*GBL: não ^{COM} // o dicionário ^{COM} / é chato <hhh> ^{APC} //

*VTR: como / assim ^{INX} // <o dicionário / chato> ^{COM} //

*GBL: ah ^{AUX} / é porque a gente vai traduzindo as palavras ^{TOP} /

*VTR: hum //

*GBL: / na hora que a gente vai ver ^{COM} // igual lá em casa ^{COM} // igual ^{AUX} / eu pego
um texto ^{TOP} / eu pego ele ^{TOP} / e traduzo ele todo ^{COM} //

*VTR: <hum hum> ^{COM} //

(gbl23 a partir de “hum hum”)

*GBL: <ai ^{AUX} / eu olho> / as palavras que eu não sei / no dicionário ^{COM} // entendeu
^{AUX} // ai ^{AUX} / eu + vai umas duas / três folhas / só de palavra ^{^COM} / que eu não sei ^{COM}
/ sabe ^{AUX} // ai ^{AUX} / eu ^{TOP} / tenho que ficar lá &en [/] negociando ^{COM} // &he /
escrevendo elas ^{COM} // fazendo ^{^COM} / o [/] o negócio ^{COM} // ai ^{TOP} / depois eu &f [/]
tento ler elas ^{COM} // mas não decoro ^{^COM} / eu tem que olhar elas ^{^COM} / de novo no
dicionário ^{COM} //

*VTR: hum hum ^{COM} // sim ^{COM} // &he / em relação a você ^{COM} // **(gbl24 a partir de
“sim”)**

*GBL: hum ^{COM} //

*VTR: cê acha que cê mudou ^{COM} / desse tempo ^{APC} // de [/] de quinta para sétima série

COM //

*GBL: pro ensino^{COM} //

*VTR: isso^{COM} // em relação ao [/] ao [/] ao inglês^{COM} / por exemplo^{INX} //

*GBL: mudei^{COM} //

*VTR: o quê^{COM} / que cê mudou^{APC} //

*GBL: agora eu já sei falar algumas coisa^{COM} / né^{AUX} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: já sei até^{^COM} / xingar a professora^{COM} //

*VTR: hhh cê xinga a professora em inglês^{COM} //

*GBL: hhh não^{COM} // xingo em português mesmo hhh^{COM} //

*VTR: hhh

*GBL: hhh **(gbl25a a partir do hhh)**

*VTR: então^{AUX} / cê tá mais / &he / vamos dizer^{INX} + como que você se vê^{COM} //

*GBL: agora^{COM} //

*VTR: é^{COM} //

*GBL: ah^{AUX} / mais esperto^{COM} / né^{AUX} //

*VTR: hum hum^{COM} // em relação ao inglês^{COM} // quais as [/] as [/] as habilidades^{^COM} / que você utilizou^{COM} //

*GBL: pra aprender^{COM} //

*VTR: é^{COM} // que você [/] que você acha que você desenvolveu^{COM} // quais das + porque tem [/] o inglês tem a escrita^{COMel} / a fala^{COMel} / a leitura^{COMel} / e a compreensão auditiva^{COMel} // **(gbl25b esse excerto completo do VTR)**

*GBL: acho que foi a compreensão auditiva / **(gbl26 a partir de “acho”)**

*VTR: <hum hum>^{COM} //

*GBL: / <e> a escrita^{COM} //

*VTR: a escrita^{COM} // e como que cê acha^{^COM} / que cê desenvolveu essas [/] essas habilidades^{COM} //

*GBL: oh^{AUX} / a escrita^{TOP} / foi com as cartas^{COM} / né^{FAT} // que a gente teve [/] a gente teve mais contato com [/] com as palavras^{COM} / né^{AUX} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: e^{AUX} / a auditiva^{TOP} / foi vendo a &profes [/] &he / &l [/] fazendo [/] &he / traduzindo os textos^{COMel} / olhando as palavras^{COMel} // aí^{TOP} / com a ajuda da professora falando o meu inglês^{COMel} / né^{AUX} // **(gbl27 a partir de “isso”)**

*VTR: isso^{COM} // eu percebo^{TOP} / que^{APT} / &he / a sua relação^{TOP} / com a Andréa^{APT} / é muito [/] é muito positiva^{COM} // a quê que você / credita / isso^{COM} //

*GBL: como / assim^{COM19} // <não entendi>^{COM} //

*VTR: <esse bom> relacionamento^{^COM} / com a professora^{COM} // cê acha que influencia no seu aprendizado^{COM} //

*GBL: ah^{AUX} / influencia^{COM} //

*VTR: de que maneira^{COM} // **(gbl28 a partir de “ah”)**

*GBL: ah^{COM} / tipo assim^{INX} // se você tem uma boa amizade com a professora^{TOP} / assim^{INX} / você não vai precisar / assim^{INX} / ter^{COM} + cê &p [/] vai poder chegar nela^{COMel} / conversar com ela^{COMel} / falar o que você não tá achando^{COMel} // sem você ficar com / depois^{INX} / receio^{COM} / né^{AUX} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: do que você tá achando ruim^{COM} // cê pegar e ela &ach [/] &ch [/] achar que você está / &preieiju [/] te xingando^{COM} / né^{AUX} //

*VTR: hum hum^{COM} //

*GBL: o trabalho dela^{COM} / né^{AUX} //

¹⁹ A autonomia nasce da junção das duas unidades

*VTR: sim^{COM} //

(gbl29 a partir de “aí”)

*GBL: aí^{AUX} / eu acho que tendo uma boa [/] uma boa amizade / assim^{INX} / com o professor^{TOP} / além que + porque / assim^{INX} / a gente tem amizade^{COM} // ela passa o que ela tem de bom pra mim^{COM} / <eu>^{TOP} /

*VTR: <hum hum>^{COM} //

*GBL: / também^{INX} / posso passar o que eu tenho de bom pra ela^{COMrelnec} // assim^{TOP} / faz a troca^{COM} / né^{AUX} //

*VTR: isso^{COM} // então^{TOP} / cê acha que / por exemplo^{INX} / &he / de um modo geral^{TOP} / isso influencia^{^COM} / no seu aprendizado^{COM} //

*GBL: <influencia>^{COM} //

*VTR: <a Andréa>^{TOP} / ela [/] ela monitora muito^{COM} / a atividade que cês fazem^{APC} / <né>^{AUX} //

(gbl30 a partir de “né”)

*GBL: <hum hum>^{COM} //

*VTR: dá a atividade^{COM} / e vai lá ver^{COMrelnec} // e^{AUX} / assim^{INX} / vejo que cê não tem medo nenhum^{COM} / de perguntar pra ela^{INTL} / ô Andréa^{COM} , / o quê que é isso^{COM} , / né^{AUX} //

*GBL: <hum hum>^{COM} //

*VTR: <diferentemente> de outros alunos^{COM} // <como é que é isso>^{COM} //

*GBL: <ah^{INP} / eu^{TOP} / han han>^{COM} // eu falo mesmo hhh^{COM} // tá na [/] tá na língua^{COM} / eu falo^{COMrelnec} //

*VTR: hhh cê teve dificuldade^{COM} / cê <pergunta>^{COMrelnec} //

(gbl31 a partir de “não”)

*GBL: <tive>^{COM} // não^{AUX} / &quan [/] igual^{AUX} / tem palavra / assim^{INX} / que eu não entendi^{COM} //

*VTR: <hum hum> //

*GBL: <ai / eu pego> + igual + a mesma coisa com a professora de português^{COM} //
tem [/] tem / &perg [/] umas [/] algumas palavras lá^{COM} // igual^{AUX} / a gente tava
fazendo os exercícios de completar^{COM} // com / jota^{COMel} / gê^{COMel} // ai / eu chegava
pra ela e falava^{INTL} / professora^{ALC} // qual que fica mais bonito^{COM} // hhh

*VTR: hhh

*GBL: ai^{AUX} / a professora chegava e falava a certa^{COM} / <entendeu>^{COM} //

*VTR: <hum hum> // **(gbl32a a partir de “hhh sem ela perceber”)**

*GBL: hhh sem ela perceber^{TOP} / ela fica me falando as coisas^{COM} / entendeu^{COM} //

*VTR: hum hum^{COM} // e [/] e a Andréa^{TOP} / cê^{???} /

*GBL: <é> //

*VTR: / <do mesmo jeito>^{COM} //

*GBL: <é^{COM} / uê>^{AUX} //

*VTR: <como é que é>^{COM} // **(trecho completo a partir de “igual /eu to lembrando”**

gbl32b) (gbl33 a partir de “ai / eu lembro que eu precisei /)

*GBL: a gente + eu pergunto ela^{COM} // ela pega e me responde^{COM} // igual^{AUX} / eu tô
lembrando agora^{INX} / eu acho que foi na sexta série^{TOP} / eu fiz um texto^{TOP} / ai^{AUX} /
eu lembro que eu precisei de / cortar palavra / sabe^{AUX} / que não coube na linha^{COM} //
ai / eu tive que cortar^{COM} // pra colocar ela embaixo^{COM} // na outra linha^{COM} / né^{AUX} //
ai / foi^{COM} // só sei que eu peguei^{COM} / conferi^{COMRelnec} // ela falou que eu tinha feito
certinho^{COM} / lá^{APC1} /

*VTR: hum hum //

*GBL: / o negócio lá^{APC2} //

(gbl34 a partir de “sim”)

* VTR: sim^{COM} // &he / então^{INP} / deixa eu ver agora^{COM} // em relação hhh a [/] a
Andréa também^{COM} // ela deixa^{TOP} / ela percebe^{APT} / dentro de sala de aula^{APT} / ela
permite^{TOP} / que vocês^{APT} / &he / trabalhem muito em pares^{COM} /

*GBL: hum hum //

*VTR: / né ^{AUX20} // em pares ^{COMel} / em grupos ^{COMel} // quê que cê leva em consideração ^{COM} // quando ela fala assim ^{INTL} / trabalhe em pares ^{COM} ,// **(gbl35 a partir de “ah”)**

*GBL: ah ^{AUX} / tem dia que enche o saco hhh ^{COM} // tem dia que enche mesmo ^{COM} // porque / <as> +

*VTR: <trabalhar> junto ^{^COM} /

*GBL: não ^{COM} //

*VTR: / você fala ^{COM} // o <quê que enche o saco> ^{COM} //

*GBL: <é / porque tem dia que cê tá> com mais &m [/] com mau humor ^{COM} //

*VTR: hum hum ^{COM} //

*GBL: aí ^{AUX} / cê fica ainda com uma pessoa lá ^{COM} // e ^{AUX} / cê acaba tirando a pessoa ^{COM} // a pessoa fica com raiva ^{COM} // é melhor cê / ficar sozinho ^{COM} //

*VTR: hum // **(gbl36 a partir de “ce”)**

*GBL: cê ^{AUX} + igual ^{AUX} / as [/] as vezes tem trabalho que eu faço sozinho ^{COM} / quando eu não tô bem ^{APC1} / bem ??? //

*VTR: cê faz os trabalhos sozinho ^{COM} //

*GBL: faço o trabalho sozinho ^{COM} //

*VTR: tá ^{COM} // então ^{AUX} / vamos supor ^{TOP} / nesses dias ^{^COM} / que cê tá bem ^{COM} //

*GBL: hum hum //

*VTR: cê quer ^{TOP} / trabalhar com alguém ^{COM} // quem que cê escolhe ^{COM} //

*GBL: da minha sala ^{COM} //

*VTR: é ^{COM} // como é que cê + cê ^{INTL} / ah ^{AUX} ,/ eu vou trabalhar com essa pessoa ^{COM} ,// por quê que cê escolhe essa pessoa ^{COM} // **(gbl37 a partir de “ah”)**

²⁰ Esse *né* parece fortemente ligado ao que vem depois

*GBL: ah ^{AUX} / depende ^{COM} // oh ^{COM} // eu ^{TOP} / faço **algum** trabalho com uma pessoa
^{TOP} / quando eu sei que ela vai fazer ^{COM} // que ela vai me ajudar ^{COM} //

*VTR: hum hum ^{COM} //

Texto II

@ **Participante:** Fabíola (FBA), mulher, 30 anos, professora do ensino fundamental, entrevistada, Belo Horizonte.

Adriana (ADA), mulher, 33 anos, pesquisadora, entrevistadora, Belo Horizonte.

@ **Data:** 05/12/2005

@ **Situação:** Entrevista entre a participante e a pesquisadora sobre a adoção da pesquisa-ação colaborativa e os resultados advindos dessa prática em sala de aula no Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da UFMG.

@ **Tópico:** Perfil dos alunos e o processo ensino/aprendizagem.

@ **Classificação:** Informal, particular, monológico com algumas passagens dialógicas.

@ **Duração:** 574 segundos (ou 9,58 minutos)

@ **Palavras:** 1.456

@ **Qualidade acústica:** B²¹

@ **Transcritor:** Andréa Cristina Ulisses de Jesus.

@ **Revisor (es):** Luciano César Alves de Deus, Tommaso Raso.

(FBA II – 1A)

*ADA: o que cê tá achando / da implementação / desse tipo de trabalho na sua sala de aula ^{COM} // da pesquisa-ação ^{COM} //

*FBA: sim ^{COM} // bastante positivo ^{COM} // eu ^{TOP} / já até [/] já tinha falado / né ^{FAT} / mencionado isso com você anteriormente ^{INX} / &he / eu senti ^{TOP} / &he / em muitos alunos ^{TOP} / né ^{FAT} + eu notei / em vários alunos ^{TOP} / assim ^{INX} / reações ^{TOP} / que eu não tinha visto antes ^{COM} //

(FBA II – 1B)

os alunos que / praticamente ^{INX} / estavam ignorados ^{^COM} / ali no canto ^{COM} // &he / principalmente depois da reorganização do espaço ^{COMel} / a questão de estar cobrando ^{COMel} / de estar mais próximo deles ^{COMel} / né ^{COM} // e ^{INP} / alguns alunos envolveram ^{^COM} / de alguma forma ^{COM} // não / né ^{FAT} / de forma que todo professor espera ^{COM} //

²¹ Gravação em .wav, mas com alguns trechos em que a curva da entrevistadora não é recuperável.

mas ^{AUX} / foi bastante positivo ^{COM} // cê sentir que o aluno pelo menos num tá morto
^{COM} / em relação a língua ^{APC} / né ^{AUX} //

(FBA FINAL 1I- 1B)

ele não tá + que aquilo não é coisa de outro planeta ^{COM} / pra ele ^{APC} // <uma [/] uma
participação> +

*ADA: <Morto em que sentido> ^{COM} //

(FBA II – 2A)

*FBA: eh ^{COM} // parado ^{COM} // aquele marasmo ^{^COM} / dentro da sala ^{COM} // não tem
reação nenhuma ^{COM} // como se ^{AUX} / aquilo ali ^{TOP} / não fizesse parte da vida dele em
momento algum ^{COM} // você tá [/] ele tá dentro da sala ^{TOP} / mas somente o corpo ^{COM}
hhh / né ^{COM} // e ^{FAT} / mas o pensamento ^{TOP} / tá longe ^{COM} // e alguns alunos não ^{^COM} /
que não faziam atividade ^{COM} / já fazem ^{COM} // a participação de alguns aumentaram ^{COM}
// ainda / né ^{FAT} / que seja uma turma agitada ^{COM} //

(FBA II – 2B)

&eh / tem alunos ^{TOP} / que não conseguem ficar o tempo todo concentrado ^{^COM} / só
numa coisa ^{COM} // mas mesmo assim ^{TOP} / existem aqueles momentos que cê consegue
^{COM} / voltar atenção daqueles alunos ^{APC} // então ^{AUX} / assim ^{AUX} / teve alguns
momentos ^{COM} // nem todo o dia é igual ao outro ^{COM} / né ^{FAT} // algumas aulas hhh ^{TOP} /
são piores do que as outras hhh ^{COM} // algumas aulas ^{TOP} / cê não consegue nada ^{^COM} /
mesmo ^{COM} / né ^{COM} //

(FBA II – 2C)

tem aqueles dias ^{TOP} / que cê [/] cê sente ^{COM} // não sei se é + você dando aula ^{TOP} / cê
não consegue observar ^{COM} // parece que tem dia que não tem ninguém participando ^{COM}
/ né ^{COM} // só aqueles mesmos de sempre ^{COM} / né ^{FAT} // e / é [/] e ^{INP} / é aquela questão

da indisciplina que parece que tá mais complicada ^{^COM} / determinados dias ^{COM} / né ^{FAT}
// < eu acho que > +

(FBA II – 3A)

*ADA: < é ^{COM} // é verdade ^{COM} > // a gente vai / voltar nesse ponto ^{COM} // mas ^{INP} /
assim ^{INX} / eu tô achando interessante ^{TOP} / você falar ^{APT} / né ^{FAT} / que às vezes não dá
certo ^{COM} // mas ^{INP} / uma das aulas que a gente conversou ^{TOP} / naquelas sessões nossas
^{APT} / né ^{FAT} / de reflexão sobre as aulas ^{APT} / é que você achou que nada deu certo ^{COM} //
e aí ^{INP} / depois ^{INX} / eu conversando com você ^{INTL} / nossa ^{INP} , / os alunos responderam
tanto ^{COM} , // foram tão positivos <na forma de exposição > ^{COM} , //

(FBA – II 3B)

*FBA: <é ^{AUX} / e depois eu ^{TOP} / voltei ^{COM} / né > ^{FAT} // &pens [/] voltei atrás e comecei
a lembrar ^{COM} / também ^{APC} / né ^{FAT} // tem isso ^{COM} / né ^{AUX} // &eh / às vezes você tem
+ igual / nossa mente ^{COM} / né ^{AUX} // determinados momentos ^{TOP} / você tá estressado
^{COMRelnec} / você não lembra de nada ^{COM} //

(FBA – II 3C)

aí ^{FAT} / um belo dia ^{TOP} / você ^{APT} / tá pensando em outra coisa ^{TOP} / e [/] e vem aquela
visão ^{COM} / né ^{AUX} [/] &n // aquela lembrança ^{COM} // aquela cena ^{COM} / do passado ^{APC}
hhh // que alguém hhh + aquela pessoa que cê nem esperava ^{COM} // isolada ^{COM} // ah ^{AUX}
, / aquela pessoa ^{TOP} , / aquele dia ^{APT} , / me perguntou isso ^{COM} , / né ^{FAT} // aquela pessoa
^{TOP} / participou ^{^COM} / em determinado dia ^{COM} // isso aconteceu comigo ^{COM} / né ^{FAT} //

(FBA II – 3D)

&eh / aí ^{TOP} / depois eu fui me acostumando ^{COM} // e ^{FAT} / prestando mais atenção ^{^COM} /
nesses alunos ^{COM} / né ^{FAT} // uns ^{TOP} / reagiram pouco ^{COM} / outros reagiram mais do que
os outros ^{COMcomp} // mas ^{FAT} / pelo menos ^{TOP} / alguns / tiveram / reação ^{COM} / né ^{AUX} // o
que a gente não esperava ^{^COM} / muito deles ^{COM} / né ^{FAT} //

(FBA II – 4A)

*ADA: hum hum // você fala yyy / porque a [/] o foco / é a turma / IC [/] IC3^{COM} /

*FBA: IC3^{COM} //

*ADA: / né^{FAT} // e que você já tinha descrito^{^COM} / pra mim^{COM} // que era uma turma realmente complicada^{COMel} / que ela tinha mais problemas de aprendizagem^{COMel} //

*FBA: sim^{COM} //

*ADA: tem duas turmas que você fala muito^{COM} / delas^{APC} // que é a IC1 e IC2^{COM} // são turmas que você consegue desenvolver um trabalho melhor^{COM} / <né>^{FAT} //

*FBA: <hum hum>^{COM} //

*ADA: aquela questão de [/] de que a aprendizagem lá está fluindo^{^COM} / <mais facilmente>^{COM} //

*FBA: <hum hum>^{COM} // pelo menos na questão de números^{COM} / <né>^{COM} //

*ADA: <não>^{COM} +

(FBA II – 4B)

*FBA: <tanto> +

*ADA: <e eu achei> muito interessante o fato de você ter escolhido a IC3^{COM} // que é uma turma que / não^{AUX} / as coisas não estavam indo bem^{COM} /

*FBA: sim^{COM} //

*ADA: / né^{COM} / conforme a nossa conversa^{INX} // e hoje^{TOP} / vendo as suas aulas^{APT} / tendo essas conversas com você^{APT} / &he / eu vejo que a turma^{TOP} / ela^{APT} / tá muito engajada^{COM} // e eles estão muito voltados^{^COM} / pra aquilo que você faz na sala de aula^{COMel} / pras estratégias que você usa^{COMel} / pras atividades que você está levando pra turma^{COMel} //

*FBA: hum hum^{COM} //

(FBA II– 5A)

*ADA: como que cê via^{COM} / o processo antes^{APC} / por exemplo^{INX} // que eu não acompanhava as suas aulas antes^{COM} //

*FBA: &he / antes^{TOP} / <por exemplo^{INX}> +

*ADA: < dessa turma>^{COM} //

*FBA: é^{COM} // dessa turma^{COM} // antes^{TOP} / o primeiro impacto^{TOP} / já causou um certo susto^{COM} / né^{FAT} // porque^{INP} / &he / por exemplo^{INX} / o primeiro &impa [/] o &primei [/] no primeiro bimestre^{TOP} / parece que eu já comecei a rotular hhh / <aquela turma> / como turma fraca^{COM} / né^{COM} //

*ADA: <hum hum>^{COM} //

(FBA II – 5B)

*FBA: comecei a + &he / aí^{AUX} / eu observei as provas^{COMel} / a reação dentro da sala^{COMel} / &he / eu me preocupava^{COM} // e tinha uma coisa também^{COM} // o fato de me preocupar / muito^{TOP} / com as respostas^{APT} / longe / daquilo que eu esperava^{TOP} / eu + era uma turma até participativa^{COM} // sempre foi^{COM} //

(FBA II – 5C)

mas^{INP} / &he / e tinha alguns alunos^{TOP} / que era aquilo que eu te falei^{COM} // que agora tiveram reações^{^COM} / e que antes não tinham nenhuma^{COM} // ficavam lá na deles^{COM} // então^{AUX} / eu já me preocupava / só com aqueles^{TOP} / que participavam^{APT} / e deixava os outros^{COM} // quietinhos^{^COM} / tal^{COM} // não davam trabalho^{COM} / deixo eles pra lá hhh^{COMRelnec} // era^{COM} / tipo^{INX} / assim^{COM} //

(FBA II – 5D)

e^{FAT} / essa^{TOP} + &he / a [/] a turma^{TOP} / no caso^{APT} / eu me preocupava muito^{TOP} / porque^{APT} / na participação^{TOP} / por exemplo^{INX} / eu inferia^{^COM} / lá^{COM} // &he / eu

colocava &inf [/] informações no quadro ^{COMel} // e ia puxando ^{^COM} / né ^{AUX} / respostas ^{COMel} // tentava / com algumas perguntas ^{^COM} / criar algum tipo de reação neles ^{COMel} //

(FBA II – 5E)

e / quando as [/] as respostas ^{TOP} / não eram de acordo ^{APT} / com aquilo que eu esperava hhh ^{APT} / eu me frustrava ^{COM} // e achava ^{TOP} / que ^{APT} / os meios que eu estava utilizando não tavam valendo / de nada ^{COM} // então eu ^{TOP} / acho que falei assim ^{INTL} / aquela turma ali eu não tenho '[/]' não tô tendo muito trabalhar com ela ^{COM} ' //

(FBA II – 5F)

os &recur + ai ^{TOP} / comecei a observar os resultados das provas ^{COM} // e ^{FAT} / eu me baseei nisso ^{COM} // pra colocar um [/] assim ^{INX} / o grau de dificuldade dela maior / talvez ^{INX} / do que é ^{COM} //

(FBA II – 6A)

*ADA: e o resultado / das provas / <que eles fazem> ^{COM} //

*FBA: <o resultado das provas> e o resultado / da [/] da participação deles dentro de sala ^{COM} //

*ADA: hum hum ^{COM} //

*FBA: e ^{AUX} / assim ^{INX} / não sei ^{AUX} / o [/] parece que ^{INX} / os momentos de &lucide [/] luz hhh ^{TOP} / dentro da sala hhh ^{APT} / eram praticamente esquecidos ^{COM} / né ^{FAT} // eu me preocupava mais ^{TOP} / com aquilo que não dava certo <hhh> ^{COM} //

*ADA: <e hoje> hhh ^{COM} //

*FBA: <hoje ^{TOP} / parece que modificou meu olhar> ^{COM} / também ^{APC} / né ^{COM} //

*ADA: <hhh porque mudou muito / até agora hhh> ^{COM} //

(FBA II – 6B)

*FBA: / e ^{AUX} / lógico ^{INX} / o projeto ^{TOP} / ajudou bastante ^{COM} / né ^{FAT} // ah ^{AUX} / nós revemos ^{^COM} / algumas situações ^{COM} / né ^{COM} // você colaborou bastante ^{COMel} / as

conversas ^{COMel} / tudo isso ^{COMel} / né ^{FAT} // a gente ^{TOP} / tá sempre montando [/]
planejando a aula ^{^COM} / dessa turma ^{COMel} / revendo questões ^{COMel} / e tá dando certo
^{COMel} / né ^{COM} // o que não dá ^{TOP} / a gente tá sempre &mudan [/] continua mudando ^{COM}
/ né ^{AUX} // mas sim ^{COM} // <com certeza> ^{COM} //

(FBA II– 7A)

*ADA: <você acha> / que essas nossas conversas ^{TOP} / e esse momento que a gente tem
de [/] de refletir ^{^COM} / sobre aquilo ^{^COM} /

*FBA: <sim> ^{COM} //

*ADA: / <que aconteceu> na última aula ^{COM} // assim como / o planejamento ^{^COM} /
que a gente faz <junto> ^{COM} //

*FBA: <sim> ^{COM} //

*ADA: <as ações> ^{COM} //

*FBA: <as revisões> ^{COM} / né ^{COM} // né ^{FAT} / as sugestões ^{COM} // tá [/] a gente tá sempre
+ as atividades ^{COM} // lógico que ^{AUX} / uma coisa que não ficou ainda muito bem
resolvida é a questão da / administração do tempo ^{COM} / né ^{AUX} //

(FBA II – 7B)

&he / por causa ^{TOP} / deles ^{COM} / mesmo ^{APC} // às vezes você tem que corrigir ^{^COM} /
alguma coisa sem eles terminarem ^{^COM} // cê dá um determinado tempo ^{TOP} / eles ainda
^{TOP22} / não são muito disciplinados ^{COM} // prá / terminar ^{^COM} / a atividade ^{COM} / &naque
+ uns ^{TOP} / porque realmente não conseguem ^{COM} / os outros ^{TOP} / porque ^{APT} / de um
jeito ou de outro ^{TOP} / tentam ^{COMcomp} / né ^{AUX} // tentam ^{TOP} / fazer com que eu dê
menos atividades ^{COM} //

²² Segundo tipo

(FBA II – 7C)

porque / eles já [/] eles não eram ^{^COM} / acostumados ^{COM} // e parece ^{COM} // e parece ^{INP}
[/] sei lá ^{INX} / parece que os alunos ^{TOP} / não são + é o que parece ^{COM} / eu não sei /
porque eu não assisto outras aulas ^{INX} // mas parece que aluno ^{TOP} / de escola pública ^{APT}
/ &mu [/] não [/] não são acostumados ^{^COM} / a fazer mais de uma atividade ^{^COM} /
dentro da sala ^{^COM} / durante uma aula ^{^COM} //

(FBA II – 8A)

*ADA: por que que você acha ^{^COM} / que tem essa ^{COM} +
*FBA: pela + porque quando ^{TOP} / nós modificamos ^{APT} + e até &f [/] eu até forcei ^{COM} /
da primeira vez ^{APC} // acabou o tempo ^{COM} / pronto acabou ^{COMRelnec} // vamos corrigir
^{COM} // vamos fazer juntos ^{COM} / tal ^{APC} // &he / eu notei ^{TOP} / que ^{APT} / teve um pouco de
resistência ^{^COM} / por parte de alguns ^{COM} // achou que tava muito hhh ^{COM} //
*ADA: muitas atividades ^{COM} //
*FBA: muitas atividades ^{COM} // na &primei [/] <num primeiro dia> +
*ADA: <e você concorda> ^{COM} // você achou ^{COM} //
*FBA: <não> ^{COM} //
*ADA: / <que foi mesmo> ^{COM} / muitas ^{APC} //
*FBA: não / não achei não ^{COM} //

(FBA II – 8B)

*ADA: não ^{AUX} / porque essa avaliação ^{TOP} / a gente tem de fazer mesmo ^{COM} //
*FBA: não ^{COM} //
*ADA: porque ^{AUX} / se foi uma mudança +
*FBA: não ^{COM} // mas / eu [/] eu [/] eu [/] eu considero uma mudança positiva ^{COM} / né
^{COM} // em relação às atividades ^{COM} // considero uma mudança positiva ^{COM} // às vezes
^{TOP} / o que fica difícil ^{TOP} / ainda pra mim ^{APT} / é um pouco administrar ^{COM} / isso ^{APC} //

*ADA: hum hum // essa <quantidade> +

* FBA: <num &cur> + é^{COM} // você dá + até num curso livre é complicado^{COM} // mas
num curso livre^{TOP} / parece que o pessoal já tá preparado^{COM} / pra isso^{APC} / né^{FAT} //

(FBA II – 8C)

na escola pública^{TOP} / tem todo um [/] um &pro [/] uma visão^{^COM} / diferente^{COM} / né^{FAT} // em relação a língua^{COM} // &he / eles tem / por exemplo^{INX} + pra eles^{TOP} / um
professor é sempre igual ao outro hhh^{COM} / né^{FAT} // eles têm muitas matérias^{COM} //
então^{TOP} / existe sempre uma comparação^{COM} // não que eles tenham falado^{COM} // isso
/ é o que eu senti^{^COM} / né^{FAT} / da primeira reação^{COM} // mas depois^{TOP} / também^{APT}
/ &he / foi normal^{COM} // <acostumaram>^{COM} //

*ADA: <parece que eles foram se adaptando>^{COM} //

* FBA: eles foram se adaptando^{COM} // sim^{COM} //

Texto III

@ **Participante:** FBA, Fabiana (mulher, 30, professora do ensino fundamental, entrevistada, Belo Horizonte). Padronizar apresentação destes dados.

ADA, Andréa (mulher, 33, pesquisadora, entrevistadora, Belo Horizonte).

@ **Data:** 10/05/2006

@ **Situação:** Entrevista entre a participante e a pesquisadora sobre o processo ação-reflexão-ação em face a adoção da prática investigativa na sala de aula.

@ **Tópico:** Identificação e resolução dos problemas vivenciados no contexto escolar.

@ **Classificação:** Informal, particular, dialógico com momentos monológicos.

@ **Duração:** 511 segundos (ou 8,51 minutos)

@ **Palavras:** 1.179

@ **Qualidade acústica:** A

@ **Transcritor:** Andréa Cristina Ulisses de Jesus.

@ **Revisor (es):** Luciano César Alves de Deus, Tommaso Raso.

*ADA: ... em 2005 você estava no Gabriela, hoje você está em uma outra escola, outra realidade, como é que foi, pra gente voltar um pouco nesse assunto como é que foi essa mudança pra você Fabíola?

Pergunta que contextualiza

(FBA III-1A)

*FBA: Olha ^{INP} / a mudança ^{TOP} / foi [/] foi positiva ^{COM} / sim ^{APC} / né ^{FAT} // &porq [/] a questão da [/] da independência ^{COM} / né ^{FAT} // da + apesar de / eu não ter nem notado ^{COM} // foi algo espontâneo ^{COM} // eu tava [/] ano passado eu tava realizando um projeto com você ^{COM} / né ^{FAT} //

*ADA: hum hum ^{COM} //

(FBA III-1B)

*FBA: e / que deu &cer [/] que a gente tava sentido / e comentando que tava dando certo ^{COM} // e você já tem a [/] hhh tá me dando as respostas ^{COM} / sobre isso ^{APC} // mas ^{FAT} / assim ^{INX} / é muito interessante // porque eu [/] eu [/] eu tive ^{TOP} / que me virar sozinha ^{COM} // <e> +

*ADA: <é verdade> ^{COM} //

(FBA III-2A)

*FBA: né ^{COM} // &ach + tudo que é de bom ^{TOP} / pra gente ^{APT} / que a gente tá se sentindo / que realmente tá fazendo ^{TOP} / né ^{AUX} / e [/] e que tá tendo retorno ^{APT} / a gente continua hhh ^{COM} // <pelo menos> tenta continuar ^{COM} //

*ADA: <hum hum> //

*FBA: &he / e foi &ass + ai ^{AUX} / eu fiquei preocupada ^{COM} / né ^{FAT} / Andréa ^{ALC} // e eu falei assim ^{INT} / puxa vida ^{AUX} ,/ a Andréa podia voltar a fazer trabalho comigo ^{COM} ,/

mesmo ' / né + e eu pensei ^{^COM} / antes que me ligaram hhh ^{COM} // <hhh mesmo numa outra escola> ^{COM} ' //

*ADA: <hhh mesmo numa outra escola> ^{COM} //

*FBA: <talvez vai ser até mais legal> ^{COM} ' /

*ADA: <hum hum> ^{COM} // com certeza ^{COM} //

(FBA III-2B)

*FBA: / né ^{FAT} // que ela vai ter uma outra visão ^{COM} ' // não só de Gabriela ^{COM} ' // ai ^{FAT} / &el [/] foi interessante ^{^COM} / porque aconteceu ^{COM} // e [/] e / foi interessante ^{^COM} / também ^{INX} / que entrou mais uma pessoa ^{COM} // entrou o Luciano ^{COM} // ainda que ele esteja lá só pra gravar hhh ^{COM} // então ^{FAT} / eu acho que ^{AUX} / <tudo isso foi ganho> ^{COM} //

*ADA: <mas é um apoio ^{COM} // com certeza> ^{COM} //

*FBA: <é> ^{COM} // tudo [/] né / tudo isso foi ganho ^{COM} // &hum / então ^{TOP} / &he / assim ^{INX} / eu tô me sentindo mais calma ^{COM} //

ADA: hum hum //

*FBA: e ^{FAT} / assim ^{INX} / pra mim ^{TOP} / a tranquilidade ^{TOP} / prum trabalho ^{APT} / é hhh / essencial ^{COM} / Andréa ^{ALC} //

*ADA: uê ^{AUX} / mas é ^{COM} //

(FBA III-3A)

hhh como é que você fez ^{COM} // porque ^{AUX} / você chegou numa escola nova ^{TOP} / outra realidade ^{COMel} / outros alunos ^{COMel} / outras necessidades ^{COMel} //

*FBA: sim ^{COM} //

*ADA: <a gente &trabalh> +

*FBA: <totalmente diferente> ^{COM} //

*ADA: totalmente diferente ^{COM} / <né> ^{FAT} //

*FBA: <tanto> que os professores lá até reclamaram ^{INTL/COM} / esses ^{TOP} / alunos ^{APT} /
são muito mais defasados ^{COM} / que os alunos do Gabriela ^{COMcomp} // existe / isso / lá
^{COM} //

(FBA III-3-B)

*ADA: <no geral> ^{COM} //

*FBA: <mas> ^{AUX} / &he / os professores ^{TOP} / que trabalharam no Gabriela ^{APT} /

*ADA: <hum hum> //

*FBA: / <sentem> isso ^{COM} / né ^{FAT} // porque eles trabalharam com sétima ^{COM} // no
Gabriela eu trabalhei com quinta e &s [/] e sexta ^{COM} / né ^{FAT} // eles trabalharam ^{^COM} /
com mais turmas ^{COM} // então ^{FAT} /

*ADA: hum hum //

*FBA: / pegaram [/] tiveram mais experiências ^{^COM} / assim ^{INX} / com outras séries ^{COM}
/ que eu ^{COMcomp} // eu não ^{COM} // eu já peguei ^{TOP} / &he + eu tenho aquela questão ^{COM} //
eu mantive a minha visão ^{???} +

(FBA III-3C)

há turmas ^{TOP} / inclusive eu tava conversando até com uma diretora de lá ^{INX} + eu
mantenho a minha visão ^{TOP} / &por [/] de que ^{APT} / há realidades ^{TOP} / que ^{APT} / tomam
contam da vida das pessoas ^{COM} // &he / entra ^{TOP} / por exemplo ^{INX} / criminalidade
^{COMel} / sexualidade ^{COMel} // tudo precoce ^{COM} / na vida deles ^{APC} // e ^{FAT} / acabam ^{TOP} /
que eles ^{APT} / acabam &ach [/] &el [/] tornando ^{COM} / né ^{FAT} / o já + a forma deles / é
tornar aquilo que é ruim ^{TOP} / em diversão ^{COM} / pra eles ^{APC} //

(FBA III-3D)

e a gente não tem ^{COM} // porque parece que eles se tornam adultos ^{COM} // &e [/] eu tenho
experiência do Gabriela ^{COM} // então ^{AUX} / entrar com algo ^{TOP} / pra eles ^{APT} / com
língua estrangeira ^{TOP} /

*ADA: hum hum^{COM} //

*FBA: / que eles têm que ter motivação^{TOP} / pra aprender^{APT} / &he / eles não aprendem
matérias nenhuma^{COM} / né^{FAT} // nem português^{COMel} / nem inglês^{COMel} / nem
matemática^{COMel} // então^{AUX} / assim^{INX} / inglês^{TOP} / pra eles^{APT} / é coisa do outro
mundo^{COM} //

(FBA III-3E)

não tô falando que eles não aprendam^{COM} // uma coisa ou outra^{TOP} / o que é mais
próxima^{TOP} / eles aprendem^{COM} // só que entrar^{TOP} / com essa abordagem
comunicativa^{APT} / com negociação de sentido^{APT} / algumas coisas que são essenciais
^{TOP} / pra fluência em língua inglesa^{APT} / &he / pra esses aluno problema^{TOP} / é mais
complicado^{COM} //

*ADA: hum hum //

*FBA: e tem outras coisas que vem antes^{^COM} / igual nós falamos^{COM} //

(FBA III-4A)

*ADA: esses alunos problemas estão relacionados a esses fatores /

*FBA: <a esses fatores>^{COM} //

*ADA: / <&ex> [/] extracurriculares>^{^COM} / que cê apontou^{COM} // a questão de /
<&he

*FBA: <violência>^{COM} //

*ADA: / violência>^{COMel} / sexualidade^{COMel} // até^{AUX} / questões relacionadas / &he / à
questão de afetividade^{COM} //

*FBA: é^{COM} //

*ADA: <tudo isso>^{TOP} +

*FBA: <existe-se uma cobrança>^{^COM} / né^{FAT} / Andréa^{ALC} / em cima da gente^{COM} /
né^{COM} //

*ADA: isso que faz com que esses alunos <sejam alunos problemas >^{COM} //

*FBA: <só> + isso é que faz^{COM} //

(FBA III-4B)

*ADA: e em relação à aprendizagem^{COM} / deles^{APC} //

*FBA: por exemplo^{COM} // &he / <pra eles &apren> +

*ADA: <eles seriam também problema>^{COM} //

*FBA: sim^{COM} // eles são também problema^{COM} // <e isso é no geral>^{COM} //

*ADA: <mas é deficiência> da aprendizagem^{COM} //

*FBA: <da aprendizagem>^{COM} //

*ADA: <eles já tem uma deficiência>^{COM} +

*FBA: <já tem>^{COM} // nós já pegamos alunos / com deficiência na aprendizagem^{COM} //

alguns^{TOP} / &he / não tem deficiência na aprendizagem^{^COM} / mas a situação deles é mais atraente do que a escola^{COM} // cê tá entendendo^{COM} // <por exemplo>^{COM} //

*ADA: <não>^{COM} // como assim^{COM} //

(FBA III-4C)

*FBA: por exemplo^{COM} // &he / não gosto de escola^{COM} ’//

*ADA: hum //

*FBA: não gosto nem de estudar^{COM} ’// &he + ah / eu não gosto de música^{COMel} ’// &c

[/] não adianta cê me dar jogo^{COMel} ’/ não adianta você fazer o que fizer^{COMel} ’/ não vai

me atrair^{COMRelnec} ’// existe aluno^{TOP} / que já tem isso na cabeça^{COM} / né **COM** // então

^{INP} / assim^{INX} / eu parei / de me preocupar / com coisa que eu não posso resolver^{COM} //

(FBA III-4D)

*ADA: é^{COM} / <com certeza^{COM} // é uma> +

*FBA: <e / &he> / e [/] e essa decisão / eu tomei / pra mim^{COM}// conseguir ensinar aqueles que eu posso^{COM} / <né>^{COM} //

*ADA: <é^{FAT}/ a gente> não pode realmente ter essa + a gente tenta fazer o melhor^{COM} /

*FBA: tenta fazer o melhor^{COM} // eu vou continuar tentando^{COM} / <fazer o melhor>^{APC} //

*ADA: / <né^{COM}// tentando> atingir esses alunos de alguma forma^{COM} // mas^{FAT} / há²³/ realmente^{INX} / a gente <não pode desconsiderar>^{INX} /

*FBA: <não> +

*ADA: / <esses fatores> que você já pontuou ai no inicio^{TOP} / que não depende exclusivamente da gente^{COM} //

(FBA III-5A)

*FBA: Porque existe-se uma idéia^{^COM} / de que cê nunca faz o suficiente^{COM} // cê tem que tentar^{TOP} / o que não existe^{COM} // só **TOP** / que **INP/TOP/APT** / o que não existe^{TOP} / ainda^{APT} / não existe pra mim^{COM} //

*ADA: hum hum^{COM}//

*FBA: eu só vou tentar a partir do momento que ele nascer hhh^{COM} // então^{TOP} / não dá^{COM} / né^{FAT} // nós nos temos^{TOP} / &he / como se diz^{INX} + são [/] são problemas^{TOP} / que [/] de outra alçada^{COM} //

*ADA: hum //

FBA: / não é do [/] de professor^{COM} //

²³ E' TOP ou pedaço do TOP que segue?

(FBA III-5B)

então ^{AUX} / assim ^{INX} / eu parei de me preocupar ^{^COM} / &as [/] com aquelas cobranças
^{COM} // professor ^{TOP} / tem preocupação / em ensinar / cem por cento ^{COM24} // preocupação
^{TOP} / todo professor tem ^{COM} // mas preocupação ^{TOP} / assim ^{INX} / não ^{^COM} / &ce [/] cem
por cento da turma ^{COM} // alcançar ^{COM} / né ^{FAT} // NAs ^{COMel} / NEs ^{COMel} // isso é
preocupação com números ^{COM} // que ^{TOP} / uma gestão administrativa ^{TOP} / tem ^{COM} //
não educacional ^{COM} // porque ^{AUX} / ser humano ^{TOP} / é uma &reali + &he / num é um
objeto ^{COM} //

(FBA III-5C)

não é produto de venda hhh ^{COM} // <então ^{COM} hhh> //²⁵
*ADA: <é ^{COM} // mas ^{INP} / aí ^{AUX} / eu acho> ^{TOP} / um pouco ^{INX} / o que é tão
problemático e difícil na nossa profissão ^{COM} // ²⁶
*FBA: < é > //
*ADA: <porque a gente> tá lidando ^{^COM} / com pessoas ^{COM} // pessoas / realmente ^{INX} /
<não são números> ^{COM} //
*FBA: <e as pessoas ^{TOP} / querem> / pro nossa produção ^{COM} //
*ADA: é ^{COM} // e as pessoas ^{TOP} / olham a educação ^{^COM} / como se fosse / uma questão
de [/] de um produto final ^{COM} // que você tem que estar produzindo aquilo ^{^COM} / e no
final ^{TOP} / os alunos ^{TOP} / tem que sair / em determinado patamar ^{COM} //

(FBA III-5D)

*FBA: hum <hum> ^{COM} //
*ADA: / <né> ^{AUX} / a questão de excelência / e de qualidade / na educação ^{COM} // não
depende só de nós ^{^COM} / mas isso é um trabalho / coletivo ^{COM} //
*FBA: coletivo ^{COM} //

²⁴ Permanece dúvida se teria mais TOP e APT

²⁵ Me parece um COM de obviedade suspenso

²⁶ Difícil dizer se e' assim, mas UM POUCO parece mesmo INX

(FBA III-6A)

*ADA: eu ^{TOP} / realmente ^{INX} / eu acredito ^{TOP} / que ^{APT} / o professor ^{APT} / ele tem que ter noções de [/] desses outros fatores ^{^COM} / que vão influenciar a sala de aula ^{COM} // cê tem que entender um pouco de administração / sim ^{COMel} // você tem que / &he / entender / quais são os repasses ^{^COM} / que o Fundep passa ^{COMel} / pra gente ^{APC} // o que nós temos direito ^{COMel} // que verbas que nós temos ^{COMel} // até pra reivindicar estrutura ^{COMel27} / material ^{COMel} // é preciso ter esse tipo de conhecimento ^{COM} // <concordo> ^{COM} //

*FBA: <hum hum> ^{COM} //

(FBA III-6B)

*ADA: mas são tantos fatores ^{TOP} / que você tem que estar ^{APT} / levando em consideração ^{APT} / no momento de sala de aula ^{TOP} / que às vezes ^{INX} / a questão / do currículo ^{TOP/^COMel} / mesmo ^{APT/APC} / da sua matéria ^{TOP/^COMel} / da [/] do desenvolvimento ^{TOP/^COMel} /

*FBA: <do desenvolvimento> /

*ADA: / <da prática> ^{TOP/^COMel} /

*FBA: <&he> [/]

*ADA: / fica em segundo lugar ^{COM} //

*FBA: com certeza ^{COM} // e parece ^{TOP} / também ^{INX} / que tem hora ^{APT} / que ^{APT} / eles querem que nós avaliamos ^{TOP} / não é a nossa matéria ^{COM} // então ^{AUX} / pra que que ela existe ^{COM} //

(FBA III-6C)

ah ' // mas ele tem crítica ^{COMel} ' / conhecimento de &m [/] de mundo ^{COMel} ' // mas ^{AUX/TOP} / e aí ^{COM} // na minha matéria ele não tem ^{COM} // não é crítico ^{COMel} / não

²⁷ Aqui começaria outro elenco

apresenta^{TOP} / essa visão^{COMel} / não apresenta capacidade de negociar^{COMel} /
capacidade de interpretar^{COMel} // pode apresentar^{TOP} / na &vis [/] uma visão / muitas
vezes^{INX} / simples^{COM} // muito fechada^{COM} // como eu já vi alunos^{^COM} / passarem
COM / aí^{AUX} //

(FBA III-6D)

ah^{FAT} ’/ porque tem uma [/] ele tem uma ótima ’/ capacidade de argumentação^{COM} ’//
argumentar o que^{COM} //

*ADA: hum hum^{COM} //

*FBA: que a gente não tava junto^{COM} // e na sala nunca mostrou pra ninguém hhh^{COM}
// então^{AUX} / assim^{INX} / &he / existe / isso^{COM} // e parece + ai / sua matéria vai ficando
de lado^{COM} // porque você tem que avaliar^{TOP} / <o que>^{COM} //

*ADA: <outras> habilidades^{COM} //

3.5 Procedimentos de Análise dos Dados

Nesta seção, apresentamos os procedimentos adotados para a análise dos textos do PB. Primeiramente, apresentamos uma descrição do software utilizado durante o processo de análise. Posteriormente, detalhamos o processo de segmentação, conferência e etiquetagem dos enunciados.

3.5.1 O Software Winpitch

O software WinPitch (MARTIN, 2006), desenvolvido por Philippe Martin na Pitch Instrument France, foi utilizado no projeto C-ORAL-ROM para a realização da análise acústica do material coletado, bem como para a realização do alinhamento dos textos falados com a transcrição executada no formato CHAT. Esse software possui um método preciso e simples de seleção de unidades, podendo abranger tanto sílabas como unidades maiores e armazena automaticamente os dados alinhados. Dessa maneira, o software permite o alinhamento de todas as possíveis informações específicas em um texto com o sinal acústico correspondente.

O processo de alinhamento do Winpitch é baseado na habilidade de um operador de conectar visualmente um movimento alvo com a percepção da correspondência sonora, executado a uma taxa reducionista de pelo menos 30%. Assim, o operador é capaz de verificar com um click do mouse o texto correspondente ao som percebido. Esse método tem a vantagem de resultar em processos automáticos eficazes, mesmo para gravações com baixa qualidade. Além disso, não é necessária a transcrição automática e o processo é igualmente eficaz para pronúncias não padronizadas da língua

estudada. Os segmentos derivados do alinhamento podem ser definidos em oito tiras independentes, com a geração automática da base de dados correspondente.

Além da função relacionada ao alinhamento entre o sinal acústico e o texto, o Winpitch possui outras funções, como a diminuição da velocidade de execução do sinal acústico, para que o operador possa inserir um identificador de maneira precisa e fácil; a análise em tempo real do sinal acústico considerando os principais parâmetros vocais como frequência fundamental (Fo), duração, intensidade. O software ainda fornece o espectrograma do sinal acústico desejado e também possibilita a gravação e a produção artificial de sinais acústicos depois da revisão dos parâmetros prosódicos, a síntese.

O software está disponível para download e dispõe manual de instrução para iniciantes no site www.winpitch.com. A seguir, apresentamos o layout do Winpitch no qual podem ser realizados os procedimentos descritos acima. O arquivo de som que resultou na figura abaixo é o GBL 29, que possui 26.451s de duração. Como dito anteriormente, o software é capaz de analisar uma gravação com duração muito maior do que a exemplificada nessa sessão.

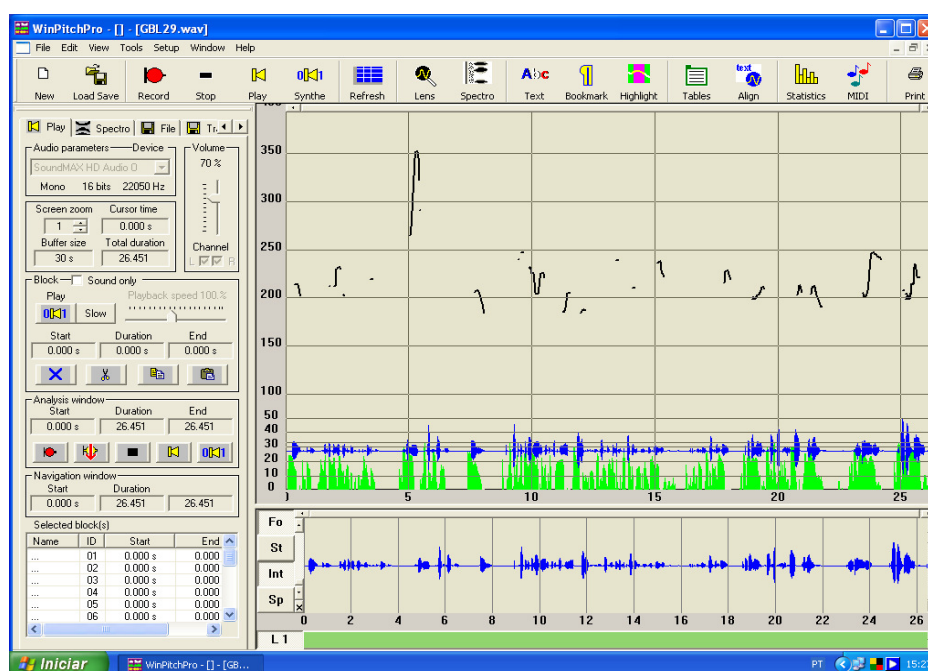


Figura 36 – Layout do Winpitch

3.5.2 O processo de segmentação, conferência e etiquetagem.

A divisão do contínuo fônico em unidades tonais foi realizada por três avaliadores: dois alunos de mestrado e o orientador. Cada avaliador trabalhou em pelo menos 3,5 minutos de fala por semana, totalizando aproximadamente 33 minutos de fala durante 8 semanas. Depois de trabalhar individualmente na segmentação da fala, os avaliadores se reuniram em busca de um consenso relacionado aos vários tipos de fronteiras prosódicas existentes nos três textos.

CAPÍTULO 4

4 AS MEDIDAS DA FALA

Nesta seção, apresentamos as medidas gerais da fala encontradas nos textos que compõem a amostra e estabelecemos uma comparação entre o texto 1 e o texto 2/3. Essas medidas estão relacionadas à duração, ao número de palavras, ao número de turnos, ao número de enunciados, ao número de unidades tonais, à velocidade de elocução, ao número e tipologia dos comentários múltiplos e à estruturação linguística dos enunciados.

A comparação estabelecida entre o texto 1 e os textos 2/3 é motivada pela tipologia dos textos: dialógico, o primeiro, e tendencialmente monológicos, os outros dois. As medidas mostram como essas duas tipologias estruturam a fala de maneira muito diferente.

Apresentamos os números referentes aos textos 1, 2 e 3 separadamente, mas estabelecemos a comparação entre o texto 1 e os textos 2/3, visto que os dois últimos possuem as mesmas características de base, a mesma situação comunicativa, e os mesmos participantes. Todavia, salientamos a importância da observação dos dados relacionados ao texto 2 individualmente, pois o mesmo possui uma estrutura interacional ainda mais monológica que o texto 3. A comparação entre os textos 1 e 2 elucida diferenças muito expressivas quanto à estruturação de um texto, dada a sua tipologia. O texto 3 apresenta-se como intermediário entre os textos 1 e 2, já que é relativamente monológico, com a ocorrência de um número maior de turnos dialógicos.

Os dois textos são classificados como formais em relação ao contexto que caracteriza as interações (MONEGLIA 2000, CRESTI & MONEGLIA 2005), pois o

texto 1 apresenta uma interação entre um professor e um aluno e o texto 2/3 entre colegas profissionais. Apesar das características dos textos, reconhecemos a limitação dessa classificação, visto que existem fortes diferenças culturais entre o conceito de formalidade na Europa e no Brasil no que diz respeito à interação entre professor/aluno e colegas profissionais. Todavia, não temos como tratá-las neste estudo. Os temas das interações também conduzem à formalidade. No texto 1, o aluno apresenta suas percepções sobre o ensino/aprendizagem de inglês como língua estrangeira em uma escola pública. Contudo, observamos que o texto 1 deve ser considerado menos formal do que o texto 2/3 porque o aluno é pré-adolescente em processo de aquisição tanto da norma culta quanto das articulações necessárias para uma fala formal. No texto 2/3, o assunto principal da interação é a discussão sobre as consequências da implementação de uma metodologia de pesquisa em sala de aula.

Expostas as características principais dos textos, apresentamos as medidas encontradas em cada um dos textos a seguir:

4.1 Medidas Gerais

4.1.1 Duração

Duração total texto 1: 15,22 minutos ou 922 segundos.

Duração total texto 2: 9,58 minutos ou 574 segundos.

Duração total texto 3: 8,51 minutos ou 511 segundos.

Duração total textos 2/3: 18,09 minutos ou 1085 segundos.

4.1.2 Número total de palavras

Número total de palavras texto 1: 2.602

Número total de palavras texto 2: 1.459

Número total de palavras texto 3: 1.276

Número total de palavras textos 2/3: 2.735

4.1.3 Número total de turnos

Texto 1: 299 (VTR = 150 / GBL = 149)

Texto 2: 56 (ADA = 28 / FBA = 28)

Texto 3: 84 (ADA = 42 / FBA = 42)

Texto 2/3: 140 (ADA = 70 / FBA = 70)

4.1.4 Número total de Enunciados

Texto 1: 491 (incluindo 30 enunciados interrompidos).

Texto 2: 198 (incluindo 26 enunciados interrompidos).

Texto 3: 196 (incluindo 21 enunciados interrompidos).

Texto 2/3: 394 (incluindo 47 enunciados interrompidos).

4.1.5 Número total de enunciados simples

Texto 1: 296 (ou 60,28% de ocorrência sobre o total de enunciados)

Texto 2: 80 (ou 40,0% de ocorrências sobre o total de enunciados)

Texto 3: 103 (ou 54,08% de ocorrências sobre o total de enunciados)

Texto 2/3: 183 (ou 46,44% de ocorrências sobre o total de enunciados)

4.1.6 Número de enunciados complexos

Texto 1: 195 (ou 39,72% de ocorrências sobre o total de enunciados)

Texto 2: 121 (ou 60,0% de ocorrências sobre o total de enunciados)

Texto 3: 93 (ou 45,92% de ocorrências sobre o total de enunciados)

Texto 2/3: 214 (ou 53,55% de ocorrências sobre o total de enunciados)

4.1.7 Número de unidades tonais

Texto 1: 930 (366 unidades tonais não-terminais, 461 unidades tonais terminais, 30 unidades tonais terminais de enunciados interrompidos, 73 unidades tonais não-terminais por retracting).

Texto 2: 533 (300 unidades tonais não-terminais, 170 unidades tonais terminais, 26 unidades tonais terminais de enunciados interrompidos e 37 unidades tonais não-terminais por retracting).

Texto 3: 493 (265 unidades tonais não-terminais, 174 unidades tonais terminais, 21 unidades tonais terminais de enunciados interrompidos e 33 unidades não-terminais por retracting).

Texto 2/3: 1029 (565 unidades tonais não-terminais, 347 unidades tonais terminais, 47 unidades tonais de enunciados interrompidos e 70 unidades tonais não-terminais por retracting).

4.1.8 - Observações

Os textos 1 e 2/3 possuem uma pequena diferença em favor de 2/3, em duração e em número total de palavras. A diferença em tempo entre os textos é de 15%, enquanto em palavras corresponde a 4,86%. Apesar disso, o texto 1 possui mais que o dobro de turnos e 24,6% de enunciados a mais que o texto 2/3.

A realização de 24,6% a mais de enunciados com um número menor de palavras e de tempo no texto 1 está relacionada à estrutura dialógica do mesmo que leva a uma maior interatividade e a um peso maior do contexto extralingüístico. Ao contrário, a estrutura tendencialmente monológica do texto 2/3, caracterizada por um número de ilocuções²⁸ menor e uma estrutura informacional mais complexa, faz com que o texto 2/3 apresente um número menor de enunciados, mesmo possuindo um número de palavras e uma duração maior do que o texto 1. Isso se deve à alta complexidade de estruturação da fala, característica marcante de textos monológicos, que torna os enunciados mais complexos.

De fato, o texto 2/3 apresenta 10% de unidades tonais, e, portanto, de unidades informacionais, a mais que o texto 1, apesar de possuir um número bem menor de enunciados. Esse número maior de unidades tonais do texto 2/3 reforça a maior complexidade de estruturação dos textos monológicos em contraposição aos dialógicos, pois esse aumento de unidades tonais em menos enunciados significa uma porcentagem muito maior de enunciados complexos. Isso é confirmado quando verificamos que o texto I possui 60,28% de enunciados simples e o texto 2/3 somente 47,05%.

²⁸ Segundo o critério ilocucionário, cada enunciado veicula, a priori, uma ilocução.

4.2 Medidas por turno e por enunciado

4.2.1 Média de enunciados por turno

Texto 1: 1,64 (GBL = 1,76 / VTR = 1,52)

Texto 2: 3,62 (FBA = 5,92 / ADA = 1,85)

Texto 3: 2,34 (FBA = 3,30 / ADA = 1,36)

Texto 2/3: 2,85 (FBA = 4,16 / ADA = 1,56)

4.2.2 Média de unidades tonais por turno

Texto 1: 3,11 (GBL = 3,67 / VTR = 2,54)

Texto 2: 9,51 (FBA = 15,17 / ADA = 3,85)

Texto 3: 5,93 (FBA = 8,78 / ADA = 3,02)

Texto 2/3: 7,38 (FBA = 11,67 / ADA = 4,81)

4.2.3 Média de unidades tonais por enunciado

Texto 1: 1,89 (GBL = 2,08 / VTR = 1,67)

Texto 2: 2,71 (FBA = 2,95 / ADA = 2,07)

Texto 3: 2,52 (FBA = 2,65 / ADA = 2,21)

Texto 2/3: 2,62 (FBA = 2,80 / ADA = 2,14)

4.2.4 Observações

A diferença entre um texto monológico e um texto dialógico é principalmente indicada pela diferença do número de enunciados por turno. O texto 2/3 possui 73,78% enunciados por turno a mais do que o texto 1. Portanto, ele possui turnos muito maiores, o que permite a execução de um número maior de enunciados por turnos.

A média das unidades tonais por turno e enunciado de cada um dos textos corrobora as diferenças apontadas anteriormente entre os textos 1 e 2/3, e reforça ainda mais o argumento de que o texto 2/3 possui uma complexidade estrutural maior do que o texto 1. O texto 2/3 possui 137% de unidades tonais por turno e 38,62% de unidades tonais por enunciado a mais do que o texto 1. A interação dialógica do texto 1 demanda uma menor complexidade estrutural dos enunciados, que podem ser constituídos em grande parte de enunciados simples, ou seja, por uma única unidade tonal, ou no padrão AUX mais COM.

Por isso, a diferença em número de enunciados simples e complexos entre o texto dialógico (texto 1) e tendencialmente monológico (texto 2/3) seria ainda maior se excluíssemos as unidades de auxílio dialógico, visto que essas unidades são a forma principal de estruturação dos enunciados complexos no texto 1 e veiculam apenas informações relacionadas à interação e não compõem o texto.

A diferença de estruturação segundo a tipologia dos textos é reforçada pela média de unidades tonais por enunciados. O texto dialógico possui uma média menor de unidades tonais por enunciado, com uma estrutura interacional caracterizada preferencialmente por enunciados simples. Ao contrário, o texto monológico possui um número maior de unidades tonais por enunciados, com uma estrutura caracterizada por

enunciados complexos. O texto 2/3 possui quase 40% de unidades tonais por enunciado a mais que o texto 1.

4.3 Medidas em Palavras

Nesta seção, aprofundamos as medidas dos textos 1 e 2/3 em relação ao número de palavras. Dessa maneira, informamos a média de palavras por turno, por enunciado e por unidade tonal. Os fragmentos de palavras e as interjeições com função informacional foram considerados no número total de palavras, descartando os silêncios preenchidos e sinalizados na transcrição como &he.

4.3.1 Média de palavras por turno

Texto 1: 8,31 (GBL = 9,88 / VTR = 6,80)

Texto 2: 27,1 (FBA = 42,42 / ADA = 12,71)

Texto 3: 15,37 (FBA = 21,54 / ADA = 9,04)

Texto 2/3: 19,96 (FBA = 29,52 / ADA = 10,53)

4.3.2 Média de palavras por enunciado

Texto 1: 5,38 (GBL = 5,91 / VTR = 4,97)

Texto 2: 7,44 (FBA = 7,16 / ADA = 8,47)

Texto 3: 6,54 (FBA = 6,55 / ADA = 6,50)

Texto 2/3: 6,99 (FBA = 7,03 / ADA = 7,34)

4.3.3 Média de palavras por unidade tonal

Texto 1: 2,79 (GBL = 2,76 / VTR = 2,85)

Texto 2: 2,73 (FBA = 2,52 / ADA = 3,29)

Texto 3: 2,58 (FBA = 2,45 / ADA = 2,99)

Texto 2/3: 2,66 (FBA = 2,52 / ADA = 3,29)

4.3.4 Observações

O texto 2/3 supera amplamente o texto 1 em relação à média de palavras por turno, considerando que o texto 2/3 possui turnos maiores. O aumento da média de palavras por turno do texto 2/3 em relação ao texto 1 é de 140%. A dinâmica de interação do texto 1, dialógico, influencia obviamente na diminuição da média de palavras por turno, pois a interação demanda trocas rápidas entre os interlocutores.

Se olharmos os enunciados, a superioridade do texto 2/3 sobre o texto 1 em relação à média de palavras é de 30%. O texto 1 possui uma estrutura interacional e discursiva mais dinâmica, constituída preferencialmente de enunciados simples, com menos unidades e também com menos palavras. A diferença entre o texto dialógico (texto 1) e o texto mais monológico (texto 2/3) é menos significativa se compararmos a diferença da média de palavras por unidade tonal entre os textos. Isso está relacionado à velocidade de fala dos interlocutores, não sendo dependente só do tipo da interação.

4.4 Medidas por tempo

Nesta seção, apresentamos a duração média dos enunciados por minuto e a média de palavras por segundo. Assim, informamos a densidade informacional da fala de cada um dos textos no cumprimento da ilocução.

4.4.1 Média de enunciados por minuto

Texto 1: 32,26 (GBL = 17,27 / VTR = 14,98)

Texto 2: 20,45 (FBA = 16,07 / ADA = 4,38)

Texto 3: 22,91 (FBA = 16,21 / ADA = 6,69)

Texto 2/3: 21,61 (FBA = 16,21 / ADA = 6,69)

4.4.2 Média de palavras por segundo

Texto 1: 2,82 (GBL = 1,64 / VTR = 1,18)

Texto 2: 2,54 (FBA = 1,92 / ADA = 0,62)

Texto 3: 2,49 (FBA = 1,77 / ADA = 0,72)

Texto 2/3: 2,52 (FBA = 1,85 / ADA = 0,67)

4.4.3 Observações

A comparação da média de enunciados por minuto e da média de palavras por segundo entre os dois textos só poderia ser adequadamente realizada, caso os participantes fossem os mesmos. Dessa maneira, as informações relacionadas à velocidade da fala são pouco conclusivas e estão relacionadas à velocidade de fala dos

interlocutores. Em linhas gerais, verificamos que as interações com um número alto de enunciados simples permitem a realização de uma quantidade maior de enunciados.

4.5 Conclusão

Em resumo, as medidas e porcentagens apresentadas nas seções anteriores demonstraram como a tipologia de um texto, quer dialógico ou monológico, influencia na constituição dos enunciados e dos turnos. A maior complexidade informacional do texto 2/3 está diretamente ligada ao tipo de interação mais monológica que o caracteriza. Assim também, a menor complexidade informacional do texto 1 está ligada à estrutura dialógica que o caracteriza.

4.6 Números de Comentários Múltiplos presentes na amostra.

Nesta seção, apresentamos os números totais de comentários múltiplos identificados na nossa amostra. Os comentários múltiplos foram anteriormente detalhados na seção 2.2.4.1 e se subdividem em comentários ligados, de elenco, de citação, de relação necessária, de comparação e de pedido de confirmação. Esse último é excluído nas contagens porque apresenta problemas que necessitam um trabalho específico. É necessário também diferenciar os comentários ligados, que, em um único enunciado cumprem mais de uma ilocução, dos outros, que cumprem uma única ilocução que, pela sua própria natureza, é constituída por mais de um comentário. Os números apresentados por cada um dos textos evidenciam a importância dos comentários múltiplos na constituição de interações diferentes.

4.6.1 Número total de comentários múltiplos

Texto I: 59 (Total de Enunciados: 491, Enunciados Complexos: 195)

Texto II: 50

Texto III: 48

Textos II/III: 98 (Total de Enunciados: 394, Enunciados Complexos: 214)

4.6.2 Número total de comentários ligados

Texto I: 26

Texto II: 34

Texto III: 21

Textos II/III: 55

4.6.3 Número total de comentários de elenco

Texto I: 12

Texto II: 07

Texto III: 12

Textos II/III: 19

4.6.4 Número total de comentários de citação

Texto I: 11

Texto II: 04

Texto III: 11

Textos II/III: 15

4.6.5 Número total de comentários de relação necessária

Texto I: 10

Texto II: 03

Texto III: 01

Textos II/III: 04

4.6.6 Número total de comentários de comparação

Texto I: 00

Texto II: 02

Texto III: 03

Textos II/III: 05

Os números e as porcentagens dos diferentes tipos de comentários múltiplos identificados nos textos 1 e 2/3 em relação ao número total de comentários múltiplos de cada texto são sistematizados no quadro e nos gráficos a seguir:

Quadro 3
Porcentagem dos Diferentes Comentários sobre o Número total de Comentários Múltiplos (Texto 1 e Texto 2/3)

	Texto 1		Texto2/3	
	59	%	98	%
Nº total de Comentários Múltiplos	26	44,06%	55	56,12%
Nº de Comentários Ligados	12	20,33%	19	19,38%
Nº de Comentários de Elenco	11	18,64%	15	15,30%
Nº de Comentários de Citação	10	16,97%	04	4,08%
Nº de Comentários de Relação Necessária	---	---	05	5,12%

Quadro 4
Porcentagem dos Diferentes Comentários sobre o Número total de Enunciados Complexos (Texto 1 e Texto 2/3)

	Texto 1		Texto2/3	
	Enunciados Complexos (195)		Enunciados Complexos (214)	
Nº total de Comentários Múltiplos	59	30,25%	98	45,79%
Nº de Comentários Ligados	26	13,33%	55	25,70%
Nº de Comentários de Elenco	12	6,15%	19	8,87%
Nº de Comentários de Citação	11	5,64%	15	7,00%
Nº de Comentários de Relação Necessária	10	5,12%	04	1,86%
Nº de Comentários de Comparação	---	---	05	2,33%

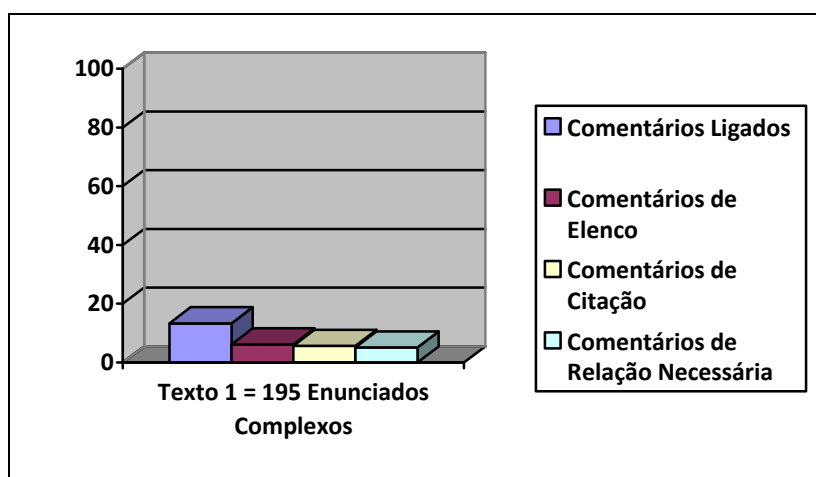


Gráfico 2 - Composição dos Comentários Múltiplos (Texto 1)

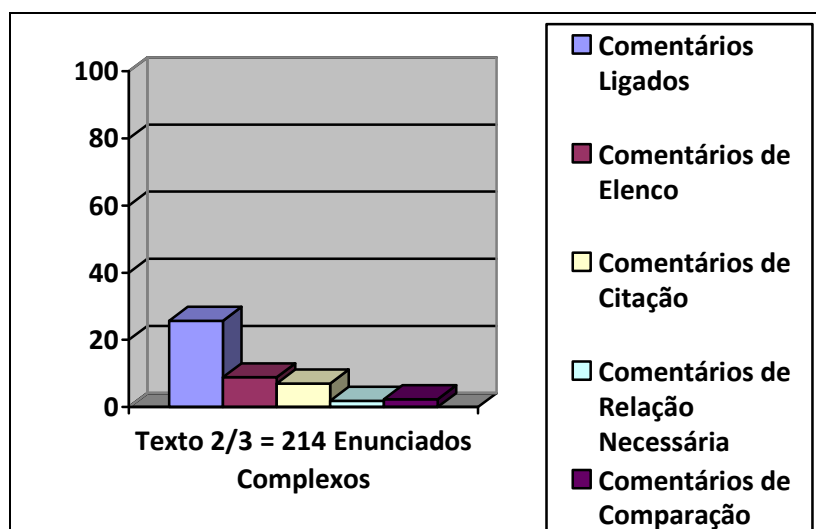


Gráfico 3 – Composição dos Comentários Múltiplos (Texto 2/3)

4.6.7 Observações

O texto 1 apresenta 59 comentários múltiplos, o que corresponde a 12,01% dos 491 enunciados nele identificados. Essa frequência de ocorrência corresponde a 30,25% se considerarmos o número total de enunciados complexos do texto 1 que é igual a 195. O texto 1 apresenta 5,29% de ocorrência de comentários ligados; 2,44% de comentários de elenco; 2,24% de comentários de citação e 2,03% de comentários de relação necessária sobre o total de enunciados. Ao considerarmos o número total de comentários múltiplos, as porcentagens identificadas correspondem a 44%; 20,33%, 18,64% e 17%.

Como pode ser visto nos números e porcentagens, o texto 2/3 supera o texto 1 na ocorrência de comentários múltiplos, apesar de possuir um número menor de enunciados. O texto 2/3 possui 98 comentários múltiplos, o que corresponde a 24,87% dos 394 enunciados. Essa ocorrência corresponde a 45,79% se considerarmos o número total de enunciados complexos do texto 2/3 que é 214. Esse texto apresenta 14,06% de ocorrência de comentários ligados; 4,85% de comentários de elenco; 3,83% de comentários de citação; 1,27% de comentários de comparação e 1,02% de comentários de relação necessária. Se observarmos apenas o número total de enunciados complexos, as porcentagens correspondem a 56,16%; 19,38%; 15,30%; 5,12% e 4,08%.

Um dado relevante que emergiu da análise detalhada dos comentários múltiplos foi o maior número de comentários de relação necessária no texto 1, que supera o texto 2/3 em 150%. Esse aumento sugere que a maior utilização de comentários de relação necessária no texto 1 está ligado à sua estrutura interacional dialógica e ao fato desse texto ser claramente mais informal. Nesse caso, a relação lógica entre as duas unidades do enunciado é marcada entonacionalmente e não com operadores lexicais.

A maior ocorrência de comentários de relação necessária no texto 1 apresenta uma característica específica, pois verificamos que 80% da ocorrência desses comentários foram identificados em Gabriel. Isso nos leva a propor que o aumento de comentários de relação necessária também está ligado ao fato de Gabriel ser um falante pré-adolescente que ainda não domina toda sua articulação informacional. Alguns exemplos dessas relações necessárias são apresentadas a seguir:

Exemplo 25 - *GBL: *traduzi a folha toda*^{COM} / *e não entendia o quê que era*^{COMRelnec}
// (GBL 11)

Exemplo 26 - *GBL: *não / eu falo faço tudo certinho lá* <na sala>

*VTR: <hum hum>^{COM} //

*GBL: / *de aula*^{TOP} / *chega na prova*^{COM} / *é pau*^{COMRelnec} // <pronto>

^{COM} // (GBL 09)

Exemplo 27 - *GBL: *só sei que eu peguei*^{COM} / *conferi*^{COMRelnec} // (GBL 33)

Esses mesmos enunciados, em uma fala mais controlada, poderiam corresponder a estruturas do tipo Tópico-Comentário se assim fossem articuladas:

1) *GBL: *quando traduzi a folha toda*^{TOP} / *não entendi o quê que era*^{COM} //

2) *GBL: *quando chega a prova*^{TOP} / *tiro nota ruim*^{COM} //

3) *GBL: *depois que eu peguei*^{TOP} / *conferi*^{COM} //

A análise também nos possibilitou verificar que a grande parte dos comentários ligados identificados no texto 1 é constituída de ‘por que’ interrogativo. Tratam-se na verdade, de perguntas parciais em que a resposta exige uma estruturação que vai além de apenas ‘sim’ e ‘não’; diferentemente das perguntas totais. As perguntas parciais

podem ser realizadas entonacionalmente em uma única unidade, neste caso, em uma unidade de comentário, ou pode também ser realizada em duas unidades, em forma de COM e APC ou ^COM e COM. A construção de perguntas parciais se faz com a utilização de ‘como’, ‘quando’, ‘por que’, ‘o que’, ‘aonde’ e ‘quem’. Quando a unidade que expressa o conteúdo da pergunta é nova, a única opção em duas unidades é o padrão ^COM/COM, pois somente uma nova forma ilocucionária pode instaurar um âmbito de aplicação da força ilocucionária novo posposto à ilocução primária.

*Exemplo 28: *VTR: cê acha que [/] que a Andréa mudou^{^COM} / nesse período^{COM} // de quinta / até a sétima [/] até a sétima agora // cê acha que / teve alguma mudança^{COM} //*
**GBL: teve^{COM} //*
**VTR: teve^{COM} // que tipo de mudança^{COM} //*
**GBL: além no ensino^{COM} / né^{AUX} //*
**VTR: é^{COM} //*
**GBL: ah^{INP} / eh^{AUX} / a aula^{COM} / né^{FAT} // ficou diferente^{COM} //*
**VTR: por que^{^COM} / que cê acha que ficou diferente^{COM} //*
 (GBL 07)

*Exemplo 29: *VTR: hum^{COM} // então^{COM} // eh^{AUX} / você gosta^{^COM} / de estudar inglês^{COM} / Marlon^{ALC} //*
**GBL: gosto^{COM} //*
**VTR: por que^{COM} / que cê gosta de estudar inglês^{APC} // (GBL 04)*

O critério de identificação das formas de estruturação das perguntas parciais, seja em uma única unidade ou em duas unidades, baseia-se principalmente no contexto de realização. Isto é, se o conteúdo da pergunta for dado no contexto interacional, o enunciado tem grande possibilidade de ser estruturado em COM e APC. Caso contrário, a estrutura do enunciado será em forma de comentários ligados. Essas possibilidades

podem ser verificadas nos exemplos 28 e 29 elencados anteriormente. É significativo que o movimento do COM no exemplo 28 está no elemento novo “cê acha”

Diferentemente do que ocorre no texto 1, o aumento da ocorrência dos comentários ligados no texto 2/3 ocorre devido ao enfraquecimento do princípio ilocucionário (CRESTI 2000)²⁹, em que a identificação de uma ilocução para cada enunciado é mais difícil. Essa tendência é forte no monológico formal. O aumento de ocorrência de comentários ligados do texto 2/3 em comparação ao texto 1 seria ainda maior se não fosse a ocorrência de uma grande quantidade de perguntas do texto 1 devido ao tipo específico de interação.

Em linhas gerais verificamos que os tipos de comentários múltiplos encontrados nos textos 1 (dialógico) e no texto 2/3 (tendencialmente monológico) não são muito diferentes com exceção dos comentários de relação necessária, que já foram discutidos nessa seção. Quanto aos pedidos de confirmação, merecem um estudo à parte e não foram aprofundados na presente análise, pois apresentam um problema delicado. De fato, as unidades que podem veicular a ilocução de pedido de confirmação podem facilmente ser confundidas (sem uma observação específica de todas as características) ou com fáticos ou com enunciados autônomos. Apresentamos dois exemplos, em que as unidades informacionais não podem ser consideradas enunciados autônomos, exercendo, portanto, a função de fáticos.

Exemplo 30: *GBL: / me &ens [/] falado que tinha que inverter a frase^{COM} /
entendeu^{FAT} // (GBL 11)

Exemplo 31: *FBA: eh^{FAT} / e foi &ass + ai^{AUX} / eu fiquei preocupada^{COM} /
né^{FAT} / Andréa^{ALC} // (FBA III – 2A)

²⁹ O enfraquecimento do princípio ilocucionário é detalhado na seção 3.2.4.

Nos exemplos apresentados, os fáticos asseguram e mantêm a abertura do canal comunicativo entre os participantes da interação. Dessa maneira possibilitam aos interlocutores controlar a comunicação estabelecida.

4.6.8 Conclusão

Os dados apresentados anteriormente trazem indícios sobre as proporções e os tipos de comentários múltiplos utilizados na estruturação de um texto segundo uma dada tipologia e sobre a contribuição dos mesmos para uma maior complexidade estrutural da fala. Em um texto monológico e mais formal, os elementos discursivos são mais categorizados através de relações lógicas e lexicalizações, ou seja, textualmente. Diferentemente, um texto dialógico prefere a categorização de modo pragmático, em enunciados com complexidade relativa e fala menos elaborada, baseado-se mais na entonação como veículo direto da ilocução.

4.7 A presença de enunciados com e sem verbo

Nesta subseção, apresentamos os dados relacionados à estruturação lingüística dos enunciados. Esses dados se referem à ocorrência de enunciados simples com e sem verbo, de enunciados complexos com e sem verbo, de enunciados simples com verbo finito e não-finito, de enunciados complexos com verbo finito e não-finito.

Os enunciados com verbo foram organizados em duas categorias, os de forma finita e os de forma não-finita. Todos os enunciados que continham formas finitas, mesmo em situações que o verbo não poderia ser considerado o núcleo, e as formas aparentemente não-finitas que codificam o subjuntivo foram considerados dentro das

formas finitas. O exemplo a seguir (ULISSES 20008) apresenta uma situação em que o verbo não constitui o núcleo regente:

Exemplo 32: *FBA: *não/né*^{FAT} / *de forma que todo professor **espera***^{COM} //
(FBA II – 1B)

Os enunciados constituídos de ‘é’, ‘tá’, quando equivalente a “sim”, e ‘hum’ ou ‘hum hum’ foram considerados enunciados sem verbo, pois conforme exemplos a seguir, eles correspondem pragmaticamente a afirmações e poderiam ser substituídos por ‘sim’ ou ‘ok’. Alguns exemplos são apresentados a seguir:

Exemplo 33: *VTR: / *tá*^{COM} / *de + cê é um menino que tem estudado com a Andréa desde quinta série*^{COM} //
*GBL: *é*^{COM} // (GBL 01)

Exemplo 34: *VTR: *é um bairro*^{COM} //
*GBL: *é*^{COM} // (GBL 02)

Exemplo 35: *VTR: *você acha interessante*^{COM} //
*GBL: *é*^{COM} // (GBL 04)

Exemplo 36: *GBL: *ela queria uma fotografia minha*^{COM} // *mas*^{AUX} / *eu não tinha*^{COM} //
*VTR: *tá*^{COM} // (GBL 19)

Exemplo 37: *GBL: *ai*^{AUX} / *eu tava escrevendo / com / errado*^{COM} // *só isso*^{COM} //
*VTR: *tá*^{COM} // (GBL 21)

Exemplo 38: *GBL: *ou então*^{AUX} / *eu tentava &t [/] sozinho*^{COM} / *lá decifrar*

APC //

*VTR: **tá**^{COM} // (GBL 21)

Exemplo 39: *VTR: *por quê*^{^COM} / *que cê acha que ficou diferente*^{COM} //

*GBL: *ah*^{AUX} / *porque ficou*^{COM} / *uê*^{AUX} // *ah*^{COM} // *vamos supor*^{COM} // *ela antes também trabalhava com música*^{COM} / *sabe*^{AUX} //

*VTR: **hum hum**^{COM} // (GBL 07)

Exemplo 40: *GBL: *eh*^{COM} / *assim*^{INX} // *não foi sempre*^{COM} / *né*^{FAT} // *na quinta série teve uma / negócio*^{COM} / *né*^{FAT} // *porque a gente tava aprendendo*^{COM} //

*VTR: **hum hum**^{COM} // (GBL 18)

Exemplo 41: *GBL: *a gente tava trabalhando a escrita*^{COM} / *né*^{FAT} //

*VTR: **hum hum**^{COM} // (GBL 20)

Os casos de formas finitas como ‘teve’, ‘foi’ e ‘gosto’ que funcionalmente também correspondem a uma afirmação foram considerados enunciados com verbo finito. Consideramos esses casos dentro dos enunciados com formas de verbo finito para evitar o aumento da ocorrência de enunciado sem verbo. Portanto, com critérios diferentes, e legítimos, o número de enunciados sem verbo seria maior do que aquele apresentado aqui. Apresentamos a seguir, o número total de enunciados com e sem verbo e posteriormente detalhamos essa informação:

Quadro 5
Número total de enunciados com e sem verbo

Total de enunciados com verbo	Total de enunciados sem verbo
Texto I: 290	Texto I: 201
Texto II/III: 282	Texto II/III: 112
Total: 572	Total: 313

4.7.1 Total de enunciados simples com verbo

Texto I: 124

Texto II: 35

Texto III: 54

Textos II/III: 89

4.7.2 Total de enunciados simples sem verbo

Texto I: 172

Texto II: 45

Texto III: 49

Textos II/III: 94

4.7.2.1 Total de ‘É’ (contabilizados no total de enunciados simples sem verbo)

Texto I: 15

Texto II: 03

Texto III: 04

Texto II/III: 07

4.7.2.2 Total de ‘Tá’ (contabilizados no total de enunciados simples sem verbo)

Texto I: 14

Texto II: 00

Texto III: 00

Texto II/III: 00

4.7.2.3 Total de ‘Hum’ (contabilizados no total de enunciados simples sem verbo)

Texto I: 53

Texto II: 07

Texto III: 14

Texto II/III: 21

4.7.3 Total de enunciados complexos com verbo

Texto I: 166 (Enunciados Complexos: 195)

Texto II: 111

Texto III: 82

Textos II/III: 193 (Enunciados Complexos: 214)

4.7.4 Total de enunciados complexos sem verbo

Texto I: 29

Texto II: 10

Texto III: 08

Textos II/III: 18

4.7.5 Observações

Tanto sobre os enunciados simples quanto sobre os enunciados complexos, foi calculada a porcentagem de enunciados com e sem verbo. Quanto aos enunciados simples, a ocorrência de enunciados com verbo do texto 1 é igual a 41,89% e do texto 2/3 é 48,63%. O número percentual de enunciados simples sem verbo no texto 1 corresponde portanto a 58,11% , percentual que cai para 30,40% se retirarmos do total

de enunciados simples sem verbo as formas como ‘é’, ‘tá’, e as interjeições ‘hum’ ou ‘hum hum’, com valor de afirmação. O número de enunciados simples sem verbos do texto 2/3 corresponde a 51,36% e, retirando os mesmos elementos pontuados anteriormente, esse percentual cai para 36,06%.

Quanto aos enunciados complexos, o percentual de enunciados complexos com verbo é igual a 85,12% no texto 1 e a 90,18% nos textos 2/3. O número percentual de enunciados complexos sem verbo é igual a 14,87% no texto 1 e a 8,69% no texto 2/3.

Os dados nos permitem verificar que a maior complexidade estrutural dos enunciados, codificados em uma estrutura informacional mais elaborada e mais longa, faz com que a possibilidade de ocorrência de enunciados com verbos seja maior. Mas ao mesmo tempo devemos notar que a quantidade de enunciados sem verbo é muito alta, totalizando 313 enunciados.

4.7.6 Enunciados simples com verbo de forma finita

Texto I: 116

Texto II: 35

Texto III: 53

Textos II/III: 88

4.7.7 Enunciados simples com verbo de forma não-finita

Texto I: 08

Texto II: 00

Texto III: 01

Textos II/III: 01

4.7.8 Enunciados complexos com verbo de forma finita

Texto I: 159

Texto II: 102

Texto III: 74

Textos II/III: 176

4.7.9 Enunciados complexos com verbo de forma não-finita

Texto I: 07

Texto II: 03

Texto III: 03

Textos II/III: 06

4.7.10 Observações

O percentual de ocorrência de enunciados simples com verbo de forma finita sobre o total de enunciados simples é 39,18% no texto 1 e 48,08% no texto 2/3. O texto 2/3, tendencialmente monológico com um número menor de enunciados simples, apresenta um aumento de 22,71% de enunciados simples com verbo finito em comparação ao texto 1.

O número percentual de enunciados simples com verbo de forma não-finita corresponde a 2,70% no texto 1 e a 2,24% no texto 2/3. A diferença entre os dois textos, um dialógico e o outro tendencialmente monológico, em relação à estruturação dos enunciados simples com verbo não-finito não é significativa. Os exemplos a seguir (ULISSES 2008) demonstram algumas ocorrências de enunciados simples com verbo não-finito identificados na amostra.

Exemplo 42: *ADA: <tentando> **atingir** esses alunos de alguma forma^{COM} // (FBA III – 4D)

Exemplo 43: *FBA: **argumentar** o que^{COM} // (FBA III – 6D)

A média percentual de enunciados complexos com verbo de forma finita é de 81,53% no texto 1 e 91,19% no texto 2/3. O percentual de enunciados complexos com verbo de forma não-finita correspondem a 3,58% no texto 1 e 3,10% no texto 2/3. Apresentamos um exemplo (ULISSES 2008) de enunciado complexo com verbo não-finito:

Exemplo 44: *FBA: **alcançar**^{COM} / *né*^{FAT} // (FBA III – 5B)

4.8 As conjunções E, Mas, Porque e Que na amostra

Nesta subseção, apresentamos a ocorrência das conjunções E, Mas, Porque e Que, identificadas com o objetivo de demonstrar que elas podem conectar atos de falas ou unidades informacionais (CRESTI, 2005b) e não somente sintagmas. Essa função pragmática acontece majoritariamente quanto às conjunções coordenadas e quanto à conjunção *porque*, mas é evidente também na principal conjunção subordinada, a conjunção *que*.

Contabilizamos todas as conjunções E e Mas, e todos os Porque e Que não interrogativos e em começo de enunciado. Visto que no PB existe uma grande variação no uso da conjunção ‘que’, tais como por quê que, o quê que, quando que, e já que, não consideramos essas realizações na condução dessa análise detalhada, objetivando limitar o número de variáveis.

Apresentamos aqui alguns exemplos de enunciados em que essas conjunções aparecem em início de enunciado.

Exemplo 45: *VTR: <hum>^{COM} // tá^{COM} // e depois cê foi pro Gabriela^{COM} //*
(GBL 01)

Exemplo 46: **VTR: <é>^{COM} // tem que olhar isso^{COM} // eh^{AUX} / a Andréa &nn
[/] ela [/] não sei se na quinta série ela já fazia isso^{COM} // **mas**
^{AUX} / na sétima^{TOP} / por exemplo^{INX} / que é a turma de vocês que
eu tô acompanhando^{INX} / ela usa muito inglês^{COM} //* (GBL 15)

Exemplo 47: **GBL: ela queria uma fotografia minha^{COM} // **mas**^{AUX} / eu não
tinha^{COM} //* (GBL 19)

Exemplo 48: **VTR: Por que^{COM} / que cê gosta de estudar inglês^{COM} //*
GBL: ah hhh^{COM} // **porque eu achei legal^{COM} / uê^{AUX} //*
(GBL 04)

Exemplo 49: **GBL: <mas> na hora da prova fica difícil hhh^{COM} //*
**VTR: volta a ficar difícil^{COM} //*
GBL: volta a ficar difícil^{COM} // **porque a gente esquece^{COM} // a
gente fica nervoso^{COM} /* (GBL 15)

Exemplo 50: *GBL: <hum>^{COM} // não^{COM} // foi no início^{COM} // **que** na hora que
ele fala^{INTL} / I feel good^{COM} // aí^{INP} / dá <um grito>^{COM} //*
(GBL 08)

Exemplo 51: **VTR: foi pra melhor^{COM} // então^{AUX} / cê acha que ela + como é
que cê falou^{COM} // **que** ela tava mais animada^{COM} // é isso?*
(GBL 12)

Além de verificarmos a ocorrência dessas conjunções em início de enunciado (IE), também as identificamos em início de enunciado com unidade tonal dedicada

(IED), ou seja, quando constituem o único elemento da unidade tonal, em início de unidade tonal (IT), dentro de uma unidade tonal (DUT) e em início de turno (IUT). Apresentamos nas subseções posteriores os exemplos de cada uma dessas ocorrências.

4.8.1 Números relativos à conjunção E

Texto I: 34

IE: 11

IED: 06

IUT: 09

DUT: 08

Texto II: 33

IE: 14

IED: 09

IUT: 07

DUT: 03

Texto III: 25

IE: 13

IED: 04

IUT: 06

DUT: 02

Textos II/III: 54

IE: 27

IED: 13

IUT: 13

IUT: 01

Das 67 ocorrências da conjunção E (34 no texto 1 e 33 no texto 2/3), 40 são em início de enunciado, e dessas, 15 são isoladas em unidade dedicada; 15 se encontram dentro de enunciado, mas em início de unidade tonal; somente 11 aparecem dentro de unidade tonal. Quando a conjunção E está em início de enunciado e em unidade dedicada, exerce a função informacional de um AUX, com grande possibilidade de ser um INP, ou seja, uma unidade informacional que possui a função de introduzir um ato de fala. O mesmo acontece com as outras conjunções na mesma distribuição. Alguns exemplos dessa ocorrência são apresentados a seguir³⁰:

Exemplo 52: **FBA: tentava / com algumas perguntas^{^COM} / criar algum tipo de reação neles^{COMel} // e^{INP} / quando as [/] as respostas^{TOP} / não eram de acordo^{APT} / com aquilo que eu esperava hhh^{APT} / eu me frustrava^{COM} // (FBAII – 5E)*

Exemplo 53: **FBA: você tá [/] ele tá dentro da sala^{TOP} / mas somente o corpo^{COM} hhh / né^{COM} // e^{FAT} / mas o pensamento^{TOP} / tá longe^{COM} // (FBA II – 2A)*

Exemplo 54: **FBA: &he / ai^{TOP} / depois eu fui me acostumando^{COM} // e^{FAT} / prestando mais atenção^{^COM} / nesses alunos^{COM} / né^{FAT} // (FBA II – 3D)*

Algumas ocorrências da conjunção E em início de unidade tonal, mas dentro de enunciado são apresentadas nos exemplos a seguir³¹:

Exemplo 55: **GBL: eu pego ele^{TOP} / e traduzo ele todo^{COM} // (GBL 22)*

Exemplo 56: **FBA: <é^{AUX} / e depois eu^{TOP} / voltei^{COM} / né>^{FAT} // (FBA II – 3C)*

³⁰ Exemplos retirados e analisados por ULISSES (2008)

³¹ Idem.

São poucos os casos em que a conjunção E está dentro de unidade tonal, e em metade desses casos, essa conjunção é utilizada para constituir uma perífrase aspectual, característica da fala coloquial brasileira contemporânea. Trata-se das perífrases aspectuais do tipo “pegar e fazer” e “chegar e fazer”. Todas as ocorrências foram identificadas na fala do informante GBL e são apresentadas em seguida:

Exemplo 57: *GBL: <ai> ^{AUX} /

*VTR: <hum hum > //

*GBL: / eu pego e erro a prova toda ^{COM} // (GBL 10)

Exemplo 58: *GBL: ai ^{AUX} / eu cheguei e falei com ela ^{COM} // (GBL 11)

Exemplo 59: *GBL: cê pegar e ela &ach [/] &ch [/] achar que você está /
&preieiju [/] te xingando ^{COM} / né ^{AUX} // (GBL 28)

Exemplo 60: GBL: ai / eu chegava pra ela e falava ^{INTL} / professora ^{ALC} 'qual
que fica mais bonito ^{COM} ' // (GBL 31)

Exemplo 61: *GBL: ai ^{AUX} / a professora chegava e falava a certa ^{COM} /
<entendeu> ^{COM} // (GBL 31)

Exemplo 62: *GBL: ela pega e me responde ^{COM} // (GBL 33)

A ocorrência da conjunção E dentro de unidade tonal com a função de conectar sintagmas acontece em apenas seis casos. Essas ocorrências são apresentadas a seguir:

Exemplo 63: *VTR: <cê falou> que é difícil e é fácil ^{COM} // (GBL 14)

Exemplo 64: *GBL: mas ^{AUX} / depois a gente vai pegando a gente vai querendo
^{COM} / ficar mais e mais ^{APC} // (GBL 18)

Exemplo 65: **ADA: que é a IC1 e a IC2^{COM} // (FBA II - 4A)*

Exemplo 66: **FBA: <o resultado das provas> e o resultado / da [/]
participação deles dentro da sala^{COM} // (FBA II – 6A)*

Exemplo 67: **FBA: no Gabriela eu trabalhei com quinta e &s [/] e sexta^{COM} /
né^{FAT} // (FBA III- 3B)*

Exemplo 68: **ADA: <mas^{INP} / ai / eu acho>^{TOP} / um pouco^{INX} / o que é tão
problemático e difícil na nossa profissão^{COM} // (FBA III – 5C)*

4.8.2 Números relativos à conjunção Mas

Texto I: 12

IE: 07

IED: 04

IUT: 01

DUT: 00

Texto II: 11

IE: 05

IED: 04

IUT: 02

DUT: 00

Texto III : 15

IE: 09

IED: 04

IUT: 02

DUT: 00

Textos II/III: 26

IE: 14

IED: 08

IUT: 04

DUT: 00

Das 38 ocorrências da conjunção MAS (12 no texto 1 e 26 no texto 2/3), 21 são em início de enunciado, e dessas 12 são isoladas e em unidade dedicada; 5 são em início de unidade tonal. Não identificamos casos em que essa conjunção aparece dentro de unidade tonal em nenhum dos textos. Em sua maioria, a conjunção MAS conecta atos de fala. Essa função é exemplificada nos exemplos:

Exemplo 69: *GBL: eu esqueci de te perguntar*^{COM} // **mas**^{AUX} / *pergunta básica*^{INTL} /
qual que é o seu nome ' // (GBL 03)

Exemplo 70: **GBL: porque a gente tava aprendendo*^{COM} //
**VTR: hum hum*^{COM} //
GBL: a gente não tinha / ainda a manha*^{COM} // **mas^{AUX} / *depois a gente vai pegando a gente vai querendo*^{COM} / *ficar mais e mais*^{APC} // (GBL 18)

Exemplo 71: **FBA: e*^{INP} / *alguns alunos envolveram*^{^COM} / *de alguma forma*^{COM} // *não*
/ né^{FAT} / *de forma que todo professor espera*^{COM} // **mas**^{AUX} / *foi bastante positivo*^{COM} // (FBA II – 1B)

Exemplo 72: *GBL: *ela queria uma fotografia minha*^{COM} // **mas**^{AUX} / *eu não tinha*^{COM}
// (GBL 19)

4.8.3 Números relativos à conjunção Porque

Texto I: 12

IE: 07

IED: 03

IUT: 01

DUT: 01

Texto II: 12

IE: 02

IED: 05

IUT: 02

DUT: 03

Texto III: 10

IE: 05

IED: 02

IUT: 03

DUT: 00

Textos II/III: 22

IE: 07

IED: 07

IUT: 06

DUT: 02

Das 34 ocorrências da conjunção PORQUE (12 no texto 1 e 22 no texto 2/3), 14 são em início de enunciado, 10 em início de enunciado e unidade dedicada, 7 são em início de unidade tonal e 3 ocorrem dentro de unidade tonal. A função majoritária de conectar atos de fala, exercendo a função de um INP, também é mantida por essa conjunção. Apresentamos alguns exemplos dessa conjunção:

Exemplo 73: *GBL: *inglês cê tem que pegar mais sério*^{COM} // *porque*^{INP} / *é poucas palavras que tem semelhança com o português*^{COM} / *né*^{FAT} // (GBL 05)

Exemplo 74: *FBA: *antes*^{TOP} / *o primeiro impacto*^{TOP} / *já causou um certo susto*^{COM} / *né*^{FAT} // *porque*^{INP} / *&he* / *por exemplo*^{INX} / *o primeiro &impa* [/] *o &primei* [/] *no primeiro bimestre*^{TOP} / *parece que eu já comecei a rotular hhh* / *<aquela turma>* / *como turma fraca*^{COM} / *né*^{COM} // (FBA II – 5A)

Exemplo 75: *ADA: *hhh como é que você fez*^{COM} // *porque*^{AUX} / *você chegou numa escola nova*^{TOP} / *outra realidade*^{COMel} / *outros alunos*^{COMel} / *outras necessidades*^{COMel} // (FBA III – 3A)

4.8.4 Números relativos à conjunção Que

Texto I: 07

IE: 07

Texto II: 06

IE: 06

Texto III: 04

IE: 04

Textos II/III: 10

IE: 10

4.8.5 Observações

Desconsideradas as variações da conjunção ‘que’ existentes no PB, a ocorrência dessa conjunção em início de enunciado também pode cumprir a função de conectar atos de fala. Essa função é exemplificada abaixo:

Exemplo 76: **ADA: tem duas turmas que você fala muito^{COM} / delas^{APC} // **que é a IC1 e IC2^{COM}** // (FBA II – 4A)*

Exemplo 77: **ADA: como que cê via^{COM} / o processo antes^{APC} / por exemplo^{INX} // **que eu não acompanhava as suas aulas antes^{COM}** // (FBA II – 5A)*

4.9 Observações gerais

As conjunções E, Mas, Porque e Que possuem uma função principalmente ou também pragmática, conectando atos de falas e não sintagmas. Isso acontece na maioria das ocorrências por E, Porque e Mas, mas também, às vezes, com a conjunção subordinada Que. A posição desses conectores nos enunciados, muitas vezes, em início de enunciado com unidade tonal dedicada ou não, indica que eles contribuem para a articulação de unidades informacionais e de atos de fala.

Os números e as porcentagens também indicaram que a ocorrência desses conectores é influenciada pela estrutura interacional dos textos. Esse número aumenta

em textos tendencialmente monológicos, como é o caso dos textos 2/3, em que os enunciados, por serem mais numerosos no mesmo turno e mais complexos, necessitam ser conectados uns aos outros ou necessitam maiores conexões entre unidades informacionais.

O nível de consenso atingido em relação à segmentação dos enunciados é muito satisfatório³². Ainda assim, em alguns casos em que a segmentação possa ser contestada, verificamos estes dados também em início de turno. Os números que seguem corroboram o fato dessas conjunções possuírem função pragmática e conectarem atos de fala:

Texto I

E: 05

Mas: 03

Porque: 00

Que: 01

Texto II

E: 06

Mas: 00

Porque: 01

Que: 00

Texto III

E: 06

³² Ver critérios de validação da segmentação Moneglia M., Scarano A.; Spinu, M. (2002)

Mas: 03

Porque: 02

Que: 01

Textos II/III

E: 12

Mas: 03

Porque: 03

Que: 01

4.10 Observações Finais

Os números e porcentagens apresentados anteriormente mostram claramente a influência da estrutura interacional dos textos sobre a organização informacional dos mesmos. Verificamos que o texto 2/3, por possuir uma estrutura interacional tendencialmente monológica, supera o texto 1 em complexidade informacional, com enunciados mais longos e mais complexos. Isso foi constatado na média de enunciados, unidades tonais e comentários múltiplos apresentados pelo texto 2/3. O texto 1, caracterizado por uma interação dialógica, supera o texto 2/3 somente no que diz respeito à ocorrência de comentários de relação necessária, devido à informalidade do informante Gabriel. Outro ponto interessante identificado foi o fato das conjunções E, Mas, Porque, e Que serem freqüentemente utilizadas para conectar atos de fala e não sintagmas

CAPÍTULO 5

5 A UNIDADE DE TÓPICO

Nesta seção, apresentamos uma análise da unidade de tópico segundo a Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000). Primeiramente, apresentamos um aprofundamento teórico sobre a unidade informacional de tópico, que constitui o foco de análise deste estudo, observando o conceito de tópico em outras perspectivas teóricas e na perspectiva adotada neste estudo. Segundamente, apresentamos as tipologias e os correlatos morfossintáticos dos tópicos encontrados nos textos analisados do PB e, terceiroamente, comparamos as medidas encontradas nesses três textos do PB considerando a diferença de tipologia interacional entre o texto 1, dialógico, e o texto 2/3, tendencialmente monológico.

5.1 O Tópico em outras perspectivas teóricas

O conceito de Tópico é uma das noções lingüísticas com menor consenso na literatura (SIGNORINI 2003a). O termo foi primeiramente proposto por Hockett em 1963; entretanto, a reflexão da qual se origina tal conceito pode ser ligada à investigação lingüística do século XIX, com a identificação do *ponto de partida* por Weil (1844) e sucessivamente com a definição de *sujeito psicológico* (GABELENZ, 1869). A discussão em torno da definição de Tópico se manteve por todo o século XX, com uma certa confusão e sobreposição de tal conceito a outros conceitos lingüísticos, em particular aquele de *tema*.

A noção de *tema* é elaborada de modo sistemático no âmbito da “perspectiva funcional da frase”, apresentada por Mathesius (1929). Segundo o autor, o *tema* é “o elemento conhecido”, que pode ser mais ou menos evidente em uma dada situação, em

oposição ao conceito de *rema*, que representa o inverso. Tais definições são aprofundadas, sempre no âmbito da Escola de Praga. Danes (1964) propõe a idéia de uma pluralidade de níveis nos quais se constituem as relações gramaticais, analisa e descreve o conteúdo de um enunciado, individualizando três estruturas: o nível gramatical, o semântico e o funcional, ao qual se aplicaria a noção de tema.

Outra elaboração do conceito de *tema* é proposta por Bally (1944). O autor define tema como “a coisa da qual se fala”, recuperando o conceito de *sujeito psicológico* do século XIX. Segundo o autor, o enunciado é composto de dois termos, sendo que um é a coisa da qual se fala, o *tema ou sujeito*, e o outro é o que se fala em torno deste, o *propósito ou predicado*.

Essa terminologia é refutada por Halliday (1967), para quem o tópico é “o primeiro elemento que compõe a frase”. Ele propõe uma definição diferente da proposta por Bally (1944), baseada em um princípio de progressão que vai do “dado” ao “novo”, que é explicada em termos de articulação de expressão nova, sistematicamente sinalizada pela entonação. Do ponto de vista informacional, a parte remática representa o novo, enquanto a parte temática representa o dado. Um resultado de tal princípio informacional é a opcionalidade do tema, visto que, para Halliday, uma mensagem deve expressar necessariamente uma informação nova, enquanto a informação dada pode ser omitida.

No cenário brasileiro, Pontes (1987) conduziu análises do PB baseando-se em definições apresentadas posteriormente a Halliday (1967) e objetivou sustentar a hipótese de que o PB seria uma língua de tópico. A maioria dos exemplos coletados pela pesquisadora compõe-se de observações não gravadas e não contextualizadas; portanto, os exemplos são isolados e as características acústicas não são levadas em consideração. As análises conduzidas basearam-se em estudos prévios realizados por

Firbas (1970), Chafe (1975; 1976), Li e Thompson (1976), que também não se basearam em corpora gravados.

As definições de tópico apresentadas por Chafe (1975; 1976) e Li e Thompson (1976) são bastante próximas. Segundo Chafe (1975, p. 15), o “verdadeiro” tópico se caracteriza como um quadro de referência “dentro do qual a predicação se aplica” e “o que ele parece fazer é limitar a aplicabilidade da predicação principal a um certo domínio restrito”. Segundo Li e Thompson (1976), o tópico estabelece um quadro de referência para o que vai ser dito a seguir, e a relação entre o tópico e o comentário é semântica e não sintática. No Português coloquial informal, foram encontrados exemplos em que o SN ou o SP, sem a preposição, apresenta o tópico sobre o qual se faz a seguir um comentário (PONTES, 1987):

Exemplo 78: *Essa bolsa as coisas somem, aqui dentro.*

Exemplo 79: *Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira.*

Exemplo 80: *A última prisão dele, sabe o que ele fez?*

Exemplo 81: *A casa onde mora a Betânia tá todo mundo com sarna.*

Exemplo 82: *Aquele festival lá tem que levar dinheiro.*

De acordo com a autora, não é privilégio dos locativos e indicadores de tempo ocorrerem na posição de tópico, pois o tópico pode corresponder a diversas funções na sentença:

- Objeto Indireto

Exemplo 83: *Meu cabelo dessa vez eu não gostei nem um pouco.*

Exemplo 84: *A Joana não se deve confiar.*

- Objeto Direto

Exemplo 85: *Esse negó (cio) de tópico eu tô examinando desde o semestre passado.*

Exemplo 86: *A Belina o Hélio levou pra oficina.*

- Adjuntos Adnominais

Exemplo 87: *Esse negócio o prazo acaba*

Exemplo 88: *Isso eu tenho uma porção de exemplos.*

- Sujeito

Exemplo 89: *Os nossos alunos, cume [como é] que eles estão recebendo?*

Exemplo 90: *Essas regras, sejam de base, sejam da ES, elas são construídas...*

Li e Thompson (1976) apresentam uma diferenciação entre Tópico e Sujeito, baseada nas características apresentadas pelas línguas em que, na marcação morfossintática, o tópico é mais importante, em contraste com as línguas em que o sujeito é mais importante. Essa diferenciação está relacionada à definitude, às relações seletivas, à determinação, ao papel funcional, à concordância verbal, à posição inicial na sentença, aos processos gramaticais e ao controle da co-referência, aspectos que são detalhados a seguir:

1 – Definitude: O tópico é sempre definido, enquanto o sujeito pode ser indefinido. Na amostra de Pontes (1987), os tópicos além de serem definidos, apresentaram grande ocorrência de demonstrativos no SN tópico.

2 – Relações seletivas: Diferentemente do sujeito, o tópico não precisa ter relações seletivas com o verbo.

3 – Determinação: O sujeito é determinado pelo verbo mas o tópico não é.

4 – Papel funcional: O tópico, em contraste com o sujeito, possui papel funcional constante através das sentenças, tal como descrito por Chafe (1975) como quadro de referência, e segundo Li e Thompson (1976) como centro de atenção, anunciador do tema do discurso.

5 – Concordância verbal: A concordância de tópico com o verbo é rara.

6 – Posição inicial na sentença: Em todas as línguas de tópico, o tópico ocorre em posição inicial.

7 – Processos gramaticais: O tópico, como é independente da sentença, não governa os processos sintáticos como reflexivização, passivização, imperativização, dentre outros. Todos esses processos, internos à sentença, são dependentes do sujeito.

8 – Controle de co-referência: O tópico controla a co-referência.

Na perspectiva apresentada por Lambrecht (1994),

um referente é interpretado como o tópico de uma proposição se EM UM DADO DISCURSO a proposição é construída como se tratando SOBRE esse referente, por exemplo, como expressando informação que é RELEVANTE PARA e que aumenta o CONHECIMENTO DO interlocutor sobre esse referente³³ (LAMBRECHT, 1994, p. 127)

A relação entre o referente e a proposição é pragmática, visto que essa relação é construída dentro de contextos particulares de discurso, conforme demonstrado no exemplo a seguir:

Exemplo 91: *(O que as crianças fizeram depois?) As crianças foram para a escola*³⁴.

³³ *A referent is interpreted as the topic of a proposition if AN GIVEN DISCOURSE the proposition is construed as being ABOUT this referent. i.e. as expressing information which is RELEVANT TO and which increases the addressee's KNOWLEDGE OF this referent.* Nossa tradução.

³⁴ *(What did the children do next?) The children went to school.* Nossa tradução.

Lambrecht (1994) também postula uma correlação geral entre a ativação e identificação dos tópicos e a aceitabilidade pragmática das sentenças. As sentenças mais facilmente processadas, ou seja, mais interpretáveis pragmaticamente, são aquelas cujo tópico está em condições mais altas na escala de acessibilidade. Essa escala de acessibilidade do tópico é apresentada a seguir:

Tabela 2
Escala de acessibilidade do tópico

Ativo	Mais aceitável
Acessível	
Inativo	
Novo ancorado	
Novo não-ancorado	
	Menos aceitável.

Fonte: Lambrecht (1994)

Para Lambrecht (1994), como para vários outros autores, o tópico só pode ser um SN ou SP.

Em conclusão, a variedade de definições relacionadas ao conceito sobre Tópico podem ser individualizadas em alguns níveis principais de análise:

- Um nível de análise psicológica e informacional, a partir da segunda metade do século XIX, que se baseia na idéia de representação mental, em que o sujeito psicológico é visto como uma “primeira representação” à qual se segue uma outra em um segundo momento.
- Um nível de análise semântica, baseado na relação entre “dado” e “novo” e estabelecida em um dado contexto lingüístico.
- Um nível de análise estrutural, baseado na noção de “tema” e “rema” e estabelecida no interior da estrutura da frase.

5.2 O conceito de Tópico na Teoria da Língua em Ato

A definição de tópico apresentada na Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000) é sintaticamente mais abrangente e entonacionalmente mais restritiva. A abrangência sintática é demonstrada nos exemplos a seguir, nos quais o tópico não corresponde apenas a um SN ou SP, e sim a sentenças em que todos os argumentos estão na mesma unidade tonal:

Exemplo 92: *GBL: *se você for lá na Espanha lá*^{TOP} / *cê já sabe comunicar*^{COM} //
(GBL 05)

Exemplo 93: *GBL: *ai*^{AUX} / *ela deu uma folha*^{TOP} / *ai*^{AUX} / *me falaram que era trabalho*^{COM} // (GBL 13)

Exemplo 94: *GBL: / *igual*^{AUX} / *eu pego um texto*^{TOP} / *eu pego ele*^{TOP} / *e traduzo ele todo*^{COM} // (GBL 22)

Entonacionalmente, a restrição está relacionada ao fato do tópico possuir foco entonacional. Dessa maneira, no enunciado, *João me ligou ontem*^{COM} // ³⁵, não existe tópico na visão da Teoria da Língua em Ato, enquanto que para vários autores citados anteriormente, poderia existir em determinados contextos. O tópico existiria em uma execução do tipo *João*^{TOP} / *me ligou ontem*^{COM} // em que o tópico possui um foco entonacional e uma unidade tonal dedicada. A partir dessa diferenciação a Teoria assume que:

³⁵ Exemplos retirado de Raso, Mello, Alves de Deus, Ulisses (2007)

- Preferencialmente, o tópico é definido, mas existem casos de tópicos não-definidos (5% de tópicos não definidos foram encontrados no corpus LABLITA³⁶)
- Preferencialmente, o tópico é não-verbal, com a ocorrência de tópicos verbais. (24% de tópicos verbais foram encontrados no corpus LABLITA)
- Frequentemente é dado, mas tópicos novos também são frequentes.
- O tópico sempre possui um foco entonacional.
- O tópico não é uma unidade interpretável sintaticamente.
- O tópico tem sempre a função de especificar o domínio semântico ao qual o comentário se refere, ou seja, o âmbito de aplicação da força ilocucionária

Como afirmado anteriormente, a Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000) reconhece como entidade lingüística de referimento da fala o enunciado, entendendo, com isso, que o enunciado é “o correspectivo lingüístico de um ato de fala”. Essa teoria assume que, a partir da realização entonacional, é possível analisar de modo sistemático a fala segundo o critério ilocucionário. Internamente a esse quadro teórico, a informação não é explicada em termos da articulação entre o que é dado e o que é novo, mas entre a unidade de comentário, que cumpre a ilocução, e a unidade de tópico, que é definida como o campo de aplicação da força ilocucionária do comentário.

Os conceitos de dado e novo, segundo Cresti (2000), não fazem sentido com relação ao cumprimento da ilocução, pois o comentário é necessariamente novo, por ser consequência de uma pulsão imprevisível do falante. Do contrário, sob o ponto de vista referencial é possível identificar tópicos dados ou novos. Aliás, o tópico, enquanto instaura um âmbito de aplicação para a força ilocucionária, pode ser novo, mudando o

³⁶ Corpus de Italiano disponível em <http://lablita.dit.unifi.it/>.

âmbito anteriormente estabelecido. A exigência de instaurar o tópico é menor se ele já é dado.

Firenzuoli e Signorini (2003) conduziram um estudo mais aprofundado sobre a unidade de tópico no Italiano. Esse estudo foi realizado com base em uma amostra de italiano falado constituído de 42 textos, com duração aproximada de 6 horas de gravação, retirado do corpus LABLITA (LABORATORIO, 2007), e representativo da variação diafásica e, em parte, diastrática da fala italiana de Florença. O corpus em questão possuía 3291 turnos dialógicos e 8093 enunciados, dos quais 3595 eram complexos, ou seja, possuíam, além da unidade de comentário, outras unidades informacionais.

As autoras utilizaram os três critérios fundamentais para identificar a unidade de tópico: o critério funcional, o distribucional e o entonacional. Entonacionalmente, foram reconhecidas três formas entonacionais diferentes para a realização do tópico em Italiano. Para a descrição das formas entonacionais, as autoras utilizaram a teoria primeiramente apresentada por t'Hart, Collier e Cohen (1990).

Firenzuoli e Signorini (2003) não se limitam a considerar somente a característica de andamento do *pitch* e do movimento de Frequência Fundamental (doravante F0), considerando também outros parâmetros, tais como a característica de *timing* (que é o alinhamento do perfil com a estrutura silábica da locução), de frequência média no ataque, ou dos diferentes valores de duração na correspondência da porção particular da curva tonal. O somatório dessas características, que ocorrem de tempo em tempo com caráter preciso e constante, quer seja quando a unidade vem completar uma certa ilocução, quer seja quando interna a uma unidade de valor informacional diferente, como a unidade de tópico, permite distinguir o conceito de forma entonacional daquele

de perfil entonacional, que se refere exclusivamente ao andamento de Fo, entendido como sequência de movimentos tonais.

Dentro da perspectiva adotada, foram individualizadas três formas específicas com a mesma funcionalidade informacional, das quais o núcleo é um resultado necessário, pois ele possui a saliência perceptual e informacional. O conceito de relevância informacional é diferente daquele de relevância perceptual formulado por t'Hart, Collier e Cohen (1990). A relevância informacional, nesse caso, é aquela da qual são dotadas as porções tonais às quais o falante atribui não só relevância perceptual, mas também função informacional. Por outro lado, a expressão “relevância perceptual” refere-se àquela relevância de que são dotados todos os movimentos que resultam dos movimentos de *pitch*, que são reconhecíveis perceptualmente. O que não é funcional perceptualmente e informacionalmente compõe traços que são opcionais, que, caso precedam o núcleo, são denominados preparação, e caso o sigam, coda.

A partir da utilização do conceito de forma entonacional, Firenzuoli e Signorini (2004) confirmaram que o tópico corresponde ao perfil entonacional do tipo prefixo identificado em t'Hart, Collier e Cohen (1990). O tópico é uma unidade tonal opcional e prefixal e, em alguns casos, recursiva, sempre precedendo uma unidade do tipo raiz (essa última é necessária e não recursiva, independente e, na Teoria da Língua em Ato, coincidente com a unidade informacional de comentário).

Partindo do reconhecimento de tal contorno prosódico geral, as autoras individualizaram no italiano três tipologias das formas entonacionais do tópico, utilizando uma estratégia perceptual equivalente, mas individualizando um núcleo tonal diferenciado, que permite distinguir a unidade de tópico daquela dedicada ao cumprimento do valor ilocucionário. As três formas são apresentadas individualmente, e a parte circulada nas figuras corresponde à composição do núcleo, exceto a forma três,

cujo núcleo corresponde à unidade de tópico inteira. Os exemplos foram retirados e traduzidos do estudo de Firenzuoli e Signorini (2003)

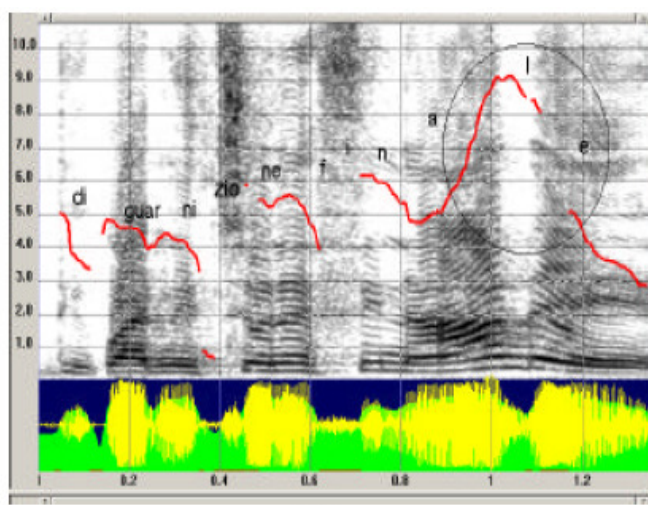


Figura 37 – Forma do tipo 1
Fonte: Firenzuoli e Signorini (2003)

Exemplo 95: *como guarnição final*^{TOP} / *poderiam estar também as maçãs*^{COM} //³⁷

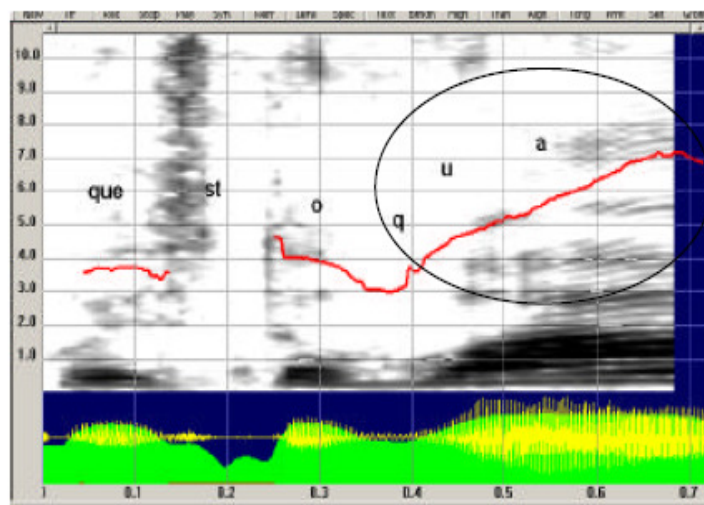


Figura 38 – Forma do tipo 2
Fonte: Firenzuoli e Signorini (2003)

Exemplo 96: *essa aqui*^{TOP} / *é o cabeçalho* [///] *a tela que você vê / no momento em que*
abre o programa^{COM} //³⁸

³⁷ *di guarnizione finale*^{TOP} / *ci potrebbero essere anche le mele*^{COM} //

³⁸ *questo qua*^{TOP} / *è la testata* [///] *la schermata che vedi / al momento in cui apri il programma*^{COM} //

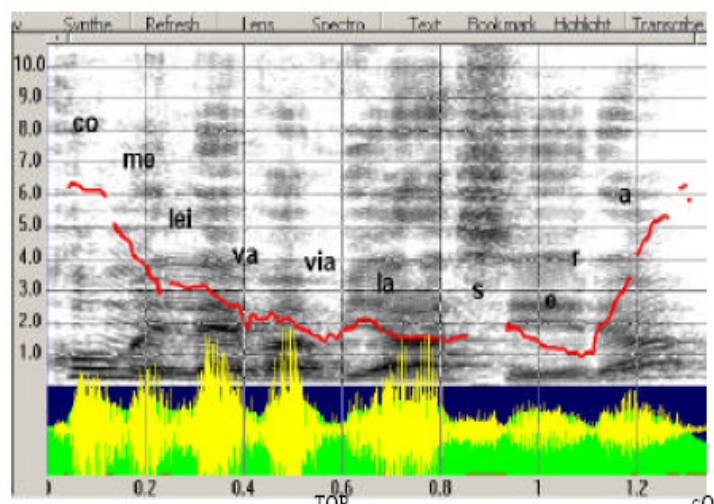


Figura 39 – Forma do tipo 3
 Fonte: Firenzuoli e Signorini (2003)

Exemplo 97: *como ela vai embora à noite*^{TOP} / *no elevador não tem mais luz*^{COM} //

Apresentamos a seguir um quadro com as características detalhadas de cada uma das formas individualizadas por Firenzuoli e Signorini (2003):

Quadro 6
 Características detalhadas das formas de tópico

Parâmetros	Forma do Tipo 1	Forma do Tipo 2	Forma do Tipo 3
Perfil Entonacional	Andamento ascendente-descendente	Andamento ascendente	Andamento descendente-nivelado-ascendente
Duração Silábica Média	0,222s com presença de alongamento que corresponde à última sílaba da unidade	0,201s com presença de alongamento que corresponde à última sílaba da unidade.	0,302s com presença de alongamento que corresponde à última sílaba da unidade.
Valor Médio da Frequência	-Máximo: 177 Hz (H) 308 Hz (M) - Mínimo: 107 Hz (H) 180 Hz (M) - Valor de Início (da unidade: 122 Hz (H) 201 Hz (M)	-Máximo: 255 Hz(H) 320 Hz (M) - Mínimo: 135 Hz(H) 176 Hz (M) - Valor de Início (da unidade: 139 Hz (H) 189 Hz (M)	-Máximo: 206 Hz(H) 318 Hz (M) - Mínimo: 84 Hz(H) 167 Hz (M) - Valor de Início (da unidade: 161 Hz (H) 209 Hz (M)

³⁹ *come lei va via la sera*^{TOP} / *nell'ascensore 'un c'è più luce*^{COM} //

Alinhamento	O movimento sempre corresponde à última sílaba tônica do núcleo. Se a última palavra da unidade é oxítônica, registra-se um alongamento de maior entidade, que constitui a realização do movimento.	O movimento sempre corresponde à última sílaba tônica ou pós-tônica.	O movimento sempre corresponde à última sílaba do núcleo, quer seja tônica ou pós-tônica.
--------------------	---	--	---

Fonte: Firenzuoli e Signorini (2003). A sigla (Hz) corresponde a Hertz, a sigla (s) a segundos, e as siglas (H) e (M) correspondem, respectivamente, a homem e mulher.

A figura a seguir apresenta a porcentagem correspondente à quantidade individualizada de cada uma das formas presentes no estudo conduzido por Firenzuoli e Signorini (2003)

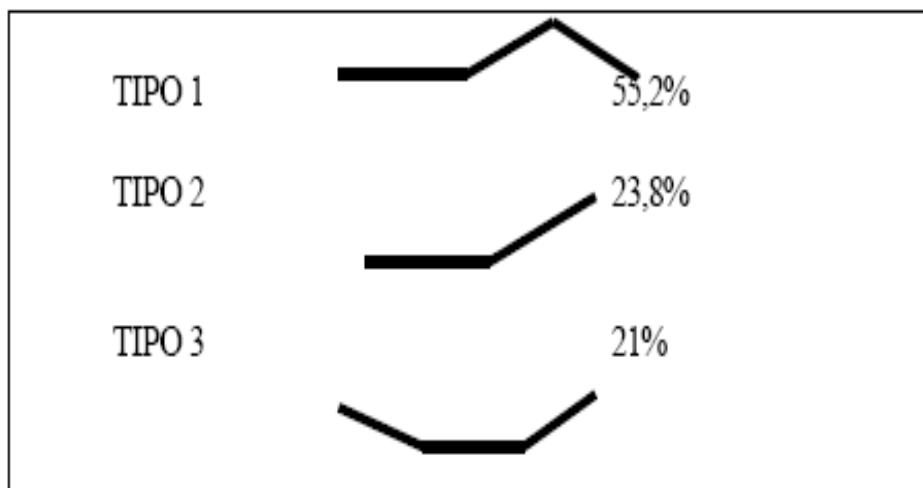


Figura 40 – Porcentagem de cada uma das formas.
Fonte: Firenzuoli e Signorini (2003)

Em estudo posterior, Signorini (2004a) discutiu alguns dos conceitos tradicionalmente relacionados ao Tópico tais como ponto de vista, sujeito e apêndice. Segundo a autora, o Tópico possui um ponto de vista cognitivo diferente do comentário, visto que ele não está relacionado ao cumprimento da ilocução. No caso da articulação *tópico/comentário* o enunciado é composto de dois pontos de vista diferentes: aquele do Tópico, de tipo cognitivo e realizado externamente à interação pragmática com o interlocutor, e aquele do Comentário, definido pela ilocução atitudinal e sempre de tipo

acional. A relação entre um Tópico e um Comentário é uma relação semântica em que a força ilocucionária do comentário permite a referência semântica ao Tópico, dada a distância de ponto de vista entre as duas unidades (cognitivo versus atitudinal).

Signorini (2004) afirma que a definição de Tópico como campo de aplicação da força ilocucionária do comentário, com um ponto de vista independente, permite considerar o problema da distinção entre o conceito de Tópico e de Sujeito sobre uma base de observação nova. Na realidade, um enunciado articulado em *Tópico/Comentário* instaura sua realização informacional entre duas expressões, uma que cumpre a ilocução, e uma que funciona como o campo de aplicação dessa ilocução, sem que a integração entre as duas locuções seja feita em um mesmo ponto de vista, e sem uma realização semântica de predicação.

Além disso, a relação que se instaura entre as duas locuções se limita a uma referência anafórica, devido à distância assegurada, própria do ponto de vista diferente das mesmas (cognitivo versus atitudinal). Ao analisar sintaticamente o tópico, a autora percebeu que 24% dos casos possuem, internamente, uma forma verbal. Isso impede que essa locução seja definida como sujeito, visto que o mesmo não pode corresponder a um SV.

Signorini (2004a) afirma que a unidade informacional de apêndice pode ser cancelada tranquilamente sem desorganizar a estrutura informacional do enunciado. Isso se deve ao fato da unidade constituir a integração textual das duas principais unidades de informação, que são o Comentário e o Tópico.

De acordo com a autora, o Tópico não pode ser cancelado sem haver prejuízo ou desorganização da estrutura informacional do enunciado, pois o Tópico deve sempre preceder o comentário, para sinalizar um primeiro foco informacional cognitivo da expressão da força ilocucionária real, veiculada pelo Comentário. Outras duas

diferenças entre essas duas unidades informacionais são que o Apêndice mantém o ponto de vista da unidade da qual faz integração e que o Tópico não pode seguir uma unidade de comentário sem perder sua função informacional.

A autora também apresenta o conceito de Tópicos Complexos e sua ocorrência no corpus LABLITA (SIGNORINI, 2004b). Segundo a autora, os Tópicos Complexos constituem uma referência cognitiva complexa, articulada de um ponto de vista semântico em vários argumentos, para uma única força ilocucionária do Comentário. Uma única unidade de Tópico, denominada Tópico Complexo (CRESTI, 1997) geralmente é formada de dois ou três tópicos. Um tópico complexo é o resultado da soma de dois ou três tópicos reais. Existe também a possibilidade que um tópico seja seguido de uma unidade de Apêndice, também caracterizando uma certa complexidade informacional. Ulisses (2008) discute essa possibilidade em seu estudo sobre a unidade de Apêndice no PB.

No estudo conduzido por Signorini (2004b), os tópicos complexos correspondem a 20,5% do total de 1327 enunciados com tópicos. O quadro a seguir apresenta frequência dos tópicos simples e complexos no corpus, e a composição dos tópicos complexos com suas respectivas frequências.

Quadro 7
Ocorrência de Tópicos no corpus Lablita

TÓPICOS COMPLEXOS: 272 (20,5% do Total de Tópicos)	
TOP / APT: 73	26,8%
TOP / APTⁿ⁴⁰: 17	6,2%
TOP1/TOP2: 102	37,5%
TOP1/APT/TOP2: 47	17,3%
TOP1/TOP2/APT: 16	5,9%
TOP1/APT/TOP2/APT: 9	3,3%
TOP1/TOP2/TOP3: 8	3%

Fonte: Signorini (2004b)

⁴⁰ N refere-se à função de integração textual da apêndice entre um SN e uma relativa, ou à função circunstancial entre um SP e uma oração.

Em relação aos Tópicos Simples, Signorini (2004a) conduziu um estudo para, sobretudo, analisar em profundidade suas características lingüísticas. Os dados que são apresentados no quadro a seguir, mostram que, se a maior parte dos Tópicos simples (76%) é constituída de expressões do tipo nominal (Sintagmas Nominais, Sintagmas Preposicionais, Adjetivos), um percentual importante dos Tópicos Simples (24%) tem uma forma do tipo verbal, de modo finito ou infinito. Os dados são muito significativos e trazem uma implicação teórica relevante para a distinção entre Tópico e Sujeito.

Quadro 8
Tópicos nominais e verbais

Tópicos Simples	1055	%
Tópicos Nominais	798	76%
Tópicos Verbais	257	24%

Fonte: Signorini (2004a)

Internamente aos Tópicos Nominais, a autora apresenta um quadro com a frequência e porcentagem da ocorrência de Tópicos simples que são constituídos lexicalmente de sintagmas nominais, preposicionais e adjetivais.

Quadro 9
Detalhamento dos Tópicos Nominais

Tópicos Nominais	798	
Sintagmas Nominais	574	71,9%
1- Nomes Comuns	315	39,5%
2- Nomes Próprios	76	9,5%
3- Pronomes	182	22,8%
4- Infinitos Substantivados	1	0,1%
Sintagmas Preposicionais	168	21%
5- Sintagmas Preposicionais	168	21%
Sintagmas Adverbiais	42	5,3%
6- Advérbios	42	5,3%
Sintagmas Adjetivais	14	1,8%
7- Adjetivos	14	1,8%

Fonte: Signorini (2004a)

Como pode ser notado, a maioria dos Tópicos Nominais é constituída por sintagmas nominais, correspondendo a 71,9%, seguida de sintagmas preposicionais,

com uma porcentagem de 26,3%, e por último, sintagmas adjetivais, representando 1,8% do total.

Posteriormente, a autora apresenta a análise individualizada (número de ocorrência e porcentagem) de cada uma das subcategorias lexicais, observadas no quadro anterior, que são detalhadas a seguir:

5.2.1 Os Tópicos Nominais constituídos lexicalmente por Nomes Comuns

Quadro10
Tópicos – Nomes comuns

Nomes Comuns	315	
Artigo	194	61,6%
Artigo + Possessivo	26	8,3%
Dêitico	21	7,6%
Quantificador	31	9,8%
Ø	40	12,7%

Fonte: Signorini (2004a)

5.2.1.1 Os Tópicos Nominais constituídos lexicalmente por Nomes Próprios

Quadro 11
Tópicos – Nomes próprios

Nomes Próprios	76	
Pessoa	58	76,3%
Lugar	12	15,7%
Organizações e Leis	6	8%

Fonte: Signorini (2004a)

5.2.1.2 Os Tópicos Nominais constituídos lexicalmente por Pronomes

Quadro 12
Tópicos – Pronomes

Pronomes	182	
Pessoais	117	64,3%
Dêiticos	56	30,8%
Relativos	6	3,3%
Indefinidos	3	1,6%

Fonte: Signorini (2004a)

5.2.1.3 Pronomes pessoais

Quadro 13
Tópicos – Pronomes pessoais

IO	48	41%
TU/EGLI	16	13,7%
LUI/LEI	26	22,2%
NOI	17	5%
VOI	3	2,6%
LORO	7	6%

Fonte: Signorini (2004a)

5.2. 2 Os Tópicos Nominais constituídos de Sintagmas Preposicionais

Quadro 14
Tópicos – Sintagmas preposicionais

DI	10	6 %
A	43	25,6%
DA	13	7,7%
IN	33	19,6%
COM	14	8,3%
SU	3	1,8%
PER	24	14,3%
TRA	1	0,6%
FRA	1	0,6%
Outras	26	15,5%

Fonte: Signorini (2004a)

5.2.3 Os Tópicos Nominais constituídos por Advérbios

Quadro 15
Tópicos – Advérbios

Advérbios	42	
Tempo	36	85,7%
Lugar	5	11,9%
Modo	1	2,4%

Fonte: Signorini (2004a)

5.2.4 Os Tópicos Nominais constituídos por Sintagmas Adjetivais

Quadro 16
Tópicos – Sintagmas Adjetivais

Sintagmas Adjetivais	14	1,8%
1- Adjetivos	14	1,8%

Fonte: Signorini (2004a)

5.3 Os Tópicos Verbais

Quadro 17
Tópicos Verbais

Tópicos Verbais	257	
1- Forma Finita	193	75,1
2- Forma Não-Finita	64	24,9

Fonte: Signorini (2004a)

5.3.1 Os Tópicos Verbais Finitos

5.3.1.1 As formas finitas

Quadro 18
Tópicos – Verbais Finitos

Formas Finitas	193	
Hipotéticas	106	54,9%
Temporais	47	24,4%
Causais	9	4,7%
Ø	31	16%

Fonte: Signorini (2004a)

5.3.1.2 Características do Verbo (MODO)

Quadro 19
Característica do verbo - Modo

Formas Finitas	Indicativo	<i>Subjuntivo</i>	<i>Condicional</i>
Hipotéticas	99	7	0
Temporais	47	0	0
Causais	9	0	0
Ø	26	1	4
Total	181	8	4
%	93,7%	4,2%	2,1%

Fonte: Signorini (2004a)

5.3.1.3 Características do Verbo (TEMPO)

Quadro 20
Característica do verbo – Tempo

Formas Finitas	Pres.	Imperf.	Passado Próximo	Passado Remoto	Fut.	Trap. Próximo	Trap. Rem.	P. mais que perfeito
Hipotéticas	84	11	8	0	0	0	1	2
Temporais	23	9	14	1	0	0	0	0
Causais	5	2	1	0	1	0	0	0
Ø	20	1	5	4	0	1	0	0
Total	132	23	28	5	1	1	1	2
%	68,5	11,9	14,5	2,6	0,5	0,5	0,5	1,0

Fonte: Signorini (2004a)

5.3.1.4 Características do Verbo (PESSOA)

Quadro 21
Característica do verbo – Pessoa

Formas Finitas	1º Sing.	2º Sing.	3º Sing.	1º Plural	2º Plural	3º Plural
Hipotéticas	16	8	48	10	9	15
Temporais	8	6	18	8	2	5
causais	2	1	4	2	0	0
Ø	8	4	15	2	0	2
Total	34	19	85	22	11	22
%	17,6%	9,9%	44%	11,4%	5,7%	11,4%

Fonte: Signorini (2004a)

5.3.2 Os Tópicos Verbais Não-Finitos (TEMPO E MODO)

Quadro 22
Tópicos – Verbais não-finitos (tempo e modo)

GERÚNDIO	Presente	17	26,7%
	Passado	2	3%
PARTICÍPIO	Presente	0	0%
	Passado	10	15,6%
INFINITO Simples	Presente	8	12,5%
	Passado	0	0%
INFINITO regido pela proposição	Presente	26	40,6%
	Passado	1	1,6%
Total		64	100%

Fonte: Signorini (2004a)

5.4 Os tópicos: números e correlatos

5.4.1 Identificação da unidade de Tópico na amostra

CRESTI (1997) propõe a distinção entre tópicos simples e tópicos complexos. Segundo a autora, o tópico simples é constituído de uma única unidade informacional, sobre qual se funda o texto de um enunciado complexo. Por outro lado, o tópico complexo geralmente é constituído de mais de um tópico, ou de um tópico seguido por uma unidade que realiza a integração textual, o apêndice de tópico. Nesta subseção, apresentamos os tópicos encontrados nos textos 1 e 2/3, com seu respectivo correlato morfossintático e sua tipologia, simples ou complexa.

TÓPICOS CERTOS TEXTO 1 (GBL)

ARQUIVO DE SOM	TÓPICOS CERTOS	CORRELATO MORFO- SINTÁTICO	TIPOLOGIA
(GBL 01)	1.*VTR: cê tá ^{TOP} / no Gabriela ^{APT} / desde quando ^{COM} //	1. Principal	Tópico Complexo TOP/APT
(GBL 02)	2. *GBL: eu ^{AUX} / no início do ano até o [/] acho que &ju [/] até mais ou menos outubro ^{TOP} / eu tava lá no [/] no Angélica ^{^COM} / lá em Nações Unidas ^{COM} //	2. Oração Principal	Tópico Simples
(GBL 02)	3.4. 5. *GBL: ai ^{TOP} / em &outu [/] em setembro ^{TOP} / eu ^{TOP} / &f [/]	3. ADV 4. SP	Tópico Complexo TOP1/TOP2/TOP3

	fui lá pra [/] pra [/] *VTR: pro Fátima ^{COM} //	5. SN (pronome) – Sujeito	
(GBL 03)	6. *VTR: cê estuda inglês ^{TOP} / há quanto tempo ^{COM} //	6. Sentença	Tópico Simples
(GBL 04)	7.*VTR: eu tava em sala ^{TOP} / cê comentou comigo a diferença de inglês pra espanhol ^{COM} //	7. Sentença	Tópico Simples
(GBL 05)	8. 9. *GBL: eh ^{FAT} / por causa que / ah ^{FAT} / espanhol ^{TOP} / se você já [/] se você for lá na Espanha lá ^{TOP} / cê já sabe comunicar ^{COM} //	8. SN (nome) sem ligação sintática 9. Oração Subordinada	Tópico Complexo TOP1/TOP2
(GBL 06)	10. *VTR: então ^{TOP} / tá ^{COM} //	10. ADV	Tópico Simples
(GBL 09)	11. *GBL: não eu falo faço tudo certinho lá <na sala> / *VTR: <hum hum> ^{COM} // *GBL: / de aula ^{TOP} / chega na prova ^{COMrelnec} // é pau ^{COM} //	11. Sentença	Tópico Simples
(GBL 10)	12. GBL: igual ^{AUX} / eu ^{TOP} / na última prova me deu um pouco de raiva hhh ^{COM} //	12. SN (pronome) – Sem ligação sintática	Tópico Simples
(GBL 10)	13. *GBL: por causa que ^{AUX} / deu uns problemas lá ^{TOP} / aí ^{AUX} / não deu pra ela ir na nossa sala lá ensinar ^ ^{COM} / *VTR: hum hum //	13. Sentença	Tópico Simples

	*GBL: /o &nego [/] o negócio ^{COM} //		
(GBL 11)	14. *GBL: aí ^{AUX} / ela deu uma folha ^{TOP} / aí ^{AUX} / me falaram que era trabalho ^{COM} //	14. Sentença	Tópico Simples
(GBL 11)	15. *GBL: aí ^{AUX} / foi [/] na minha cabeça ^{TOP} / fui colocando because ^{COM} //	15. SP	Tópico Simples
(GBL 14)	16. *GBL: e ^{AUX} / agora na sétima série ^{TOP} / a gente ouve ^{COMel} / e ^{AUX} / a gente completa ^{COMel} / e tenta entender a música ^{COMel} / que ela fala ^{APC} //	16. ADV + SP	Tópico Simples
(GBL 15)	17. 18. *GBL: a matéria é difícil ^{TOP} / *VTR: hum hum ^{COM} // *GBL: / mas só que ^{AUX} / do jeito que ela explica ^{TOP} / fica acabando que a gente fica mais [/] prestando mais atenção ^{COMRelnec} / acaba ficando fácil ^{COM} / <pra gente> ^{APC} //	17. Sentença 18. SP + relativa	Tópico Complexo TOP1/TOP2
(GBL 15)	19. *VTR: a Andréa ^{TOP} / &nn [/] ela [/] não sei se na quinta série ela já fazia isso ^{COM} //	19. SN (nome) – Sem ligação sintática	Tópico Simples
(GBL 15)	20. *VTR: mas ^{AUX} / na sétima ^{TOP} / por exemplo ^{INX} / que é a turma de	20. SP	Tópico Simples

	vocês que eu tô acompanhando ^{INX} / ela usa muito inglês ^{COM} //		
(GBL 21)	21. *GBL: se eu não entendesse da professora^{TOP} / eu ia no meu irmão COMrelnec // perguntava ^{COM} //	21. Oração Subordinada	Tópico Simples
(GBL 21)	22. *GBL: se eu não entendesse do meu irmão^{TOP} / voltava na professora ^{COM} //	22. Oração Subordinada	Tópico Simples
(GBL 22)	23. 24. 25. *GBL: ah ^{AUX} / é porque a gente vai traduzindo as palavras^{TOP} / *VTR: hum // *GBL: / igual ^{AUX} / eu pego um texto^{TOP} / eu pego ele^{TOP} / e traduzo ele todo ^{COM} //	23. Sentença 24. Sentença 25. Sentença	Tópico Complexo TOP1/TOP2/TOP3
(GBL 23)	26. *GBL: aí^{TOP} / depois eu &f [/] tento ler elas ^{COM} //	26. ADV	Tópico Simples
(GBL 26)	27. *GBL: oh ^{AUX} / a escrita^{TOP} / foi com as cartas ^{COM} / né ^{FAT} //	27. SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
(GBL 26)	28. *GBL: e ^{AUX} / a auditiva^{TOP} / foi vendo a &profes [/] &he / &l [/] fazendo [/] &he / traduzindo os textos ^{COMel} / olhando as palavras COMel //	28. SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
(GBL 26)	29. * GBL: aí^{TOP} / com a ajuda da	29. ADV	Tópico Simples

	professora falando o meu inglês ^{COMel} / né ^{AUX} //		
(GBL 27)	30. 31. *VTR: eu percebo ^{TOP} / que APT / &he / a sua relação ^{TOP} / com a Andréa ^{APT} / é muito [/] é muito positiva ^{COM} //	30. Oração Principal 31. SN (nome) – Sujeito	Tópico Complexo TOP1/APT/TOP2 /APT
(GBL 28)	32. GBL: se você tem uma boa amizade com a professora ^{TOP} / assim ^{INX} / você não vai precisar / assim ^{INX} / ter ^{COM} +	32. Oração Subordinada	Tópico Simples
(GBL 29)	33. *GBL: aí ^{AUX} / acho que tendo uma boa [/] uma boa amizade / assim ^{INX} / com o professor ^{TOP} / além que +	33. Sentença	Tópico Simples
(GBL 29)	34. *GBL: <eu> ^{TOP} / *VTR: <hum hum> ^{COM} // *GBL: / também ^{INX} / posso passar o que eu tenho de bom pra ela ^{COMrelnec} //	34. SN (pronome) – Sujeito	Tópico Simples
(GBL 29)	35. *GBL: assim ^{TOP} / faz a troca COM / né ^{AUX} //	35. ADV	Tópico Simples
(GBL 29)	36. 37. *VTR: então ^{TOP} / cê acha que / por exemplo ^{INX} / &he / de um modo geral ^{TOP} / isso influencia ^COM / no seu aprendizado ^{COM} //	36. ADV 37. SP	Tópico Complexo TOP1/TOP2

(GBL 29)	38. *VTR: <a Andréa> ^{TOP} / ela [/] ela monitora muito ^{COM} / a atividade que cês fazem ^{APC} //	38. SN (nome) – Sem ligação sintática	Tópico Simples
(GBL 32)	39. *GBL: hhh sem ela perceber ^{TOP} / ela fica me falando as coisas ^{COM} //	39. Oração subordinada	Tópico Simples
(GBL 32)	40. *VTR e [/] e a Andréa ^{TOP} / cê ^{AUX} / *GBL: <é> // *VTR: / <do mesmo jeito> ^{COM} //	40. SN (nome) – Sem ligação sintática	Tópico Simples
(GBL 33)	41. 42. *GBL: igual ^{AUX} / eu tô lembrando agora ^{INX} / eu acho que foi na sexta série ^{TOP} / eu fiz um texto ^{TOP} / aí ^{AUX} / eu lembro que eu precisei de / cortar palavra / sabe ^{AUX} / que não coube na linha ^{COM} //	41. Sentença 42. Sentença	Tópico Complexo TOP1/TOP2
(GBL 34)	43. 44. *VTR: ela deixa ^{TOP} / ela percebe ^{APT} / dentro de sala de aula ^{APT} / ela permite ^{TOP} / que vocês ^{APT} / &he / trabalhem muito em pares ^{COM} / *GBL: hum hum // *VTR: / né ^{AUX41} // em pares ^{COMel} / em grupos ^{COMel} //	43. Oração Principal 44. Oração Principal	Tópico Complexo TOP1/APT1/APT2 /TOP2/APT

⁴¹ Esse *né* parece fortemente ligado ao que vem depois

(GBL 36)	45.*VTR: então ^{AUX} / vamos supor ^{TOP} / nessas dias ^{^COM} / que cê tá bem ^{COM} //	45. Oração Principal	Tópico Simples
(GBL 36)	46. *VTR: cê quer ^{TOP} / trabalhar com alguém ^{COM} //	46. Oração Principal	Tópico Simples
(GBL 37)	47. GBL: faço algum trabalho com uma pessoa ^{TOP} / quando eu sei que ela vai fazer ^{COM} //	47. Sentença	Tópico Simples

TÓPICOS DUVIDOSOS (TEXTO 1)

(GBL 13)	1. *GBL: algumas músicas ^{^COM/ TOP} / é fácil ^{COM} / <né> ^{FAT} //
(GBL 30)	2. *GBL:<ah / eu ^{TOP} / han han> ^{COM} //
(GBL 37)	3. GBL: eu ^{TOP} / faço algum trabalho com uma pessoa ^{TOP} / quando eu sei que ela vai fazer ^{COM} //

TÓPICOS CERTOS (FBA- TEXTO 2/3)

ARQUIVO DE SOM	TÓPICOS CERTOS	CORRELATO MORFO- SINTÁTICO	TIPOLOGIA
(FBAII – 1A)	1. 2. *FBA: &he / eu senti ^{TOP} / &he / em muitos alunos ^{TOP} / né ^{FAT} +	1. Oração Principal 2. SP	Tópico Complexo TOP1/TOP2
(FBAII – 1A)	3. 4. *FBA: eu notei / em vários alunos ^{TOP} / assim ^{INX} / reações ^{TOP} /	3. Sentença 4. SN - Objeto	Tópico Complexo TOP1/TOP2

	que eu não tinha visto antes ^{COM} //		
(FBAII – 2A)	5. *FBA: como se ^{AUX} / aquilo ali ^{TOP} / não fizesse parte da vida dele em momento algum ^{COM} //	5. SN (pronome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBAII – 2A)	6. *FBA: você tá [/] ele tá dentro da sala ^{TOP} / mas somente o corpo ^{COM} hhh // né //	6. Sentença	Tópico Simples
(FBAI I– 2B)	7. eh ^{FAT} / tem alunos ^{TOP} / que não conseguem ficar o tempo todo concentrado ^{^COM} / só numa coisa ^{COM} //	7. Oração Principal	Tópico Simples
(FBA II– 2B)	8. *FBA: mas mesmo assim ^{TOP} / existem aqueles momentos que cê consegue ^{COM} / voltar atenção daqueles alunos ^{APC} //	8. ADV	Tópico Simples
(FBA II– 2B)	9. *FBA: algumas aulas hhh ^{TOP} / são piores do que as outras hhh ^{COM} //	9. SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBA II– 2B)	10. algumas aulas ^{TOP} / cê num consegue nada ^{^COM} / mesmo ^{COM} / né ^{AUX} //	10. SN (nome) – Sem ligação Sintática	Tópico Simples
(FBA II– 2C)	11. *FBA: tem aqueles dias ^{TOP} / que cê [/] cê sente ^{COM} //	11. Oração Principal	Tópico Simples
(FBA II– 2C)	12. *FBA: você dando aula ^{TOP} / cê não consegue observar ^{COM} //	12. Oração Subordinada	Tópico Simples
(FBA II- 3A)	13. *ADA: mas ^{INP} / assim ^{INX} / eu tô	13. Sentença	Tópico Complexo

	achando interessante ^{TOP} / você falar ^{APT} / né ^{FAT} / que às vezes não dá certo ^{COM} //		TOP/APT
(FBA II– 3A)	14. *ADA: mas ^{INP} / uma das aulas que a gente conversou ^{TOP} / naquelas sessões nossas ^{APT} / né ^{FAT} / de reflexão sobre as aulas ^{APT} / é que você achou que nada deu certo ^{COM} //	14. SN - sem ligação	Tópico Complexo TOP/APT1/APT2
(FBA II– 3B)	15. *FBA: <é ^{AUX} / e depois eu ^{TOP} / voltei ^{COM} / né > ^{FAT} //	15. ADV + SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBA II– 3B)	16. *FBA: determinados momentos ^{TOP} / você tá estressado ^{COMRelnec} / você não lembra de nada ^{COM} //	16. SN (nome) – Sem ligação sintática	Tópico Simples
(FBAII– 3C)	17. 18. aí ^{FAT} / um belo dia ^{TOP} / você ^{APT} / tá pensando em outra coisa ^{TOP} / e [/] e vem aquela visão ^{COM} / né ^{AUX} [/] &n //	17. SN (nome) – Sem ligação Sintática 18. Oração Principal	Tópico Complexo TOP1/APT/TOP2
(FBAII – 3C)	19. *FBA: ah ^{AUX} , / aquela pessoa ^{TOP} , / aquele dia ^{APT} , / me perguntou isso ^{COM} , / né ^{FAT} //	19. SN (nome) – Sujeito	Tópico Complexo TOP/APT
(FBAII – 3C)	20. aquela pessoa ^{TOP} / participou ^{^COM} / em determinado dia ^{COM} //	20. SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBAII – 3D)	21. eh ^{AUX} / ai ^{TOP} / depois eu fui me acostumando ^{COM} //	21. ADV	Tópico Simples

(FBAII – 3D)	22. *FBA: uns ^{TOP} / reagiram pouco ^{COM} / outros reagiram mais do que os outros ^{COMcomp} //	22. SN (pronome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBAI I– 3D)	23. mas ^{FAT} / pelo menos ^{TOP} / alguns / tiveram / reação ^{COM} / né ^{AUX} //	23. ADV	Tópico Simples
(FBAII – 4B)	24. 25. *ADA: e hoje ^{TOP} / vendo as suas aulas ^{APT} / tendo essas conversas com você ^{APT} / &he / eu vejo que a turma ^{TOP} / ela ^{APT} / tá muito engajada ^{COM} //	24. ADV 25. Oração Principal	Tópico Complexo TOP1/APT1/ APT2/TOP2/APT
(FBA II–5A)	26. *FBA: eh / antes ^{TOP} / <por exemplo ^{INX} > +	26. ADV	Tópico Simples
(FBA II– 5A)	27. 28. *FBA: antes ^{TOP} / o primeiro impacto ^{TOP} / já causou um certo susto ^{COM} / né ^{FAT} //	27. ADV 28. SN (nome) – Sujeito	Tópico Complexo TOP1/TOP2
(FBAII– 5A)	29. *FBA: porque ^{INP} / &he / por exemplo ^{INX} / o primeiro &impa [/] o &primei [/] no primeiro bimestre ^{TOP} / parece que eu já comecei a rotular hhh / <aquela turma> / como turma fraca ^{COM} / né ^{COM} //	29. SP	Tópico Simples
(FBAI I– 5B)	30. 31. *FBA: o fato de me preocupar / muito ^{TOP} / com as respostas ^{APT} / longe / daquilo que eu esperava ^{TOP} / eu +	30. SN (nome) – sem ligação sintática 31. ADV + SP +	Tópico Complexo TOP1/APT/TOP2

		relativa	
(FBA II– 5C)	32. *FBA: mas ^{INP} / &he / e tinha alguns alunos ^{TOP} / que era aquilo que eu te falei ^{COM} //	32. Sentença	Tópico Simples
(FBA II– 5C)	33.*FBA: então ^{AUX} / eu já me preocupava / só com aqueles ^{TOP} / que participavam ^{APT} / e deixava os outros ^{COM} //	33. Oração Principal	Tópico Complexo TOP/APT1/APT2
(FBA II– 5D)	34.*FBA: e ^{FAT} / essa ^{TOP} +	34. SN (pronome) – Sem ligação sintática	Tópico Simples
(FBA II– 5D)	35. 36. 37. *FBA: &he / a [/] a turma ^{TOP} / no caso ^{APT} / eu me preocupava muito ^{TOP} / porque ^{APT} / na participação ^{TOP} / por exemplo ^{INX} / eu inferia ^{^COM} / lá ^{COM} //	35. SN (nome) – Sem ligação sintática 36. Sentença 37. SP	Tópico Complexo TOP1/APT/TOP2 /APT/TOP3
(FBA II– 5E)	38. *FBA: e / quando as [/] as respostas ^{TOP} / não eram de acordo ^{APT} / com aquilo que eu esperava hhh ^{APT} / eu me frustrava ^{COM} //	38. SN (nome) – Sujeito	Tópico Complexo TOP/APT1/APT2
(FBA II– 5E)	39. *FBA: e achava ^{TOP} / que ^{APT} / os meios que eu estava utilizando não tavam valendo / de nada ^{COM} //	39. Oração Principal	Tópico Complexo TOP/APT
(FBA II– 5E)	40. *FBA: então eu ^{TOP} / acho que falei assim ^{INTL} / aquela turma ali eu	40. ADV + SN (pronome) – Sujeito	Tópico Simples

	não tenho '[/] não tô tendo muito trabalhar com ela ^{COM} ,//		
(FBA II– 5F)	41. *FBA: ai ^{TOP} / comecei a observar os resultados das provas ^{COM} //	41. ADV	Tópico Simples
(FBA II– 6A)	42. *FBA: e ^{AUX} / assim ^{INX} / não sei ^{AUX} / o [/] parece que ^{INX} / os momentos de &lucide [/] luz hhh ^{TOP} / dentro da sala hhh ^{APT} / eram praticamente esquecidos ^{COM} / né ^{FAT} //	42. SN (nome) – Sujeito	Tópico Complexo TOP/APT
(FBA II– 6A)	43. *FBA: <hoje ^{TOP} / parece que modificou meu olhar ^{COM} / também ^{APC} / né ^{COM} //	43. ADV	Tópico Simples
(FBA II– 6B)	44. *FBA: / e ^{AUX} / lógico ^{INX} / o projeto ^{TOP} / ajudou bastante ^{COM} / né ^{FAT} //	44. SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBA II– 6B)	45. *FBA: a gente ^{TOP} / tá sempre montando [/] planejando a aula ^{^COM} / dessa turma ^{COMel} / revendo questões ^{COMel} / e tá dando certo ^{COMel} / né ^{COM} //	45. SN (pronome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBA II– 6B)	46. *FBA: o que não dá ^{TOP} / a gente tá sempre &mudan [/] continua mudando ^{COM} / né ^{AUX} //	46. SN + Rel. – Objeto	Tópico Simples
(FBA II– 7A)	47. *ADA: <você acha> / que essas	47. Oração	Tópico Simples

	nossas conversas ^{TOP} / e esse momento que a gente tem de [/] de refletir ^{^COM} / sobre aquilo ^{^COM} / FBA: <sim> ^{COM} // *ADA: / <que aconteceu> na última aula ^{COM} //	Principal	
(FBA II– 7B)	48. *FBA: &he / por causa ^{TOP} / deles ^{COM} / mesmo ^{APC} //	48. SP	Tópico Simples
(FBA II– 7B)	49. *FBA: cê dá um determinado tempo ^{TOP} / eles ainda ^{^COM} / não são muito disciplinados ^{COM} //	49. Sentença	Tópico Simples
(FBA II– 7B)	50. 51. 52. *FBA: uns ^{TOP} / porque realmente não conseguem ^{COM} / os outros ^{TOP} / porque ^{APT} / de um jeito ou de outro ^{TOP} / tentam ^{COMcomp} / né ^{AUX} //	50. SN (pronome) – Sem ligação sintática 51. SN (nome) – Sem ligação sintática 52. SP	Tópico Complexo TOP1/TOP2/APT /TOP3
(FBA II– 7B)	53. *FBA: tentam ^{TOP} / fazer com que eu dê menos atividades ^{COM} //	53. Oração Principal	Tópico Simples
(FBA II– 7C)	54. *FBA: e parece ^{INP} [/] sei lá ^{INX} / parece que os alunos ^{TOP} / não são +	54. Oração Principal	Tópico Simples
(FBA II– 7C)	55. *FBA: mas parece que aluno ^{TOP} / de escola pública ^{APT} / &mu [/] não [/] não são acostumados ^{^COM} / a fazer	55. Oração Principal	Tópico Complexo TOP/APT

	mais de uma atividade ^{^COM} / dentro da sala ^{^COM} / durante uma aula ^{^COM} //		
(FBA II– 8A)	56. *FBA: porque quando ^{TOP} / nós modificamos ^{APT} +	56. Conjunção + ADV	Tópico Complexo TOP/APT
(FBA II– 8A)	57. *FBA: &he / eu notei ^{TOP} / que ^{APT} / teve um pouco de resistência ^{^COM} / por parte de alguns ^{COM} //	57. Oração Principal	Tópico Complexo TOP/APT
(FBA II– 8B)	58. *ADA: não ^{AUX} / porque essa avaliação ^{TOP} / a gente tem de fazer mesmo ^{COM} //	58. Conjunção + SN (nome) – objeto	Tópico Simples
(FBA II– 8B)	59. 60. *FBA: às vezes ^{TOP} / o que fica difícil ^{TOP} / ainda pra mim ^{APT} / é um pouco administrar ^{COM} / isso ^{APC} //	59. ADV 60. SN (pron. + rel.) – Sujeito	Tópico Complexo TOP1/TOP2/APT
(FBA II– 8B)	61. *FBA: mas num curso livre ^{TOP} / parece que o pessoal já tá preparado ^{COM} / pra isso ^{APC} / né ^{FAT} //	61. SP	Tópico Simples
(FBA II– 8C)	62. *FBA: na escola pública ^{TOP} / tem todo um [/] um &pro [/] uma visão ^{^COM} / diferente ^{COM} / né ^{FAT} //	62. SP	Tópico Simples
(FBA II– 8C)	63. *FBA: pra eles ^{TOP} / um professor é sempre igual ao outro hhh ^{COM} / né ^{FAT} //	63. SP	Tópico Simples
(FBA II– 8C)	64. *FBA: então ^{TOP} / existe sempre	64. ADV	Tópico Simples

	uma comparação ^{COM} //		
(FBA II– 8C)	65. *FBA: mas depois ^{TOP} / também APT / &he / foi normal ^{COM} //	65. ADV	Tópico Complexo TOP/APT
(FBAIII-1A)	66. *FBA: Olha ^{INP} / a mudança ^{TOP} / foi [/] foi positiva ^{COM} / sim ^{APC} / né FAT //	66. SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBAIII-1B)	67. *FBA: porque eu [/] eu [/] eu tive TOP / que me virar sozinha ^{COM} //	67. Oração Principal	Tópico Simples
(FBAIII-2A)	68. 69. *FBA: tudo que é de bom ^{TOP} / pra gente ^{APT} / que a gente tá se sentindo / que realmente tá fazendo TOP / né ^{AUX} / e [/] e que tá tendo retorno ^{APT} / a gente continua hhh ^{COM} //	68. SN (Pron. + Rel.) - Objeto 69. Oração Subordinada	Tópico Complexo TOP1/APT/TOP2 /APT
(FBAIII-2B)	70. *FBA: &hum / então ^{TOP} / &he / assim ^{INX} / eu tô me sentindo mais calma ^{COM} //	70. ADV	Tópico Simples
(FBAIII-2B)	71. 72. *FBA: *FBA: e ^{FAT} / assim INX / pra mim ^{TOP} / a tranquilidade TOP / prum trabalho ^{APT} / é hhh / essencial ^{COM} / Andréa ^{ALC} //	71. SP 72. SN (nome) – Sujeito	Tópico Complexo TOP1/TOP2/APT
(FBAIII-3A)	73. *ADA: porque ^{AUX} / você chegou numa escola nova ^{TOP} / outra realidade ^{COMel} / outros alunos ^{COMel} / outras necessidades ^{COMel} //	73. Sentença	Tópico Simples

(FBAIII-3A)	74. *FBA: <tanto> que os professores lá até reclamaram INTL/COM / esses ^{TOP} / alunos ^{APT} / são muito mais defasados ^{COM} / que os alunos do Gabriela ^{COMcomp} //	74. SN (pronome) – Sujeito	Tópico Complexo TOP/APT
(FBAIII-3B)	75.*FBA: <mas> ^{AUX} / &he / os professores ^{TOP} / que trabalharam no Gabriela ^{APT} / *ADA: Hum hum ^{COM} // *FBA: / sentem isso ^{COM} //	75. SN (nome) – Sujeito	Tópico Complexo TOP/APT
(FBAIII-3B)	76. *FBA: eu já peguei ^{TOP} / &he +	76. Oração Principal	Tópico Simples
(FBAIII-3C)	77. *FBA: há turmas ^{TOP} / inclusive eu tava conversando até com uma diretora de lá ^{INX} +	77. Oração Principal	Tópico Simples
(FBAIII-3C)	78. 79. *FBA: eu mantenho a minha visão ^{TOP} / &por [/] de que ^{APT} / há realidades ^{TOP} / que ^{APT} / tomam contam da vida das pessoas ^{COM} //	78. Sentença 79. Oração Principal	Tópico Complexo TOP1/APT/TOP2 /APT
(FBA II-3C)	80. *FBA: entra ^{TOP} / por exemplo ^{INX} / criminalidade ^{COMel} / sexualidade ^{COMel} // tudo precoce ^{COM} / na vida deles ^{APC} //	80. Oração Principal	Tópico Simples
(FBAIII-3C)	81. *FBA: e ^{FAT} / acabam ^{TOP} / que eles ^{APT} / acabam &ach [/] &el [/]	81. Oração Principal	Tópico Complexo TOP/APT

	tornando ^{COM} / né ^{FAT} / o já +		
(FBAIII-3C)	82.*FBA: a forma deles / é tornar aquilo que é ruim ^{TOP} / em diversão ^{COM} / pra eles ^{APC} //	82. Oração Principal	Tópico simples (02 unidades)
(FBAIII-3D)	83. 84. 85. *FBA: então ^{AUX} / entrar com algo ^{TOP} / pra eles ^{APT} / com língua estrangeira ^{TOP} / *ADA: hum hum ^{COM} // *FBA: / que eles têm que ter motivação ^{TOP} / pra aprender ^{APT} / &he / eles não aprendem matérias nenhuma ^{COM} / né ^{FAT} //	83. Oração Subordinada 84. SP 85. Oração Subordinada	Tópico Complexo TOP1/APT/TOP2 /TOP3/APT
(FBAIII-3D)	86. *FBA: então ^{AUX} / assim ^{INX} / inglês ^{TOP} / pra eles ^{APT} / é coisa do outro mundo ^{COM} //	86. SN (nome) – Sujeito	Tópico Complexo TOP/APT
(FBAIII- 3E)	87. 88. *FBA: uma coisa ou outra ^{TOP} / o que é mais próxima ^{TOP} / eles aprendem ^{COM} //	87. SN - Objeto 88. SN (pronome + relativa) - objeto	Tópico Complexo TOP1/TOP2
(FBAIII- 3E)	89. 90. 91.*FBA: só que entrar ^{TOP} / com essa abordagem comunicativa ^{APT} / com negociação de sentido ^{APT} / algumas coisas que são essenciais ^{TOP} / pra fluência em língua inglesa ^{APT} / &he / pra esses aluno problema ^{TOP} / é mais complicado ^{COM} //	89. Oração Subordinada 90. SN + Rel. – Sem ligação sintática 91. SP	Tópico Complexo TOP1/APT1/ APT2/TOP2/APT /TOP3

(FBAIII-4B)	92. *FBA: alguns ^{TOP} / &he / não tem deficiência na aprendizagem ^{^COM} / mas a situação deles é mais atraente do que a escola ^{COM} //	92. SN (pronome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBAIII –4C)	93. *FBA: existe aluno ^{TOP} / que já tem isso na cabeça ^{COM} / né ^{COM} //	93. Oração Principal	Tópico Simples
(FBAIII–4D)	94. *ADA: <esses fatores> que você já pontuou ai no inicio ^{TOP} / que não depende exclusivamente da gente ^{COM} //	94. SN + Rel. – Sem ligação sintática	Tópico Simples
(FBAIII -5A)	95.*FBA: cê tem que tentar ^{TOP} / o que não existe ^{COM} //	95. Oração Principal	Tópico Simples
(FBAIII -5A)	96. *FBA: o que não existe ^{TOP} / ainda ^{APT} / não existe pra mim ^{COM} //	96. SN Pron. + Rel. – Sujeito	Tópico Complexo TOP/APT
(FBAIII -5A)	97. * FBA: então ^{TOP} / não dá ^{COM} / né ^{FAT} //	97. ADV	Tópico Simples
(FBAIII -5A)	98. nós nos temos ^{TOP} / &he / como se diz ^{INX} +	98. Oração Principal	Tópico Simples
(FBAIII -5A)	99. *FBA: são problemas ^{TOP} / que [/] de outra alçada ^{COM} //	99. Oração Principal	Tópico Simples
(FBAIII –5B)	100. *FBA: professor ^{TOP} / tem preocupação ^{^COM/TOP} / em ensinar ^{COM/APT} / cem por cento ^{COM42} //	100. SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBAIII –5B)	101. *FBA: preocupação ^{TOP} / todo	101. SN – Objeto	Tópico Simples

⁴² Permanece duvida se teria mais TOP e APT

	professor tem ^{COM} //		
(FBAIII –5B)	102.*FBA: mas preocupação ^{TOP} / assim ^{INX} / não ^{^COM} / &ce [/] cem por cento da turma ^{COM} //	102. SN (nome) – Sem ligação sintática	Tópico Simples
(FBAIII –5B)	103. 104. *FBA: que ^{TOP} / uma gestão administrativa ^{TOP} / tem ^{COM} // não educacional ^{COM} //	103. SN - Objeto 104. SN (nome) – Sujeito	Tópico Complexo TOP1/TOP2
(FBAIII –5B)	105. *FBA: porque ^{AUX} / ser humano TOP / é uma &reali + &he / num é um objeto ^{COM} //	105. SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBAIII –5C)	106. *FBA: < e as pessoas ^{TOP} / querem> / pro nossa produção ^{COM} //	106. SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
(FBAIII –5C)	107. *ADA: e as pessoas ^{TOP} / olham a educação ^{^COM} / como se fosse / uma questão de [/] de um produto final ^{COM} //	107. SN (nome) Sujeito	Tópico Simples
(FBAIII–6A)	108. 109. *ADA: eu ^{TOP} / realmente ^{INX} / eu acredito ^{TOP} / que ^{APT} / o professor ^{APT} / ele tem que ter noções de [/] desses outros fatores ^{^COM} / que vão influenciar a sala de aula ^{COM} //	108. SN (pronome) – Sujeito 109. Oração Principal	Tópico Complexo TOP1/TOP2/ APT1/APT2
(FBAIII -6B)	110. 111. *FBA: *ADA: mas são tantos fatores ^{TOP} / que você tem que estar ^{APT} / levando em consideração ^{APT} / no momento de sala de aula ^{TOP}	110. Sentença 111. SP	Tópico Complexo TOP1/APT1/ APT2/TOP2

	/ que às vezes ^{INX} / (a etiquetagem das unidades tonais subsequentes são duvidosas)		
(FBAIII -6B)	112. 113. *FBA: e parece ^{TOP} / também ^{INX} / que tem hora ^{APT} / que ^{APT} / eles querem que nós avaliamos ^{TOP} / não é a nossa matéria ^{COM} //	112. Oração Principal 113. Sentença	Tópico Complexo TOP1/APT1/ APT2/TOP2
(FBAIII –6C)	114. *FBA: não apresenta ^{TOP} / essa visão ^{COMel} / não apresenta capacidade de negociar ^{COMel} / capacidade de interpretar ^{COMel} //	114. Oração Principal	Tópico Simples
(FBAIII –6C)	115. *FBA: pode apresentar ^{TOP} / na &vis [/] uma visão / muitas vezes ^{INX} / simples ^{COM} //	115. Oração Principal	Tópico Simples
(FBAIII – 6D)	116. *FBA: porque você tem que avaliar ^{TOP} / <o que> ^{COM} //	116. Oração Subordinada	Tópico Simples

TÓPICOS DUVIDOSOS TEXTOS 2/3 (FBA)

ARQUIVO DE SOM	TÓPICOS DUVIDOSOS
(FBA II – 1A)	1. eu ^{TOP} / já até [/] já tinha falado / né ^{FAT} / mencionado isso com você anteriormente ^{INX} / &he / eu senti ^{TOP} / &he / em muitos alunos ^{TOP} / né ^{FAT} +

(FBAIII - 4A)	2.*ADA: <todo isso> TOP +
(FBAIII -5A)	3. 4. *FBA: só TOP/ que INP/TOP/APT /
(FBAIII-5B)	5. *FBA: professor TOP / tem preocupação COM/TOP/ em ensinar COM/APT / cem por cento COM43//
(FBAIII-5C)	6. *FBA: eu acho > TOP / um pouco INX / o que é tão problemático e difícil na nossa profissão COM // 44
(FBAIII-5C)	7. *ADA: e no final TOP / os alunos TOP / tem que sair / em determinado patamar COM //
(FBAIII-6B)	8. 9. 10. 11. *ADA: a questão / do currículo TOP/^COMel / mesmo APT/APC / da sua matéria TOP/^COMel / da [/] do desenvolvimento TOP/^COMel / *FBA: <do desenvolvimento> / *ADA: / <da prática> TOP/^COMel /
(FBAIII-6C)	12. *FBA: mas AUX/TOP / e aí COM //

⁴³ Permanece dúvida se teria mais TOP e APT

⁴⁴ Difícil dizer se e' assim, mas UM POUCO parece mesmo INX

5.5 Análise detalhada dos tópicos identificados

Nas subseções seguintes, apresentamos uma análise das características informacionais dos tópicos individualizados na seção anterior. Na subseção 5.5.1, comparamos o texto 1 com o texto 2/3, ou seja um texto dialógico com um texto tendencialmente monológico, com o intuito de observar as diferenças estruturais entre as duas tipologias quanto às configurações e à frequência da unidade de tópico. Na seção 5.5.2, comparamos os dados extraídos da amostra de PB com os estudos sobre o corpus do italiano (Signorini 2004a e b), para verificar eventuais particularidades do PB.

5.5.1 Comparação entre os textos 1 e 2/3

5.5.1.1 Os números de tópicos

A análise das diferenças entre os números e porcentagens identificados nos textos 1 e 2/3 justifica-se pela diferente estrutura interacional dos dois textos: dialógica no texto 1, tendencialmente monológica do texto 2/3. Olhemos para os dados do quadro 22, antes de discutí-los:

Quadro 23
Números gerais de tópicos (Textos 1 e 2/3)

	Tópicos	Enunciados complexos	Enunciados com TOP
Texto 1	47 (28,83%)	195 (48,02%)	37 (18,97%)
Texto 2/3	116 (71,17%)	211 (51,98%)	93 (44,07%)

O número total de tópicos dos textos 1 e 2/3 é de 163, sendo que o texto 1 possui 47 TOPs (apenas 28,83% do total) e o texto 2/3 possui 116 TOPs (71,17%), como é visualizado no gráfico 4.

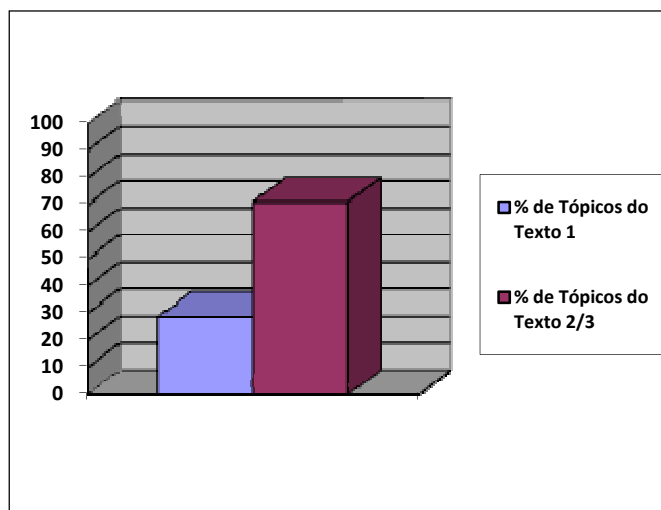


Gráfico 4- Distribuição dos TOPs (Textos 1 e 2/3)

Precisamos então explicar o porquê dessa diferença tão grande na ocorrência de TOPs nas duas tipologias textuais. De fato, se olharmos para o número de enunciados complexos (ou seja os enunciados com mais de uma unidade informacional, o que é necessário para que ocorra o TOP), notamos que os dois textos apresentam números não tão diferentes: 195 enunciados complexos no texto 1 e 211 no texto 2/3, com uma diferença mínima (48,02 vs. 51,98). Isso mostra que o aumento considerável dos TOPs no texto 2/3 não é ligado imediatamente à quantidade de enunciados complexos, mas sim ao tipo de complexificação desses enunciados. No texto 1, apenas 18,97% dos enunciados complexos possui TOP, enquanto no texto 2/3 essa porcentagem sobe para 44,07%, bem mais que o dobro do texto 1, como é visualizado no gráfico 5:

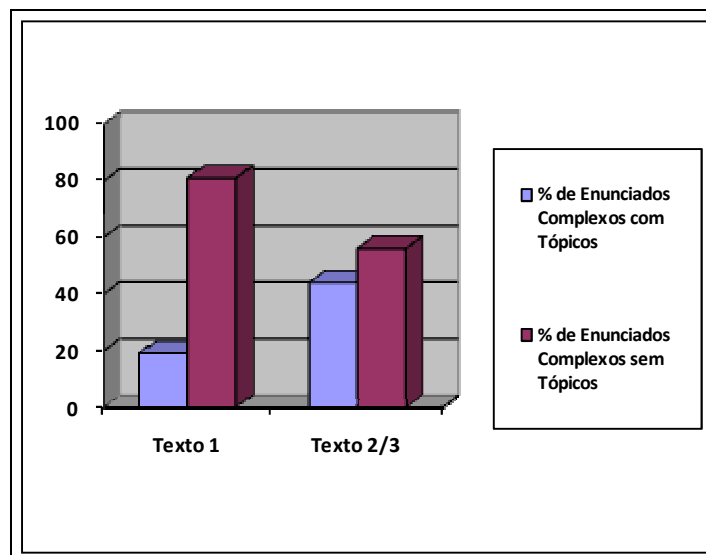


Gráfico 5 - Proporção entre TOPs e enunciados complexos (Textos 1 e 2/3)

A distância entre os dois textos se torna ainda maior se compararmos não somente as diferentes ocorrências de enunciados com TOP, mas também a complexidade estrutural desses TOPs. Lembramos que o TOP pode ter uma configuração simples ou complexa. Nesse último caso, dentro de um mesmo enunciado teremos mais de uma unidade de TOP ou uma (ou mais) unidade(s) de TOP seguida por uma (ou mais) unidade(s) de APT. O quadro 24 mostra a diferente distribuição de TOPs complexos nos dois textos:

Quadro 24
Proporção de TOP simples e complexos (Textos 1 e 2/3)

	Enunciados com TOP simples	Enunciados com TOP complexo
Texto 1	28 (75,67%)	9 (24,33%)
Texto 2/3	58 (62,36%)	35 (37,64%)

Os números nos dizem, portanto, que, se os enunciados com TOP no texto 2/3 aumentam em 130%, esse aumento é ainda mais expressivo se consideramos apenas os enunciados com TOP complexo: esses aumentam quase em 300%, enquanto o aumento

dos enunciados com TOP simples é bem menor (pouco mais de 100%). Em suma, o aumento é sensível em todos os casos (tanto em caso de enunciados com TOP simples quanto em caso de enunciados com TOP complexo), mas se torna claramente mais sensível com o aumento da complexificação dos TOPs. Essa situação é visualizada no gráfico 6:

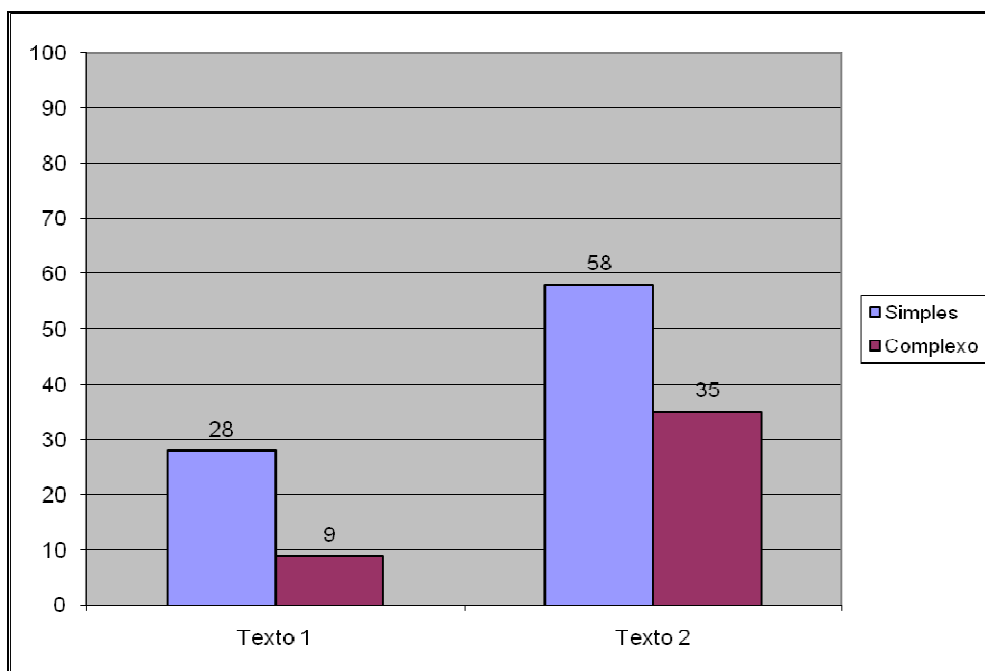


Gráfico 6 - Proporção entre TOPs simples e complexos (Textos 1 e 2/3)

Antes de observarmos a configuração informacional dos TOPs complexos, podemos formular uma possível explicação pelo fato de o texto tendencialmente monológico possuir claramente mais unidades de TOP e ainda mais unidades de TOP complexo que o texto 1.

Nos parece evidente que um texto dialógico permite que o falante se apóie muito mais no contexto. Quando ele veicula uma força ilocucionária, ou seja quando ele formula um enunciado, pode muito mais freqüentemente se apoiar no contexto para atribuir um âmbito de aplicação à força ilocucionária veiculada. É característica típica do dialogismo o compartilhamento da situação (tempo, lugar, de quem ou de que se está falando, etc.). Isso reduz a necessidade de especificar o âmbito de aplicação de cada

ilocução. Ao contrário, um texto monológico (ou, em medida menor) um texto tendencialmente monológico, como é o nosso caso, se organiza em volta de turnos longos, durante os quais o falante constrói textos com muitas ilocuições, cada uma das quais, com implicatura adversativa, precisa, com mais probabilidade, que o âmbito de aplicação seja definido, para que o interlocutor possa atribuir às ilocuições sua referência semântica. Sendo o texto mais articulado, se torna também necessário articular mais o âmbito da aplicação da força ilocucionária e gerar tópicos mais complexos, exatamente porque mais complexa é a referência semântica da qual o interlocutor precisa: no âmbito monológico, o discurso se articula em grande parte com base nas decisões de um único locutor e muito menos com base na interação; portanto, a progressão do sentido textual não é algo que se produz em conjunto e aos poucos, e com forte ajuda contextual, mas algo que depende da elaboração do falante; e esse precisa fornecer ao interlocutor os instrumentos de compreensão, situando muito mais as ilocuições e não podendo contar com a inferência a partir do contexto.

Tentaremos mostrar como a interação dialógica e monológica se comportam, quanto à necessidade menor ou maior de explicitar o âmbito da força ilocucionária, através de um exemplo retirado, de maneira casual, de cada um dos dois textos:

Exemplo 98: *VTR: *hum*^{COM} // *então*^{COM} // *eh*^{AUX} / *você gosta*^{^COM} / *de estudar inglês*^{COM} / *Marlon*^{ALC} //

*GBL: *gosto*^{COM} //

*VTR: *Por que*^{COM} / *que você gosta de estudar inglês*^{APC} //

*GBL: *ah hhh*^{COM} // *porque eu achei legal*^{COM} / *uê*^{AUX} //

*VTR: *você acha interessante*^{COM} //

*GBL: *é*^{COM} // (GBL 4)

Nesse exemplo, composto por seis turnos e nove enunciados, podemos notar que o âmbito de aplicação da força ilocucionária (estudar inglês) é estabelecido no primeiro turno como COM ligado através de uma pergunta, e depois não precisa mais ser retomado nos turnos seguintes, que, formados por enunciados pequenos, permitem várias ilocuições, todas a respeito desse mesmo âmbito de aplicação.

*Exemplo 99: *FBA: <é^{AUX} / e depois eu^{TOP} / voltei^{COM} / né>^{FAT} // &pens [/] voltei atrás e comecei a lembrar^{COM} / também^{APC} / né^{FAT} // tem isso^{COM} / né^{AUX} // &eh / às vezes você tem + igual / nossa mente^{COM} / né^{AUX} // determinados momentos^{TOP} / você tá estressado^{COMRelnec} / você não lembra de nada^{COM} // aí^{FAT} / um belo dia^{TOP} / você^{APT} / tá pensando em outra coisa^{TOP} / e [/] e vem aquela visão^{COM} / né^{AUX} [/] &n // aquela lembrança^{COM} // aquela cena^{COM} / do passado^{APC} hhh // que alguém hhh + aquela pessoa que cê nem esperava^{COM} // isolada^{COM} // ah^{AUX} ' / aquela pessoa^{TOP} ' / aquele dia^{APT} ' / me perguntou isso^{COM} ' / né^{FAT} // aquela pessoa^{TOP} / participou ^COM / em determinado dia^{COM} // isso aconteceu comigo^{COM} / né^{FAT} // &eh / aí^{TOP} / depois eu fui me acostumando^{COM} // e^{FAT} / prestando mais atenção ^COM / nesses alunos^{COM} / né^{FAT} // uns^{TOP} / mas^{FAT} / pelo menos^{TOP} / alguns / tiveram / reação^{COM} / né^{AUX} // o que a gente não esperava ^COM / muito deles^{COM} / né^{FAT} // (FBA – II3B-II3D)*

No exemplo do texto tendencialmente monológico (que não é dos mais complexos) podemos notar como em um único turno, formado por 18 enunciados (sem contar os interrompidos), comparecem oito enunciados com TOP, dos quais dois complexos. Isso se dá porque o âmbito de aplicação da força ilocucionária muda, ou se define com mais precisão, sem que o interlocutor possa inferir essa mudança a partir do contexto (seja o contexto situacional, seja o contexto discursivo): o primeiro é *eu*; o segundo é *determinados momentos*; o terceiro é *um belo dia* junto a *tá pensando em outra coisa*; o quarto é *aquela pessoa / aquele dia*; o quinto sente a exigência de repetir

o TOP (provavelmente devido ao fato de se tratar de ilocução de citação, ou seja de uma fala reportada); o sexto (*ai*) retoma o complexo discurso anterior para poder prosseguir sem problemas; o sétimo destaca um dos elementos (*uns*) de uma ilocução de comparação; o último (*pelo menos*) destaca a contraposição entre o que foi dito anteriormente e o que vem depois: sinaliza que, apesar de tudo o que foi dito, e assim retomando como âmbito de aplicação da força ilocucionária todo o texto anterior (com implicatura adversativa), é possível a ilocução que segue.

No exemplo notamos também a presença de dois enunciados com TOP complexo: *um belo dia* ^{TOP} / *você* ^{APT} / *tá pensando em outra coisa* ^{TOP} /; e *aquela pessoa* ^{TOP} / *aquele dia* ^{APT} /. A complexidade desses TOPs se justifica pela necessidade por parte do falante de instaurar um âmbito de aplicação da força ilocucionária que seja mais articulado: no primeiro caso, não somente um âmbito temporal (*um belo dia*) mas também um âmbito circunstancial (*quando se está pensando em outra coisa*), integrados textualmente pelo sujeito sintático; no segundo caso, um âmbito pessoal (*aquela pessoa*) e um âmbito temporal (*aquele dia*).

Esses exemplos mostram claramente como a dinâmica de uma interação de base monológica gera a necessidade de expressar muito mais o âmbito de aplicação da força ilocucionária e de fazê-lo de maneira mais complexa.

5.5.1.2 A configuração informacional

Nesta subseção, mostramos os detalhes das várias configurações informacionais que envolvem os TOPs complexos nos dois textos. Como dito na seção anterior, a quantidade e a variedade de TOPs complexos no texto 2/3 é extremamente superior àquela do texto 1, pelos motivos já explicados.

O TOP complexo se define com base ou na recursividade dessa unidade (ela se repete mais vezes dentro do mesmo enunciado) ou com base na sua composicionalidade com uma ou mais unidade(s) de APT, que integram textualmente o TOP antecedente, ou até com base nas duas condições ao mesmo tempo (presença de mais de um TOP e também de uma ou mais APT).

Graças ao trabalho de Ulisses (2008) sabemos que no texto 1 aparecem apenas 5 APTs, distribuídas em apenas três enunciados e todas pertencentes à fala de VTR, o professor. No texto 2/3, ao contrário, aparecem 43 APTs, distribuídas em 29 enunciados. A diferença na ocorrência dessa unidade no texto dialógico e no texto tendencialmente monológico é enorme, com uma presença no texto 2/3 quase nove vezes maior. Isso nos permite dizer que a unidade de APT participa da complexificação da fala monológica em medida máxima, superior ainda à unidade de TOP, que obviamente é pressuposta quando existe uma unidade de APT.

Olhemos agora para os dados sobre as configurações dos TOPs complexos nos dois textos. O texto 1 apresenta as configurações e as ocorrências elencadas no quadro 25:

Quadro 25
Configuração Informacional de TOPs Complexos no Texto 1

TÓPICOS COMPLEXOS: 9		
TOP1/TOP2:	4	44,44%
TOP1/TOP2/TOP3:	2	22,22%
TOP/APT:	1	11,11%
TOP1/APT/TOP2/APT:	1	11,11%
TOP/APT1/APT2/TOP2/APT:	1	11,11%

No quadro 26, temos as configurações e as ocorrências dos TOPs complexos no texto 2/3, que já sabemos serem muito mais e muito mais complexas:

Quadro 26
Configuração Informacional dos TOPs Complexos no Texto 2/3

TÓPICOS COMPLEXOS: 35		
TOP / APT:	14	40,00%
TOP1/TOP2:	5	14,28%
TOP/APT1/APT2:	2	5,71%
TOP1/APT/TOP2:	2	5,71%
TOP1/TOP2/APT:	2	5,71%
TOP1/TOP2/APT1/APT2:	1	2,85%
TOP1/APT/TOP2/APT:	2	5,71%
TOP1/APT1/APT2/TOP2:	2	5,71%
TOP1/APT1/APT2/TOP2/APT:	1	2,85%
TOP1/TOP2/APT/TOP3:	1	2,85%
TOP1/APT/TOP2/APT/TOP3:	1	2,85%
TOP1/APT/TOP2/TOP3/APT:	1	2,85%
TOP1/APT1/APT2/TOP2/APT/TOP3:	1	2,85%

Esses dados nos mostram em detalhes que o texto 2/3 apresenta não somente um aumento de TOPs complexos, mas um aumento forte da quantidade de configurações e da complexidade delas: apenas cinco configurações no texto 1 contra 13 no texto 2/3. No texto 1, a configuração mais complexa prevê, em um único caso, cinco unidades (duas de TOP e três de APT). No texto 2/3, temos um caso com seis unidades (três TOPs e três APTs), enquanto os casos com cinco unidades são três, todos com configurações diferentes. Na realidade, a diferença entre os dois textos é provavelmente maior do que esses dados mostram, porque, por prudência, excluímos dessa contagem alguns casos, particularmente complexos.

5.5.1.3 Os correlatos morfossintáticos: considerações gerais

Nesta subseção, comparamos os correlatos morfossintáticos dos TOPs dos dois textos. Por razões metodológicas, a comparação será feita em duas fases: primeiramente comparamos somente os correlatos dos TOPs simples, e sucessivamente aqueles do total dos TOPs. A razão disso é que os estudos sobre o italiano (SIGNORINI 2004a)

analisam somente os correlatos dos TOPs simples, e, portanto, nós precisamos do mesmo tipo de análise para estabelecer (na seção 5.5.2) uma comparação entre os dados do italiano e aqueles da amostra de PB. Contudo, é preciso avisar que a autora considera TOPs nominais todos os TOPs não verbais, enquanto aqui preferimos diferenciar entre TOPs nominais (SN e SP) e outros TOPs (basicamente advérbios).

O quadro 27 mostra a diferença entre os correlatos dos dois textos, tanto em números absolutos quanto em porcentagens:

Quadro27
Correlatos morfossintáticos dos TOP Simples nos dois textos

Nº Total de TOP simples	Texto 1		Texto 2/3	
	28	%	58	%
Tópicos Nominais = SN + SP + (ADV + SP)	10	35,71	27	46,55
Tópicos Verbais = sentença ⁴⁵ , oração principal e oração subordinada	14	50,00	22	37,93
Outros Tópicos - ADV	4	14,29	9	15,52

Os números nos dizem que os correlatos morfossintáticos dos dois textos também apresentam diferenças, independentemente do fato que, como já vimos, a unidade de TOP é muito mais presente no texto 2/3 do que no texto 1. De fato, o texto 1 apresenta uma porcentagem de TOPs verbais muito mais alta daquela do texto 2/3: 50% contra 38%. Os gráficos 7 e 8 permitem visualizar a diferente distribuição dos correlatos morfossintáticos dos TOPs, respectivamente no texto 1 e no texto 2/3. Naturalmente, esses dados, assim como os outros, deverão ser verificados sobre uma amostra estatisticamente significativa; contudo, essa primeira análise permite formular algumas hipóteses a serem testadas.

⁴⁵ Por tópicos com função de sentença entendemos aquelas unidades de TOP verbais em que um verbo principal preenche todos os próprios argumentos dentro da unidade de TOP. Por ex. um TOP do tipo *eu pego ele* é computado entre os sentenciais, enquanto um TOP do tipo *pego ele* ou *eu pego* é computado entre as orações principais.

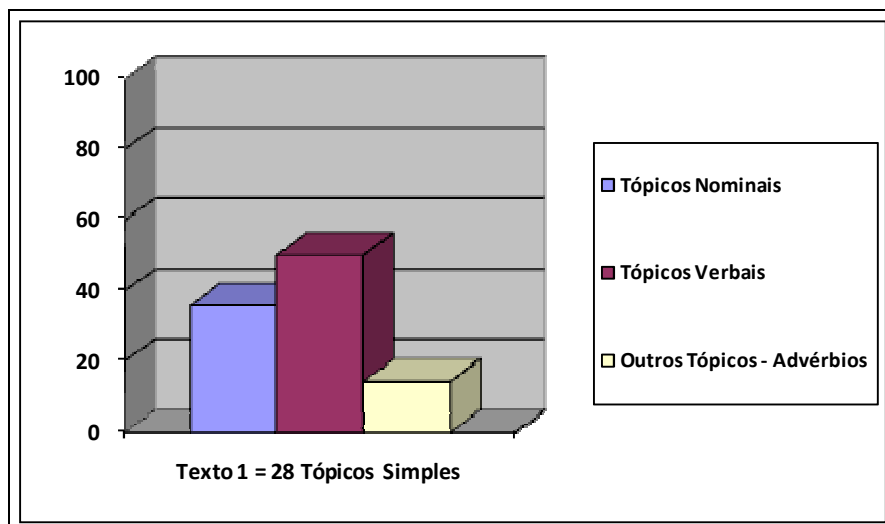


Gráfico 7 - Distribuição do correlatos morfosintáticos dos TOPs simples do texto 1

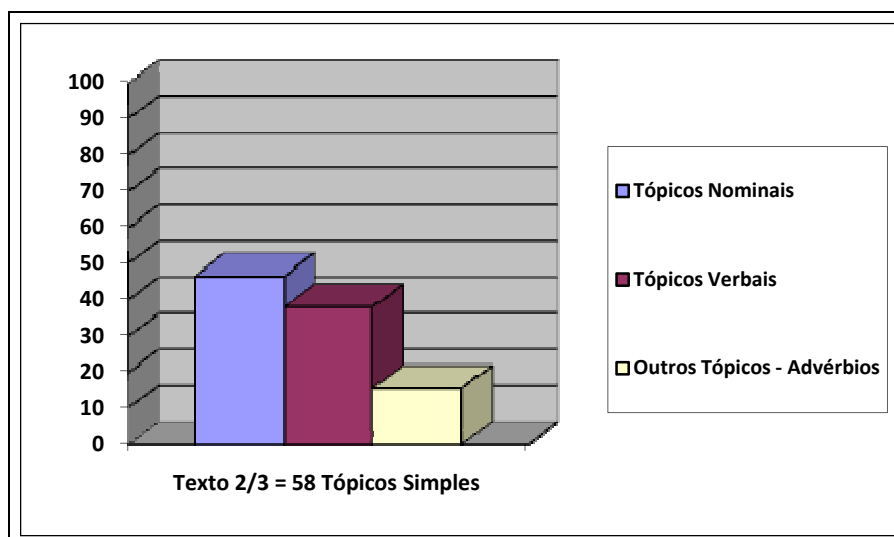


Gráfico 8 - Distribuição dos correlatos morfosintáticos dos TOPs simples do texto 2/3

Se incluirmos os correlatos dos TOPs complexos, o quadro não parece mudar em maneira significativa. O texto 1 continua apresentando uma porcentagem de TOPs verbais maior que o texto 2/3, em uma proporção ainda um pouco mais expressiva, como mostrado no quadro 28:

Quadro 28
Correlatos morfossintáticos dos TOPs totais nos dois textos

	Texto 1		Texto 2/3	
Nº Total de TOP	47	%	116	%
Tópicos Nominais = SN + SP + (ADV + SP)	16	34,04	59	50,86
Tópicos Verbais = sentença, oração principal e oração subordinada	25	53,19	43	37,06
Outros Tópicos - ADV	6	12,77	14	12,08

Os gráficos 9 e 10 visualizam, respectivamente quanto ao texto 1 e 2/3, a distribuição dos correlatos morfossintáticos de todos os TOPs, sejam simples, sejam complexos:

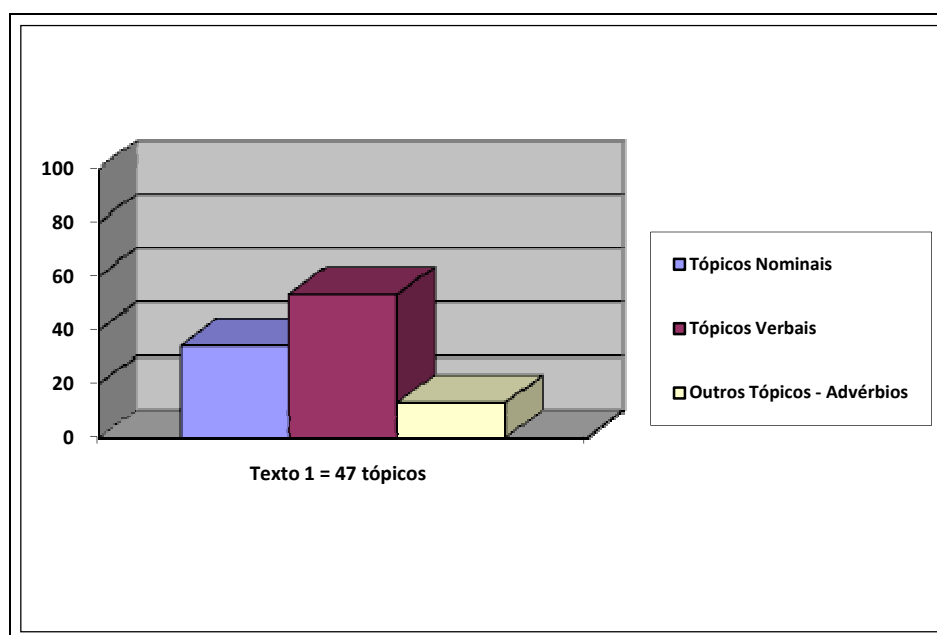


Gráfico 9 - Distribuição dos correlatos morfossintáticos dos TOPs totais do texto 1

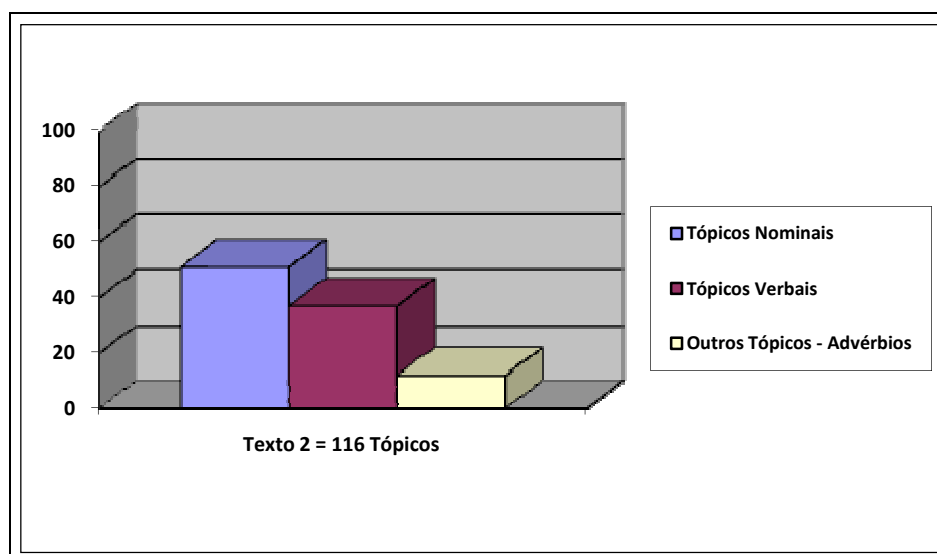


Gráfico 10 - Distribuição dos correlatos morfossintáticos dos TOPs totais do texto 2/3

Tentaremos agora uma explicação da razão pela qual o texto 1 apresenta uma porcentagem tão mais alta de TOPs verbais comparado com o texto 2/3. Uma explicação, pelo menos parcial, parece chamar em causa a fala do GBL. Trata-se de um pré-adolescente, e portanto, com um nível de aquisição ainda não completo, pelo menos quanto à capacidade de governar a variação de registro em uma situação que deve-se supor formal, em se tratando de uma interação professor-aluno e sobre um assunto de trabalho. Isso nos permite dizer que a fala do GBL tende a um nível de informalidade incomparável com o nível dos dois interlocutores do texto 2/3.

Por consequência, a fala de VTR acaba também tendendo a uma estruturação mais típica do registro informal, para que a situação se torne mais familiar para seu interlocutor. Antes de olhar em detalhe os TOPs do GBL e do VTR, podemos dizer que vários outros elementos corroboram essa hipótese: entre eles, o fato do texto 1 possuir mais APC do que o texto 2 (ULISSES 2008), o que, segundo estudos realizados para o italiano, parece acontecer exatamente nos textos informais (CRESTI E FIRENZUOLI 2002); o fato de ser evidente em muitos casos como o GBL tenha dificuldades em estruturas complexas, tanto do ponto de vista informacional quanto entonacional; a

presença de perífrases aspectuais de registro coloquial na fala do GBL (do tipo *eu chego e falo* ou *eu pego e faço*).

Mas vale a pena observarmos os correlatos dos TOPs do texto 1, distinguindo aqueles de VTR daqueles de GBL. Em geral a fala de GBL apresenta uma quantidade de TOPs quase duas vezes maior do que a do VTR: 31 vs. 16. Desse dado não podemos tirar conclusões, porque GBL realmente fala um pouco mais, e o papel de entrevistado pode constituir uma outra causa. Mas se olharmos para como as diferentes tipologias de TOPs se distribuem na fala dos dois interlocutores, emergem algumas indicações interessantes, apesar dos pequenos números da amostra.

GBL tende, previsivelmente, a uma proporção muito maior de TOPs simples: na sua fala é possível achar somente 12 TOPs complexos contra 19 TOPs simples, enquanto VTR apresenta 7 TOPs complexos e 9 TOPs simples, com uma proporção bem diferente. Quanto aos TOPs verbais, GBL apresenta 17 casos contra os 8 de VTR; mas o mais interessante é que desses 17 casos, 10 são constituídos de TOPs sentenciais, uma tipologia que comparece somente 2 vezes em VTR. Particularmente interessantes dois casos em que GBL constrói TOPs complexos com estruturas todas sentenciais de 2 e até 3 TOPs:

Exemplo 100: *GBL: *igual*^{AUX} / *eu tô lembrando agora*^{INX} / ***eu acho que foi na sexta série***^{TOP} / ***eu fiz um texto***^{TOP} / *aí*^{AUX} / *eu lembro que eu precisei de / cortar palavra / sabe*^{AUX} / *que não coube na linha*^{COM} // (GBL 33)

Exemplo 101: *GBL: *ah*^{AUX} / ***é porque a gente vai traduzindo as palavras***^{TOP} /
*VTR: *hum* //
*GBL: / *igual*^{AUX} / ***eu pego um texto***^{TOP} / ***eu pego ele***^{TOP} / *e traduzo ele todo*^{COM} // (GBL 22)

Se olharmos somente para os TOPs complexos, onde proporcionalmente VTR apresenta mais casos do que GBL, notamos que, enquanto VTR não apresenta nenhum caso de TOP sentencial em 7 TOPs complexos, GBL usa sentenças em 50% dos casos: 6 sentenças em 12 TOPs complexos.

Podemos concluir, portanto, que a alta frequência de TOPs verbais do texto 1 se explica, pelo menos em parte, com o fato desse texto ser mais informal do que o texto 2/3, como demonstram os altos números de TOPs verbais, e principalmente aqueles da forma mais extrema, a sentencial, na fala do GBL.

5.5.1.3.1 Os correlatos morfossintáticos: detalhamento

Nessa subseção, detalhamos os correlatos morfossintáticos dos TOPs e os comparamos com os resultados obtidos por Signorini (2004b) em seu estudo sobre o corpus de italiano. O quadro 29 mostra em detalhe a tipologia morfossintática de todos os TOPs nos três textos, tanto os nominais quanto os verbais e aqueles que não consideramos nem verbais nem nominais. Os gráficos 11 e 12 mostram, respectivamente para o texto 1 e para o texto 2/3, a visualização dos números no quadro.

Quadro 29
Porcentagem da Constituição Morfossintática dos Tópicos (Texto 1)

	Texto 1		Texto 2/3	
Número Total de Tópicos	47	%	116	%
Sintagmas nominais com função de sujeito	5	10,63%	24	20,68%
Sintagmas nominais com função de objeto	--	--	9	7,75%
Sintagmas nominais sem ligação sintática	5	10,63%	9	7,75%
Sintagma nominal com função sintática indefinível ⁴⁶	--	--	1	0,86%
Sintagmas preposicionais	5	10,63%	12	10,34%
Advérbios + sintagma nominal com função de sujeito	--	--	3	2,58%
Advérbios + Sintagma preposicional	1	2,12%	1	0,86%
Advérbios	6	12,76%	14	12,06%
Sintagmas verbais com função de sentença (todas as regências preenchidas na mesma unidade tonal)	12	25,53%	8	6,89%
Sintagmas verbais com função de oração principal (sem todas	8	17,02%	29	25%

⁴⁶ É impossível estabelecer a função sintática do tópico no enunciado interrompido: *FBA: e /essa +, apesar de identificar na segunda unidade com razoável certeza as características de uma unidade de TOP.

as regências preenchidas na mesma unidade tonal)				
Sintagmas verbais com função de oração subordinada	5	10,63%	6	5,17%

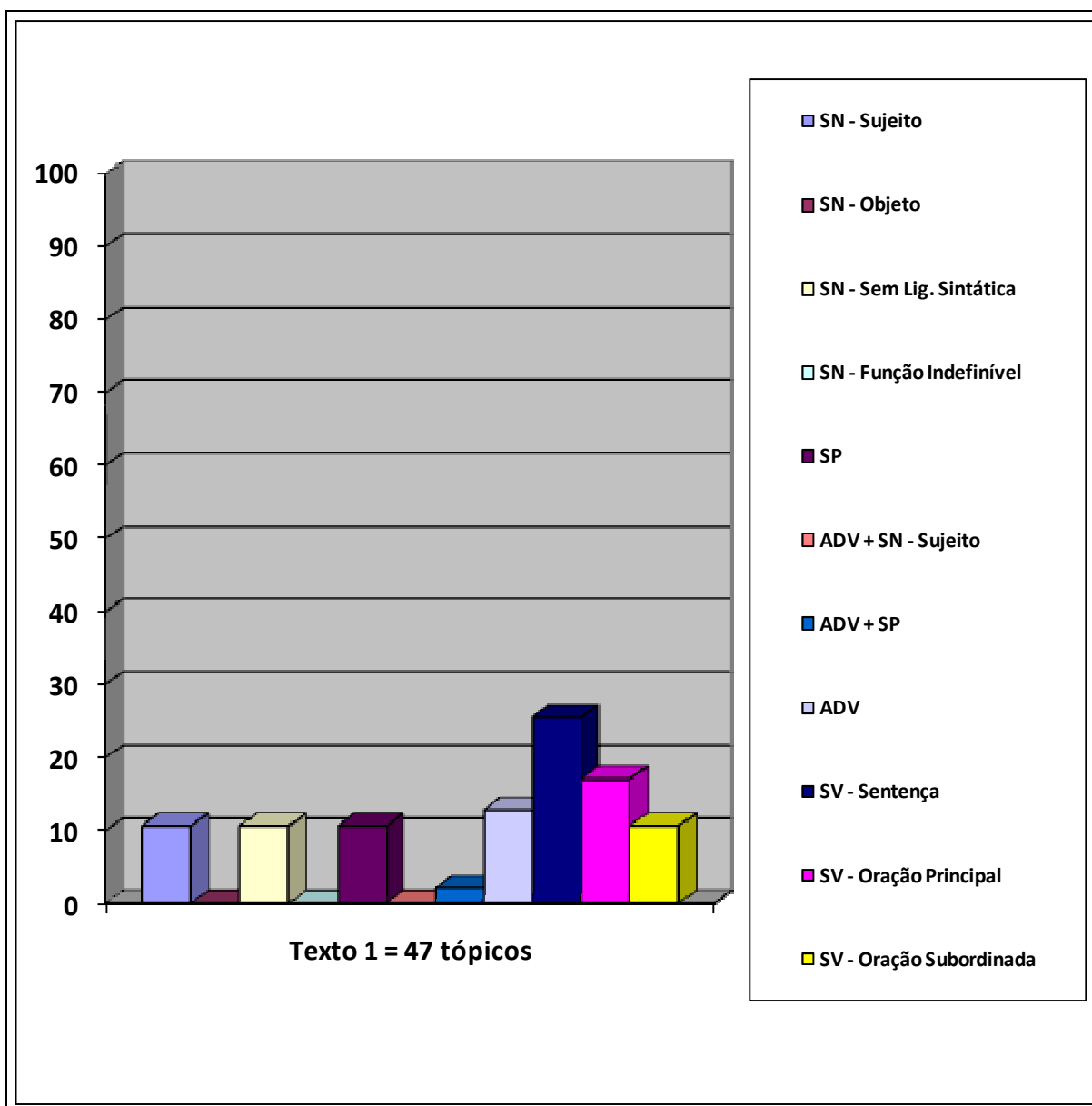


Gráfico 11 - Constituição Morfossintática dos Tópicos (Texto 1) (%)

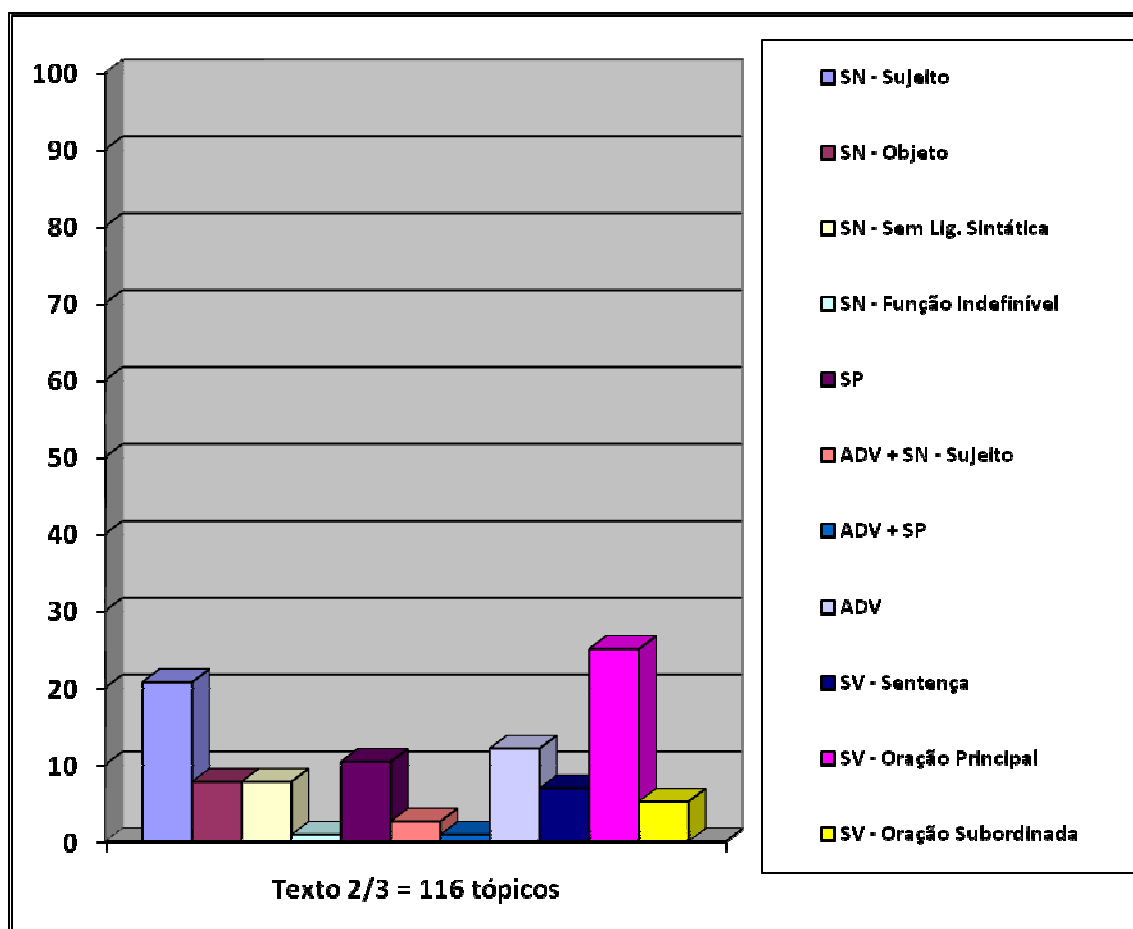


Gráfico 12 - Constituição Morfossintática dos Tópicos (Texto 2/3)

O quadro e os gráficos nos permitem identificar as seguintes diferenças principais entre os textos. Lembramos que, segundo a Teoria (CRESTI 2000:176 e seguintes), o domínio próprio das relações sintáticas é a unidade tonal; as relações entre unidades são de natureza pragmático-funcional, e, somente em segunda instância, pode (não deve) aparecer uma relação sintática entre elas. Portanto, o respeito maior das relações sintáticas pode significar um maior controle sobre a fala e sobre sua forma gramatical, o que é típico por um lado de uma fala mais formal e por outro de uma fala mais planejada. Já observamos que o texto 1 apresenta características de menor formalidade e, como em geral os textos mais tipicamente dialógicos, permite um planejamento claramente menor que aquele presente em textos mais monológicos. Os dados do quadro acima corroboram as seguintes observações:

1. O texto 2/3 mostra uma tendência maior a manter as ligações sintáticas entre o tópico e o comentário. A relação entre o tópico e o comentário, conforme Cresti (2000) é uma relação pragmática, de natureza funcional, e pode ser ou não acompanhada por uma relação sintática. O texto 2/3 possui somente 7,75% de tópicos constituídos de sintagmas nominais sem ligação sintática, enquanto o texto 1 possui 10,63% de tópicos sem ligação sintática. Essa diferença se torna mais significativa se considerarmos a alta porcentagem de SN no texto 2/3: de fato no texto 1 cinco dos dez SNs (ou seja, 50%) não apresentam ligação sintática, enquanto essa situação acontece somente em nove dos 46 casos correspondentes no texto 2/3 (ou seja em apenas 19% dos casos). Apresentamos a seguir um exemplo dessa ocorrência em cada um dos textos:

Exemplo 102: *GBL: *igual*^{AUX} / *eu*^{TOP} / *na última prova me deu um pouco de raiva*
hhh^{COM} // (GBL 10)

Exemplo 103: *FBA: *&he* / *a* [/] *a turma*^{TOP} / *no caso*^{APT} / *eu me preocupava muito*
^{TOP} / *porque*^{APT} / *na participação*^{TOP} / *por exemplo*^{INX} / *eu inferia*^{^COM}
/ lá^{COM} // (FBA II– 5D)

Um exemplo interessante ocorre nos enunciados a seguir, pois no primeiro exemplo é possível determinar a função sintática do tópico e no segundo exemplo não é possível estabelecer essa função.

9. *FBA: algumas aulas <i>hhh</i> ^{TOP} / são piores do que as outras <i>hhh</i> ^{COM} // (FBA II-2B)	9. SN (nome) – Sujeito	Tópico Simples
10. algumas aulas ^{TOP} / <i>cê</i> num consegue nada ^{^COM} / <i>mesmo</i> ^{COM} / <i>né</i> ^{AUX} // (FBA II – 2B)	10. SN (nome) – Sem ligação Sintática	Tópico Simples

Podemos explicar essas diferentes porcentagens com a maior formalidade do texto 2/3, em que os falantes prestam uma atenção maior ao registro e buscam preservar as características formais da construção linguística. Isso é corroborado também pela alta presença de APTs com função de complementadores e de conjunções (ULISSES 2008; RASO e ULISSES em preparação), ou seja APTs que se caracterizam como integrações do TOP em função sintática, para realizar a correta ligação sintática entre o TOP e o COM. O exemplo seguinte mostra essa função. Em um contexto mais informal não seria difícil imaginar o mesmo enunciado sem a expressão do complementador em função de APT:

Exemplo 104: **ADA: eu*^{TOP} / *realmente*^{INX} / *eu acredito*^{TOP} / ***que***^{APT} / *o professor*^{APT} /
ele tem que ter noções de [/] desses outros fatores^{^COM} / *que vão*
influenciar a sala de aula^{COM} // (FBA III – 6A)

2. A ocorrência de tópicos constituídos de sintagmas nominais com função de objetos também diferencia o texto 1 e o texto 2/3, pois o texto 2/3 apresenta sintagmas nominais com função de objeto, enquanto o texto 1 não apresenta esse tipo de correlato morfossintático. Os tópicos com essa constituição correspondem a 7,75% dos tópicos identificados no texto 2/3. Apresentamos alguns exemplos a seguir:

Exemplo 105: **FBA: o que não dá*^{TOP} / *a gente tá sempre & mudan* [/] *continua*
mudando^{COM} / *né*^{AUX} // (FBA II– 6B)

Exemplo 106: **FBA: uma coisa ou outra*^{TOP} / *o que é mais próxima*^{TOP} / *eles*
aprendem^{COM} // (FBA III- 3E)

Essa característica também pode ser explicada com uma maior capacidade de governar as relações sintáticas mesmo quando a ordem dos constituintes não é aquela natural. Faltando esse controle, um enunciado como aquele do exemplo 105 pode se tornar algo como *o que não dá* ^{TOP} / *a gente tá sempre &mudan* [/] *continua mudando isso* ^{COM} / *né* ^{AUX} //, colocando um objeto depois do verbo.

3. Outra diferença entre os textos 1 e 2/3 refere-se à porcentagem de TOPs verbais, assim como à tipologia interna a essa categoria. Os TOPs verbais do texto 1 somam a 53,15 %, constituindo a maioria dos TOPs do texto. Ao contrário, no texto 2/3 a porcentagem cai para 37,6%, que continua sendo alta (parece tratar-se de uma especificação do PB), mas incomparável com aquela do texto 1. Se olharmos para a composição desses TOPs verbais, notamos outras diferenças interessantes: no texto 1 a metade dos TOPs verbais é constituída por verdadeiras sentenças, ou seja, segundo a definição que demos a esse termo⁴⁷, por sintagmas verbais principais com todas as regências verbais preenchidas. Ao contrário, no texto 2/3 essa tipologia de TOP verbal é representada por menos de 8% dos TOPs. A diferença é evidente. É interessante notar que dos 12 TOPs sentenciais que aparecem no texto 1, 10 ocorrem na fala de Gabriel (GBL) e somente 2 ocorrem naquela de Vítor (VTR), o qual portanto estaria alinhado com as porcentagens do texto 2/3. A maior ocorrência de tópicos constituídos de sentenças em GBL pode estar relacionado ao fato dele ser um pré-adolescente, e por conseguinte, não dominar a articulação informacional do PB, mas pode também estar relacionado a uma fala mais informal, que exaspera tendências que são presentes na língua, pois os tópicos sentenciais são atestados em estudos sobre o italiano, mas em

⁴⁷ Essa definição possui puramente valor expositivo, para caracterizar um TOP que poderia sem dúvida ser identificado sintaticamente como sentença.

proporções bem menores também daquelas presentes no texto 2/3. Alguns exemplos de tópicos constituídos de sentença são listados a seguir:

Exemplo 107: *GBL: *por causa que*^{AUX} / ***deu uns problemas lá***^{TOP} / *ai*^{AUX} / *não deu pra ela ir na nossa sala lá ensinar*^{^COM} /
*VTR: *hum hum* //
*GBL: / *o &nego* [/] *o negócio*^{COM} // (GBL 10)

Exemplo 108: *GBL: / *igual*^{AUX} / ***eu pego um texto***^{TOP} / ***eu pego ele***^{TOP} /
e traduzo ele todo^{COM} // (GBL 22)

Exemplo 109: *FBA: *você tá* [/] ***ele tá dentro da sala***^{TOP} / *mas somente o corpo*^{COM} *hhh* // *né* // (FBA II – 2A)

Exemplo 110: *ADA: *porque*^{AUX} / ***você chegou numa escola nova***^{TOP} / *outra realidade*^{COMel} / *outros alunos*^{COMel} / *outras necessidades*^{COMel} //
(FBA III – 3A)

Apresentamos a seguir exemplos de TOPs que chamamos de oração principal, ou seja sintagmas verbais em que não todas as regências são preenchidas na mesma unidade:

Exemplo 111: *VTR: *então*^{AUX} / ***vamos supor***^{TOP} / *nesses dias*^{^COM} / *que cê tá bem*^{COM} // (GBL36)

Exemplo 112: *FBA: *eh*^{FAT} / ***tem alunos***^{TOP} / *que não conseguem ficar o tempo todo concentrado*^{^COM} / *só numa coisa*^{COM} // (FBA II – 2B)

A seguir exemplificamos os TOPs verbais constituídos por orações subordinadas:

Exemplo 113: *FBA: *you dando aula*^{TOP} / *ce não consegue observar*^{COM} //
(FBA II – 2C)

Exemplo 114: *GBL: *se you for lá na Espanha lá*^{TOP} / *ce já sabe comunicar*^{COM} //
(GBL 05)

5.5.2 Comparação entre a amostra do português e o corpus do italiano

Nessa seção, comparamos e discutimos os dados relativos à nossa amostra com os números fruto das pesquisas sobre o *corpus* italiano. Nosso objetivo é identificar possíveis tendências de especificidade do PB na quantificação e estruturação dos TOPs.

5.5.2.1 Os números de enunciados com tópicos

Nessa subseção, comparamos e discutimos alguns dos dados. Especificamente a frequência de enunciados simples e complexos, e a requência de tópicos simples e complexos, nas duas línguas. O quadro 30 apresenta os números utilizados na comparação:

Quadro 30
Frequência e complexidade dos TOPs em italiano e em PB

	Italiano		português do Brasil	
Nº de enunciados	8093		885	
Simples	4498	55,57%	479	54,12%
Complexos	3595	44,43%	406	45,88%
com TOP	1327	16,39% do total 36,91% dos complexos	130	14,68% do total 32,01% dos complexos
com TOP simples	1055	79,50%	86	66,15%
com TOP complexo	272	20,50%	44	33,85%

Signorini (2004a) utilizou um *corpus* de 42 textos com duração de seis horas, selecionado do *corpus* LABLITA, que representa a variação diafásica e, em medida menor, a variação diastrática da fala italiana, para verificar a ocorrência de enunciados

com tópicos e a sua composição informacional nos domínios privado e público. O *sub-corpus* utilizado pela Signorini apresenta um total de 8093 enunciados, dos quais 4498 (55,57%) simples e 3595 (44,43%) complexos. A nossa amostra, bem menor, é de 885 enunciados, dos quais 479 (54,12%) simples e 406 (45,88%) complexos. Apesar da grande diferença de tamanho entre o *corpus* utilizado por Signorini e a nossa amostra, as proporções entre enunciados simples e complexos são muito parecidas, o que nos faz pensar que a amostra seja suficientemente adequada para uma primeira comparação. Contudo, devemos notar que na nossa amostra a porcentagem de enunciados complexos é ligeiramente superior àquela do *corpus* italiano. Essa observação é interessante porque, em princípio e sem considerar outros fatores, deixaria esperar um número de tópicos um pouco maior.

Ao contrário, Signorini identificou 1327 enunciados com tópico, o que corresponde a 16,39% do total de enunciados e a 36,91% sobre o total de enunciados complexos, enquanto na nossa amostra identificamos 130 enunciados com tópico, equivalentes a 14,68% do total de enunciados e a 32,01% dos enunciados complexos, com um número de enunciados com tópico inferior àquele do italiano.

Mas o quadro se torna interessante se cruzamos esses dados com aqueles relativos à complexidade dos tópicos. De fato, Signori (2004a) identifica em seu *corpus* 1055 enunciados com tópicos simples e 272 com tópico complexo, respectivamente 79,50% e 20,50% sobre o total dos enunciados com tópico; na nossa amostra a porcentagem muda claramente: dos 130 enunciados com tópico, 86, ou 66,15%, são simples e 44, ou seja 33,85%, complexos. Portanto, esses dados nos fazem concluir que apesar da nossa amostra apresentar uma porcentagem de enunciados com tópico um pouco inferior àquela do italiano, a complexidade dos tópicos é significativamente maior.

Se esses dados devem ser tomados como referência para uma comparação inter-lingüística, devemos concluir que o PB não apresenta um número maior de enunciados com tópicos, com relação a uma outra língua românica tradicionalmente tida como conservadora, mas sem dúvida apresenta enunciados com tópicos bem mais complexos, ou seja com uma maior recursividade e/ou com maior frequência de unidades de integração textual à unidade de tópico. Trata-se, obviamente, de conclusões provisórias que devem ser verificadas sobre um *corpus* adequadamente representativo. A subseção seguinte, porem, fornece mais argumentos.

5.5.5.2 A configuração informacional

Nessa subseção, comparamos as configurações informacionais de tópicos complexos presentes na nossa amostra com aquela identificada por Signorini (2004b) no corpus de italiano. No quadro 31, temos as configurações e as ocorrências dos TOPs complexos no texto no italiano e na amostra de PB:

Quadro 31
Configuração Informacional dos TOPs Complexos no Texto 2/3

CONFIGURAÇÕES	PB		italiano	
TOP / APT	15	34%	73	6,8%
TOP1/TOP2	9	20,4%	102	37,5%
TOP/APT1/APT2	2	4,5%	17 (APT ⁿ)	6,2%
TOP1/APT/TOP2	2	4,5%	47	17,3%
TOP1/TOP2/APT	2	4,5%	16	5,9%
TOP1/TOP2/APT1/APT2	1	2,2%	--	--
TOP1/APT/TOP2/APT	3	6,8%	9	3,3%
TOP1/APT1/APT2/TOP2	2	4,5%	--	--
TOP1/APT1/APT2/TOP2/APT	2	4,5%	--	--
TOP1/TOP2/TOP3	2	4,5%	8	3%
TOP1/TOP2/APT/TOP3	1	2,2%	--	--
TOP1/APT/TOP2/APT/TOP3	1	2,2%	--	--
TOP1/APT/TOP2/TOP3/APT	1	2,2%	--	--
TOP1/APT1/APT2/TOP2/APT/TOP3	1	2,2%	--	--

A comparação entre as configurações informacionais de tópico do PB e do italiano é extremamente significativa. Apesar de termos para o PB uma amostra quase dez vezes menor daquela para o italiano, achamos no PB o dobro de configurações informacionais do que no italiano. Esse dado sozinho já seria suficiente para mostrar a liberdade configuracional do PB comparado com o italiano. Mas se olharmos para os detalhes da tabela, podemos notar que a grande diferença é devida à presença dos APTs quando o tópico é recursivo. Em caso de recursividade do TOP, o italiano parece aceitar um único APT, enquanto o português do Brasil aceita mais de um. Quando temos três tópicos, o italiano parece não admitir APT, enquanto o PB sim.

Nas configurações restantes não parece haver grande diferença, se não nas porcentagens de ocorrência, que é o dado menos confiável por duas razões: a primeira, obviamente, é o tamanho reduzido de nossa amostra; a segunda é que, se o PB apresenta mais configurações do que o italiano sobre um total de enunciados com TOP parecido ou até um pouco inferior, é natural que as porcentagens são distribuídas por um número maior de variáveis.

Mas não podemos afirmar com certeza que não existam diferenças de configurações além da distribuição dos APTs. Duas são as razões que induzem prudência a esse respeito: em primeiro lugar, o tamanho da amostra, que obviamente não pode oferecer todas as configurações possíveis na língua, como, ao contrário, é mais provável no caso dos dados sobre o italiano; em segundo lugar, a presença de alguns enunciados que parecem apresentar um número maior de tópicos e que, por prudência, foram excluídos da contagem geral. Vamos agora mostrá-los e discuti-los.

5.5.3 Os casos duvidosos

Nessa subseção, apresentamos e discutimos dois exemplos que não foram contabilizados, assim como alguns poucos outros, nas contagens apresentadas nas seções anteriores (isso poderia até ser chamado em causa para explicar o número ligeiramente inferior de enunciados com TOP no PB com relação ao italiano). A razão dessa exclusão é uma certa margem de dúvida quanto à etiquetagem, e portanto a necessidade metodológica de preferir o risco de subestimar os TOPs no PB àquele inverso, já que a nossa tese é exatamente que o PB possui uma riqueza maior quanto a essa unidade informacional.

Quanto aos exemplos, uma das possíveis etiquetagens, e na realidade a que consideramos mais provável, levaria a analisá-los como, respectivamente, configurações de quatro e seis tópicos no mesmo enunciado. Se isso for verdade, seria demonstrado, e de maneira muito evidente, que o PB não somente teria uma liberdade de correlação morfo-sintática nos TOPs muito maior do que o italiano e que teria uma liberdade muito maior na configuração dos TOPs complexos, o que já foi claramente demonstrado; poderíamos também demonstrar que o PB não possui uma restrição que parece muito rígida no italiano, o seja o fato de que a recursividade da unidade de TOP não pode ultrapassar o número de três por enunciado.

Exemplo 115: **FBA: &he / eu senti^{TOP} / &he / em muitos alunos^{TOP} / né^{FAT} / eu notei
/ em vários alunos^{TOP} / assim^{INX} / reações^{TOP} / que eu não tinha visto
antes^{COM} // (FBA II– 1A)*

Segmentado assim, o enunciado acima apresenta quatro tópicos, todos funcionalmente, entonacionalmente e distribucionalmente certamente interpretáveis

como TOPs. A dúvida nasce quanto à segmentação, pois uma alternativa possível seria a seguinte:

**FBA: &he / eu senti^{TOP} / &he / em muitos alunos^{TOP} / né^{FAT} + eu notei / em vários alunos^{TOP} / assim^{INX} / reações^{TOP} / que eu não tinha visto antes^{COM} //*
(FBA II- 1A)

Com essa segmentação os primeiros TOPs seriam parte de um enunciado interrompido e não deveriam mais ser somados aos outros dois na contagem.

O exemplo seguinte apresenta uma situação diferente, que foi resolvida somente quando este trabalho já estava pronto (e portanto, não está registrado nas contagens anteriores, mas de fato reforça as conclusões)⁴⁸:

*Exemplo 116: *ADA: mas são tantos fatores^{TOP} / que você tem que estar / levando em consideração^{APT} / no momento de sala de aula^{TOP} / que às vezes a questão^{INT} / do currículo^{TOP} / mesmo^{APT} / da sua matéria^{TOP} / da [/] do desenvolvimento^{TOP} /*
**FBA: <do desenvolvimento> /*
**ADA: / <da prática>^{TOP} /*
**FBA: <&he> [/]*
**ADA: / fica em segundo lugar^{COM} //* (FBA III -6B)

Nesse exemplo, que depois foi confirmado por outros em textos diferentes, temos uma configuração especialmente complexa com:

- um primeiro TOP, e sua APT: *mas são tantos fatores / que você tem que estar / levando em consideração*
- um segundo TOP: *no momento de sala de aula*

⁴⁸ Como já foi dito, esse trabalho faz parte de um projeto maior. Esta dissertação reflete inevitavelmente um estágio do trabalho que não é mais o estágio atual. Mas achamos que valia a pena inserir essa novidade, pela especial relevância sobre as configurações de tópico do PB.

- um terceiro TOP em forma de lista, constituído por um introdutor (que é o elemento que carrega o perfil de TOP e introduz o que é comum a todos os elementos listados) e quatro elementos dessa lista, inclusive um dotado de apêndice: *que às vezes a questão* ^{INT} / *do currículo* ^{TOP} / *mesmo* ^{APT} / *da sua matéria* ^{TOP} / *da [//] do desenvolvimento* ^{TOP} / *<da prática>* ^{TOP}.

Em prática, temos três tópicos, dos quais o primeiro com APT, o segundo sozinho e o terceiro em forma de lista que, ao seu interno, contém quatro elementos, inclusive um dotado de APT. É uma configuração nova. Ela não aparece em nenhum outro caso nos textos da amostra, mas foi achada em outros casos quando, ultimamente, foram feitas sondagens em outros textos do corpus. Parece, pela facilidade com que a lista de tópico foi achada em novas sondagens, que ela não é rara no PB. Os coordenadores do projetos C-ORAL-ROM, informados dessa novidade, notaram que ela, em princípio, não seria incompatível com o italiano, mas nunca tinha sido registrada. Novos controles, motivados por essa descoberta no PB, levaram a achar um exemplo de lista de tópico também em italiano.

5.5.4 Conclusões

Os números, as porcentagens e as configurações informacionais apresentadas pelos tópicos identificados na nossa amostra parecem sugerir uma maior complexidade de estruturação do tópico do PB que no Italiano (SIGNORINI 2004b) devido aos seguintes pontos relevantes:

- 1) a porcentagem de enunciados com tópicos complexos apresenta um claro aumento em relação ao número de enunciados com tópicos;

- 2) em apenas meia hora de fala da nossa amostra foi identificado o dobro de configurações informacionais de tópico daquelas identificadas em seis horas de fala no italiano;
- 3) os correlatos morfo-sintáticos dos TOPs no PB parecem extremamente mais livres daqueles do italiano;
- 4) em um enunciado existe a concreta possibilidade de que a restrição, presente no italiano, que determina em três tópicos o máximo de recursividade possível não seja válida para o PB. Não seria difícil de imaginar que exemplos mais claros disso faltem devido ao tamanho pequeno da amostra.
- 5) Em um caso foi achada uma configuração que inclui uma lista de tópico. Trata-se de uma contribuição especial para a teoria, que antes não previa essa configuração. Nesse caso, a comparação interlingüística mostra toda a sua potencialidade, pois achando um elemento aparentemente não raro no PB, foi possível identificá-lo também no italiano e ampliar os conhecimentos sobre a unidade em si.

A conclusão principal do trabalho, quanto ao estudo da unidade de tópico, é que o PB apresente uma riqueza configuracional e morfo-sintática muito maior daquela do italiano. Resta saber até que ponto essa maior riqueza pode chegar. Isso só vai ser possível através de um estudo sobre uma quantidade de dados significativamente maior. Para terminar, podemos avançar a hipótese de que essa liberdade, por assim dizer, pragmática do PB reflita fenômenos de contato. A esse respeito, seria de extremo interesse analisar o corpus do português europeu para verificar se o PE se comporta,

quanto à sua estruturação informacional, de maneira mais parecida a uma outra língua europeia ou à variedade brasileira.

CAPÍTULO 6

6 CONCLUSÕES

Nesta seção, apresentamos primeiramente uma síntese das etapas de aplicação da Teoria da Língua em Ato ao PB. Segundamente apresentamos os resultados mais importantes obtidos após a condução do presente estudo.

6.1 Síntese das etapas de aplicação da Teoria da Língua em Ato ao PB

Esse estudo, somado a investigação realizada por Ulisses (2008) intitulada “A unidade informacional de apêndice no português do Brasil”, objetivou verificar a aplicação da Teoria da Língua em Ato (CRESTI 2000) ao PB. Nesse estudo, realizamos a análise de três textos coletados na região metropolitana de Belo Horizonte, constituindo um projeto piloto que tem orientado a implementação e condução do projeto maior de constituição de um *corpus* do português do Brasil, o C-ORAL-Brasil (www.c-oral-brasil.org) e constituirá a quinta ramificação do projeto C-ORAL-ROM.

As etapas de condução do presente estudo foram realizadas com grau elevado de confiabilidade. Primeiramente, realizamos a transcrição dos textos no formato CHAT. Em seguida, segmentamos os turnos de fala dos textos em enunciados através da identificação de quebras prosódicas com valor terminal e em unidades tonais, através da identificação de quebras prosódicas com valor não-terminal. Posteriormente, realizamos a etiquetagem das unidades tonais em unidades informacionais, e

finalizamos com o alinhamento do texto com o seu sinal acústico através da utilização do software Winpitch.

6.2 Resultados mais importantes

Os principais resultados do trabalho envolveram:

- a identificação de algumas medidas da fala do PB, que podem portanto ser comparadas com aquelas das outras línguas do C-ORAL-ROM. As medidas do PB refletem, em linha geral, uma organização da fala comum às outras línguas. Para detalhar diferenças é preciso que os dados sejam extraídos de uma amostra maior. Ficaram claros, nesse trabalho, dois pontos importantes e já registrados no C-ORAL-ROM: a) que a fala se estrutura diferentemente dependendo da tipologia dialógica ou monológica; b) que algumas conjunções podem ter função pragmática e não sintática, ligando atos de fala ou unidades informacionais e não sintagmas;
- a alta ocorrência de comentários de relação necessária em textos com estrutura tendencialmente dialógica: o aprofundamento sobre esse ponto permitiria verificar como a estrutura dos textos pode influenciar nessa ocorrência, afetando assim o nível de elaboração da fala dos participantes da interação; mas a frequência desse tipo de ilocução múltipla parece ser maior do que no italiano, dado a ser verificado em uma amostra maior;
- a frequência e as configurações da unidade de tópico e seus correlatos morfossintáticos. Ficou evidente que essa unidade possui frequências e tipologias muito diferentes dependendo do tipo de interação (dialógica versus

monológica); que os correlatos morfossintáticos no PB são extremamente livres; que as configurações informacionais no PB são muito mais numerosas.

Ressaltamos algumas especificidades do PB que aparecem de maneira marcada, em comparação ao italiano, e que merecem ser aprofundadas em estudos posteriores:

- a maior frequência de tópicos verbais, que chegam a ter uma proporção quase igual a aquela dos tópicos nominais, contrariamente ao que acontece no italiano;
- a grande liberdade e variação de configurações de tópicos complexos, extremamente maior do que no italiano, apesar do tamanho reduzido de nossa amostra. Esse aspecto é especialmente original, pois parece mostrar que o PB possui uma organização muito mais “pragmática” e livre do que o italiano;
- uma menção especial merece a configuração que prevê a lista de tópicos, configuração que foi identificada pela primeira vez durante a aplicação da teoria ao PB, levando à inserção na teoria de uma possibilidade não conhecida antes.

Do ponto de vista teórico seria extremamente interessante comparar os resultados obtidos na análise de duas línguas como o italiano e PB com um estudo do PE. O italiano compartilha com o PE a mesma matriz cultural européia, enquanto PB e PE se constituem como duas variantes da mesma língua-código. Ter os dados sobre a estruturação informacional do PE permitiria verificar se essa língua se comporta de maneira mais parecida com a sua variante não européia ou com outra língua românica da mesma matriz geo-cultural. Esse tipo de estudo poderia iluminar aspectos relevantes do contato lingüístico e mostrar se as especificidades do PB se devem à peculiar história de contato com línguas não européias.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. London: Oxford University Press, 1962.
- BALLY, C. *Linguistique générale et linguistique française*. Berna: Francke Verlag, 1932.
- BUCHMAN, et al. *Annotation of prominent words, prosodic boundaries and segmental lengthening by no-expert transcribers in the spoken Dutch corpus*. LREC, 2000. p. 779-785.
- BURNS, A. *Collaborative action research for English language teachers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In LI, C. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976.
- CRESTI, E. Definizione dell'enunciato e pragmatica. In: L. Brasca e L.M. Zambelli (Orgs.). *Atti del V° Convegno nazionale GISCEL. Grammatica del parlare e dell'ascoltare a scuola*. Firenze: La Nuova Italia, 1992. p. 51-77.
- _____. Information and intonational patterning in Italian. In: Ferguson, B. – Gezundhajt, H. – Martin, Ph. (Orgs.). *Accent, intonation et modèles phonologiques*. Toronto: Editions Mélodie, 1994. p. 99-140.

_____. Speech act units and informational units. In: E. Fava. *Speech Acts and Linguistic Research*. Proceedings of the Workshop, July 15-17, 1994. Buffalo: Center for Cognitive Science – Padova: Nemo, 1995, p. 89-107.

_____. *Corpus di italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca. 2000, 2 vol. + CDRom.

_____. Per una nuova definizione di frase. In: P. Bongralli, A. Dardi. M. Fanfani, R. Tesi (Orgs.). *Studi di storia della lingua italiana offerti a Ghino Ghinassi*. Firenze: Le Lettere, 2001. p. 511-550.

_____. L'articolazione informativa topic-comment e comment-appendice: correlati intonativi. In: Regnicoli, A. (Org.), *La fonetica acustica come strumento di analisi della variazione linguistica in Italia. Atti delle XII Giornate del Gruppo di Fonetica Sperimentale (XII GFS)*. Roma: Il Calamo, 2002. p. 153-160.

_____. *Enunciato e frase: teoria e verifiche empiriche*. In: M. Biffi, O. Calabrese, L. Salibra (Orgs.). *Italia Linguistica: discorsi di scritto e di parlato. Scritti in onore di Giovanni Nencioni*. Siena: Prolagon, 2005. p. 249-260.

CRESTI, E.; MARTIN, P.; MONEGLIA, M. L'intonazione delle illocuzioni naturali rappresentative: analisi e validazione percettiva. In: Delmonte, R. (Org.). *Atti delle IX giornate del gruppo di fonetica sperimentale (AIA)*. Padova: Unipress, 1998. p. 51-63.

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. (Orgs.). *C-ORAL-ROM. Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*. Amsterdam-New York: John Benjamins, 2005 + DVD.

DANES, F. *A three-level Approach to Syntax*. TLP, 1964. p. 225-240.

FIRBAS, J. On the concept of communicative system in the theory of functional sentence perspective. In *Sborník Prague Filosofické Faculty Brněnské University*, A19, 1971.

FIRENZUOLI, V. Ordine e istruzione-Espressione di incredulità e contrasto. Descrizione di profili intonativi dal *corpus* di italiano parlato LABLITA. In: Locchi, D. (Org.). *Il parlante e la sua lingua. Atti delle X giornate di studio del gruppo di fonetica sperimentale (AlA)*. Napoli: Istituto Orientale, 2000a. p. 99-110.

_____. Metodologie sperimentali per l'identificazione di profili intonativi di valore illocutivo a partire dal *corpus* LABLITA. In: *Atti del VI Convegno SILFI*. Duisburg: Università di Duisburg, 2000b.

_____. Verso un approccio allo studio dell'intonazione a partire da *corpora* di parlato: esempi di profili intonativi di valore illocutivo dell'italiano. In: Maraschio, N. *Atti del XXXIV Congresso internazionale di studi della SLI "Italia linguistica anno Mille – Italia linguistica anno Duemila"*. Roma: Bulzoni, 2003. p. 535-550.

FIRENZUOLI, V. Correlazioni e criteri di variazione tra articolazione dell'informazione e morfosintassi in un *corpus* di italiano parlato. In: *Quaderni del Dipartimento di Linguistica, Università di Firenze, Unipress: Firenze*, 2000. p.87-106, V. 10.

FIRENZUOLI, V. – SIGNORINI, S. L'unità informativa di topic: correlati intonativi. In: *Atti delle giornate del gruppo di fonetica sperimentale (XIII GFS)*. Pisa: ETS, 2003. p. 177-184.

FIRENZUOLI, V. – TUCCI, I. L'unità informativa di inciso: correlati intonativi. In: *Atti delle XIII giornate del gruppo di fonetica sperimentale*. Pisa: ETS, 2003a. p. 185-194.

_____. Il verbo “dire” nell'italiano parlato: articolazione informativa e sintassi. In: Giacomo-Marcellesi, M. (Org.). *Atti del XXXV Congresso Internazionale di Studi della Società di Linguistica Italiana (SLI)*. Roma: Bulzoni, 2003b.

_____. Una strategia di costruzione del testo parlato: l'introduttore locutivo. In: *Atti del Convegno “Il parlato italiano”*, NO PRELO.

FROSALI, F. Il lessico degli ausili dialogici. Prospettive nello studio del lessico Italiano. In: *Atti del IX Congresso internazionale della Società di Linguistica e Filologia Italiana*. Firenze: Cesati, 2006.

GABELENTZ G. von der. (1869) *Ideen zu einer vergleichenden Syntax*. Wort- und Satzstellung. "Zeitschrift für Volkerpsychologie und Sprachwissenschaft", 6 , pp. 376-384.

GIANI, D. Una strategia di costruzione del testo parlato: l'introduttore locutivo. In: F. Albano Leoni *et al.* (org.). *Atti del convegno nazionale "Il parlato italiano"*. Napoli: D'Auria, p. 1-11.

_____. Il discorso diretto riportato nell'italiano parlato. In: E. Burr (Org.). *Atti del VI convegno SILFI - Tradizione e innovazione - Duisburg 28.06/02.07 2000*. Firenze: Cesati, 2005.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. In: *Journal of linguistics*, 3, 1967. p. 177-244.

t'HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. *A perceptual study on intonation. An experimental approach to speech melody*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

HOCKETT, Ch. F. The problem of Universals in Language. In: GREENBERG, J. H.; CAMBRIDGE, M. *Universals of Language*, 1963. p. 1-22.

LAMBRECHT, K. *Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representation of discourse referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LI, C.; THOMPSON S. A. Subject and topic: a new typology of language. In LI, C. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976.

MACWHINNEY, B. *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk*. Hilldale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1994.

MARTIN, P. (2006) WinPitch Pro. Disponível em: <http://www.winpitch.com/winpitch_pro.htm>. Acesso em: 14 de Março de 2006

MATHESIUS, V. La linguistica funzionale, trad. it. in R. Sornicola, 1929 – In : SVOBODA, A. *Il campo di tensione. La sintassi della scuola di Praga*. Napoli: Liguori Editore, 1991, p. 97-112.

MONEGLIA, M. Le corpus Lablita. In: BILGER, M. (ed.). *Corpus: Méthodologie et Applications Linguistics*. Paris: Champion, 2000. P. 49-56.

MONEGLIA, M. The spoken romance *corpus*: comparability in a multilingual general resources of spontaneous speech. In: Firmonte D. *A cura di, Informatica umanistica: dalla ricerca all'insegnamento. Proceedings of the CLIP seminars 1999 -2000*, Roma: Bulzoni, 2002. p. 160-184.

MONEGLIA, M. , CRESTI, E. L'intonazione e i criteri di trascrizione del parlato. In: Bortolini U., Pizzuto E. (a cura di). *Il progetto CHILDES Italia*, vol. II, Il Cerro, Pisa, 1997. p.57-90.

MONEGLIA M., SCARANO A.; SPINU, M. *Validation by expert transcribers of the C-ORAL-ROM prosodic tagging criteria on Italian, Spanish and Portuguese corpora of spontaneous speech*. Firenze: Projeto C-ORAL ROM, 2002. 24 p. Relatório

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RASO, T.; MELLO, H.; JESUS, A.; DEUS, L. Uma aplicação da teoria da língua em ato ao português do Brasil. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, 2007.

SAUSSURE, F. *Cours de linguistique generale*. Payot: Paris, 1916.

SEARLE, J. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SIGNORINI, S. Il Topic: criteri di identificazione e correlati morfosintattici in un corpus di italiano parlato. In: F. Albano Leoni ; F. Cutugno; M. Pettorino – R. Savy (a c. di) *Atti del convegno nazionale ""Il parlato italiano""*. Napoli: M. D'Auria Editore, 2004a, p. 15-39.

SIGNORINI, S. L'unità di topic: caratteristiche e frequenza in un corpus di italiano parlato. Il topic complesso. In: P. D'Achille (a c. di) *Generi, architetture e forme*

testuali. Atti del VII convegno internazionale SILFI. Firenze: Franco Cesati, 2004b, p. 227-238.

TUCCI, I. L'inciso: caratteristiche morfosintattiche e intonative in un *corpus* di riferimento. In: *Atti del Convegno "Il parlato italiano"*. Napoli: D'Auria M., 2004. p. 1-14.

TUCCI, E. L'unità di appendice in un *corpus* di italiano parlato (C-ORAL-ROM): caratteristiche intonative, semantiche e morfo-sintattiche. Tesi de laurea triennale in italianistica. Università degli studi di Firenze, Facoltà di lettere e filosofia, anno accademico 2005/2006.

ULISSES, Andréa de Jesus. *A unidade de apêndice no português do Brasil*. 2008. 242 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

GLOSSÁRIO

Estrofe: Fenômeno em que a correspondência biunívoca entre unidade tonal e unidade informacional, e entre enunciado e um único comentário desaparece devido à perda do caráter interativo e afetivo da fala. O texto resultante é caracterizado por uma seqüência de mais comentários com o mesmo valor ilocucionário.

Variação diafásica: refere-se ao contexto sociológico de utilização da língua que pode ser familiar, público ou privado.

Variação diamésica ou diamesia: refere-se aos meios utilizados na interação comunicativa tais como a escrita ou a fala, e o rádio, telefone ou interações presenciais.

Variação diastrática: refere-se às características individuais dos participantes da interação comunicativa como sexo, idade, nível de formação e ocupação profissional.

Variação diatópica: refere-se à origem geográfica dos participantes de uma interação comunicativa.